

OS PROTOCOLOS

uma HISTÓRIA



GIORGIA MARCUCCI

OS PROTOCOLOS
Uma HISTÓRIA

GIORGIA MARCUCCI

CRÉDITOS

- » **Autora:** Giorgia Marcucci (giorgia@athos.ppg.br)
- » **Projeto gráfico:** More-AI | Mozart Acs e Paula Rindeika (www.more-ai.com.br)
- » **Capa | Ilustrações:** Criadas por Mozart Acs com auxílio de Inteligência Artificial, tendo por parâmetro os pintores russos Apollinary Vasnetsov e Viktor Vasnetsov, contemporâneos de Sergei Nilus, personagem principal de Os Protocolos – Uma História.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marcucci, Giorgia

Os protocolos [livro eletrônico]: uma história / Giorgia Marcucci.

-- Guarujá, SP: Ed. da Autora, 2023.

PDF

ISBN 978-65-00-89234-5

1. Ficção brasileira I. Título.

23-186240

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira B869.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

© Todos os direitos são reservados.

Nenhuma parte desta edição pode ser gravada, armazenada e/ou reproduzida em sistemas eletrônicos, fotocopiada ou quaisquer outros meios sem autorização prévia dos autores, em conjunto com os criadores do Projeto Gráfico e Ilustrações.

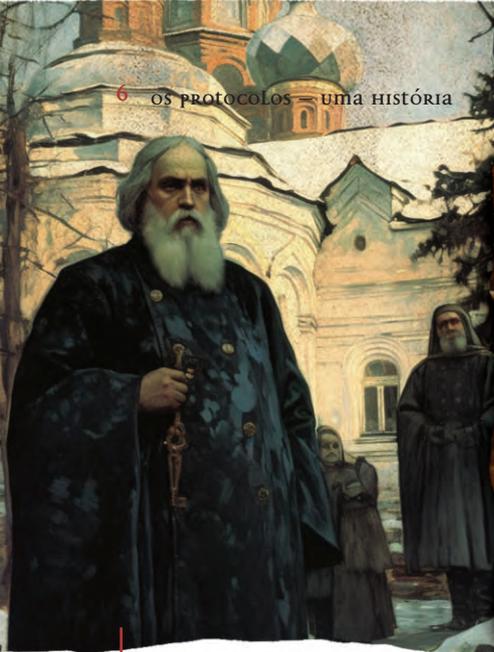
*para Renato de Albuquerque,
a quem muito é devido, incluída a Luz
emanada do saber que deu rumo às
posturas de tantos quantos têm a sorte
e a honra de com ele conviver.
Um grande pensador que
ensina a pensar.*

SUMÁRIO

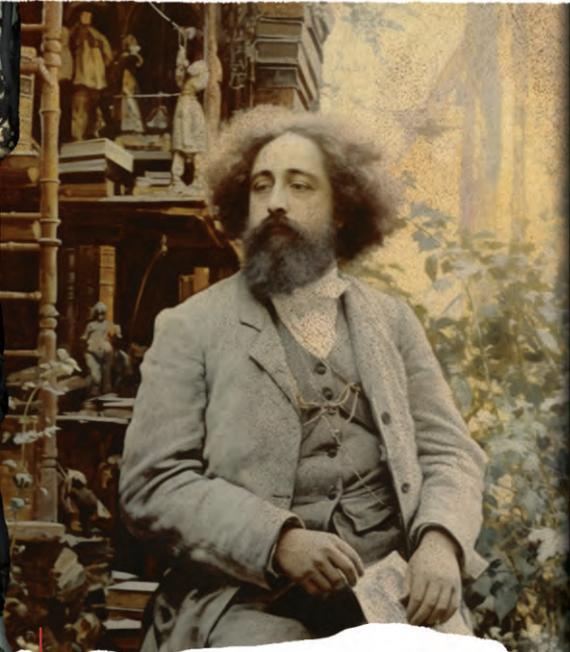
INTRODUÇÃO	6
PRÓLOGO	12
1. Lembranças	20
2. O INÍCIO	30
3. Na alma, a DÚVIDA	38
4. O OLHAR e o VER	46
5. O CLARO e o ESCURO	50
6. a TORRENTE	56
7. CONFRONTO	60
8. NO PASSADO, o PRESENTE	66
9. witte, butmi, eLENA	74
10. Na ESTRADA, à ESPREITA	78
11. ETERNA PROCURA	84
12. NASCE a MORTE	90
13. saLto para o futuro	96
14. meio CAMINHO, CAMINHO INTEIRO	100
15. tudo e nada, SOMBRA e LUZ	106
16. NEM VENCIDO, NEM VENCEDOR	112
17. RUMO INCERTO	120
18. DECISIVO ENCONTRO	124
19. a carta	130
20. eLO DA CORRENTE	134
21. a decisão	138
22. QUANDO IR é ficar	144
23. REVERSO	150
24. NOVAS REVELAÇÕES	158
25. a peregrinação	162
26. "O GRANDE NO PEQUENO" - apêNDICE	172
SOBRE OS AUTORES	178







Sergei Alexandrovich Nilus



Maurice Joly

INTRODUÇÃO

Sergei Alexandrovich Nilus, um cristão ortodoxo; Maurice Joly, um sátiro; Theodor Herzl, um iluminista; e Danaer Llas-cio, um solitário cidadão do mundo produzem *Os Protocolos – Uma História*. A trama é engendrada pela realidade. É real a maioria dos personagens, embora, em alguns casos, seus nomes sejam fictícios e suas histórias, sem exceção, romanceadas. Ambienta-se no real a grande maioria dos fatos históricos relatados, contudo, estão pontilhados de ficção e das conclusões pessoais de um pseudo-observador que não tem qualquer compromisso com a verdade histórica.

O cenário mundial em que a trama toma corpo marca período de grandes transformações. Como sempre ocorre em épocas similares, confrontam-se nos bastidores aguerridos defensores do *status quo* e não menos



Theodor Herzl



Danaer Llascio

afeitos arautos das novas verdades. Assim, um resumo se faz necessário para introduzir trama e personagens, evitando ao leitor ver-se obrigado a pesquisar a história para compreender o enredo.

Os *Protocolos dos Sábios do Sião* constituem apêndice inserido na obra intitulada *O Grande no Pequeno*, editada pelo russo Sergei Alexandrovich Nilus, que teria sido registrada na Biblioteca do Museu Britânico sob o número 3.926. O selo de entrada seria datado de 10 de agosto de 1906.

Para muitos, o apêndice de *O Grande no Pequeno* é uma escrita maldita. Foi publicada pela primeira vez na Rússia, provavelmente em 1901, pelo mesmo Nilus, na forma de um libelo “denunciando os perigos do anticristo para a humanidade”. Até os dias atuais, centenas de milhares de exemplares do libelo vêm sendo editados, em mais de 80 idiomas. Os *Protocolos dos Sábios do Sião* é obra considerada maldita porque, desde sempre, é entendida por muitos como terrível e avassaladora propaganda antisemita. Não raro, hoje assim como em outras

épocas, são retiradas das livrarias reedições de *Os Protocolos*, sob pretexto de instigarem o ódio racial.

Trata-se de 24 atas, as quais, segundo seus defensores, teriam sido produzidas por um conselho *maçom-sionista* durante reuniões secretas, a maioria na França, finalmente reunidas e discutidas nos bastidores do Congresso da Basileia, realizado em 29 de agosto de 1897 na cidade suíça que lhe emprestou o nome - realização atribuída aos esforços de Theodor Herzl, que também dirigiu o congresso. Ao longo do tempo, o conteúdo das atas vem sendo mencionado por muitos como o enunciado de estratégias a serem utilizadas pelos judeus – e aqui já começa a confusão entre judaísmo, uma religião; e sionismo, um movimento político -, “para dominar o mundo através da força econômica, do despotismo e da desagregação familiar dos *gentios*” (ou não judeus).

Para os seus detratores, *Os Protocolos dos Sábios do Sião* foram forjados pela Okhrana, a polícia política do czar Nicolau II, com intuito de acirrar o ódio contra os judeus. Os textos que constituem as 24 atas seriam, em sua grande maioria, plagiados de obra escrita em 1864 pelo francês Maurice Joly, sob título *Diálogo no Inferno entre Montesquieu e Maquiavel*. De fato, a comparação entre os dois textos aponta inúmeras e inegáveis semelhanças.

Com quem estaria a verdade? Talvez com ambos, detratores e defensores. As épocas imediatas que precederam e sucederam ao surgimento de *Os Protocolos* trazem fatos cuja reflexão pode muito bem apontar para uma via de mão dupla.

O século 18, rotulado como o Século das Luzes, pródigo em artistas e pensadores, entre seus inúmeros movimentos intelectuais viu aflorar o Iluminismo, nascido deísta – enquanto deus Natureza, residindo indistintamente no homem, porém, anticlerical. Para um iluminista, a

razão era – e é – o único caminho para a liberdade individual, a paz de espírito e, conseqüentemente, a felicidade.

Instado no coração da revolução intelectual do Século das Luzes, o iluminismo foi o grande incentivador da investigação científica, numa caminhada gradativa para o rompimento entre as searas da religião e da ciência. O homem estava sendo convidado a pensar e agir livre dos “grilhões entorpecedores da visão medieval teocêntrica”, e a “rejeitar a submissão cega à autoridade”. De uma só tacada, o iluminismo pregava contra os dois principais poderes vigentes - os impérios hereditários e a Igreja. A filosofia iluminista teve, dentre as suas principais figuras, John Locke; Denis Diderot; Jean Jacques Rousseau e François Marie Arouet Voltaire, o mais afoito entre os iluministas franceses e para quem a Igreja era a principal fonte da ignorância e do fanatismo.

Embora esses homens - assim como o iluminismo - tenham incontestável importância, o interesse, para o contexto de *Os Protocolos – Uma História* é restrito a dois iluministas. Um deles é Charles de Secondat Montesquieu, não enquanto tal, mas como personagem do *Diálogo no Inferno*, de Maurice Joly (de onde, dizem os detratores da obra, teriam sido copiados trechos para reprodução original dos *Protocolos*). Nessa obra, Montesquieu encarna o “bem”, contrapondo-se ao “mal” ilustrado por Maquiavel.

O outro iluminista contextualizado neste romance é o húngaro Theodor Binyamin Zeev Herzl, o “visionário do sionismo”. Nascido em Budapeste, em família burguesa que cedo se transferiu para Viena, Theodor Herzl obteve doutorado em direito pela Universidade da capital austríaca. Ao somar às suas lides a literatura, a dramaturgia e o jornalismo, Herzl seguiu enfatizando o iluminismo germano-judeu, sob cujos preceitos foi educado.

Diz a história que uma das principais alavancas para a realização do Congresso da Basileia foi o Caso Dreyfus, ocorrido em 1894, na França,

quando Herzl exercia em Paris a função de correspondente do periódico vienense *Neue Freie Presse*. À época, a França - assim como a Rússia - vivia forte clima antisemita, o qual teria sido a causa motivadora da injusta acusação de traição de que foi vítima o capitão Alfred Dreyfus. Por conta de calúnia, despojado de suas patentes e detratado até mesmo por influentes líderes judeus da época, Dreyfus foi motivação para que multidões se reunissem nas ruas de Paris, aos gritos de “Morte aos Judeus”. Tais manifestações teriam constituído a cena que, definitivamente, empurraria Herzl a buscar os meios para viabilizar movimento organizado de coleta de fundos junto a judeus de todas as partes. A motivação foi “estabelecer um Estado Judeu reconhecido pelas grandes potências, sede de sociedade neutra, pacifista e secular”. Em outras palavras, uma sociedade iluminista.

Esse foi o objetivo de Herzl para realizar o Congresso da Basileia, durante o qual foi constituída a Organização Sionista, consolidando o movimento arrecadatório mundial e instituindo o órgão político do povo judeu. Durante a instituição da Organização Sionista, Theodor Herzl foi eleito o primeiro presidente. A partir da realização do Congresso da Basileia, as histórias de Theodor Herzl e Sergei Alexandrovich Nilus - figura central deste romance - se entrelaçam, embora muito provavelmente ambos nunca tenham se encontrado.

Entra em cena o cristão ortodoxo Sergei Alexandrovich Nilus, que tinha em comum com Theodor Herzl o diploma de direito, o jornalismo, a dramaturgia e a produção literária. Afoito defensor dos princípios do cristianismo, Nilus - intelectual, andarilho, poeta, vidente, monge - empenhava-se em produzir obras que defendiam a presença de Deus na família e nos costumes e a valorizar a importância de Cristo na reconciliação do homem com seu Criador.

Até que chegaram às mãos de Nilus as atas supostamente produzidas nos bastidores do Congresso da Basileia. No mundo real, é controverso de que forma tais atas chegaram às mãos de Nilus, assim como quem as entregou a ele. Porém, elucidar este fato, verdadeiramente, não está em questão aqui, nesta pequena porção do mundo irreal. Nem mesmo está em questão se, realmente, Nilus recebeu as atas ou as produziu; se as intitulou ou as recebeu intituladas. Neste *Os Protocolos – Uma História*, a ficção que envolve Nilus romanceia suas dores e seus temores e, ao final, termina exatamente como Nilus terminou seu livro, ou seja, com O Grande no Pequeno – talvez, revelação” que deva ser levada a sério ou, no mínimo, instigar reflexões.

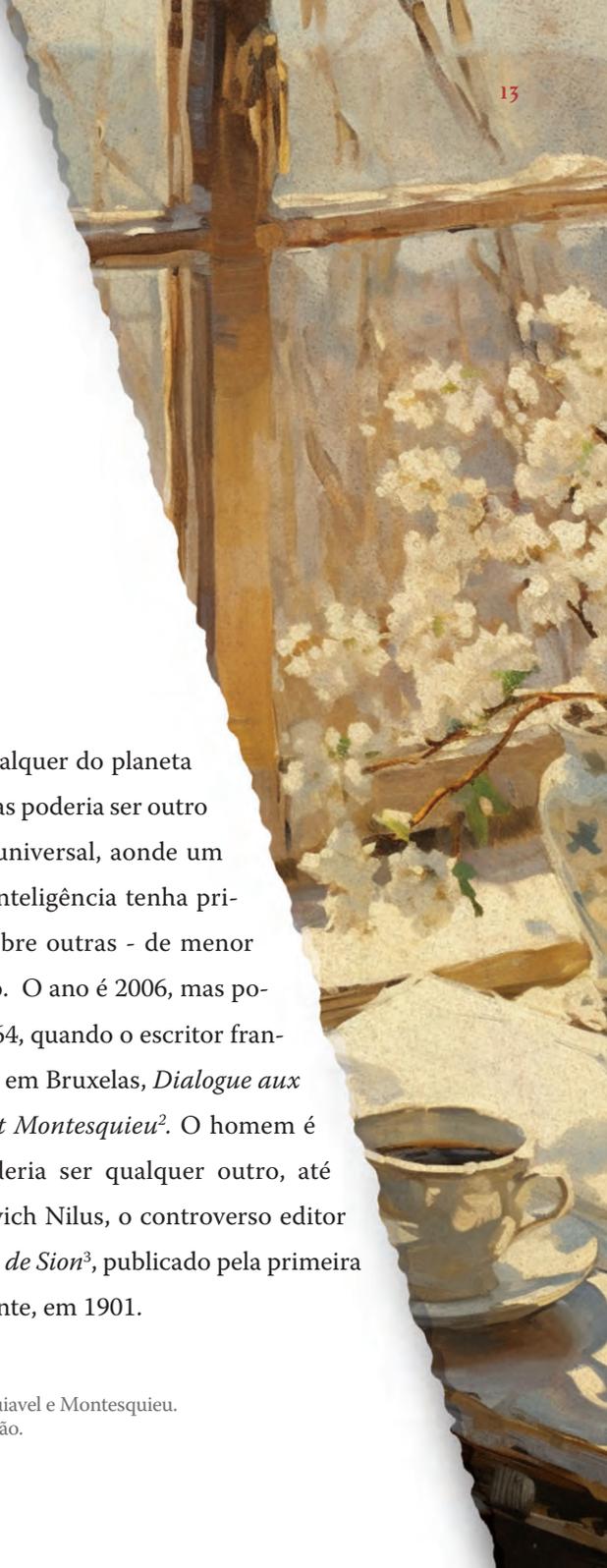
A motivação paralela para este romance é a obscuridade à qual Nilus foi relegado pela história. Joly, Maquiavel, Montesquieu, Herzl e tantos mais que impactaram a história e tiveram alguma presença no enredo de *Os Protocolos* foram retratados à farta no decorrer do tempo. Esses personagens impactaram inclusive a história de Nilus, porém, diferente daqueles, este é ignorado, quando pouco; e, quando muito, amaldiçoado por “instigar o ódio contra os judeus”.

Em *Os Protocolos – Uma História*, os coadjuvantes são personagens famosos, como os citados. O ator principal é Nilus, não tanto como personagem real – culpa da história que o relegou, portanto, a ele oculta -, mas como um enunciado de conflitos, amores, desejos e fé. Inexiste uma verdade comprovada acerca de *Os Protocolos dos Sábios do Sião*. É lógico concluir que tal verdade confronta interesses de diferentes facções porque, à época, ninguém se interessou realmente por desvendá-la, o que é uma grande falha estratégica, pois, uma vez estabelecida, a verdade cessaria a especulação e diminuiria, até desaparecer, o interesse pelos originais. Assim, a história sobre os *Protocolos* pode ser qualquer uma. Inclusive, a que vem a seguir.

PRÓLOGO

Para o coração, todas as boas histórias são um mesmo tipo de história – a história escrita por um homem particular, baseada em sua verdade individual.¹

1- Do livro *O Zen e a Arte da Escrita*, do romancista e contista norte-americano Ray Douglas **Bradbury** (1920-2012), que abraçou o gênero ficção com extraordinária destreza. É autor de vários trabalhos adaptados para o cinema, como *Fahrenheit 451*, de 1953, tida como uma das principais obras de ficção do século 20.

A painting of a still life scene. In the foreground, a white ceramic cup filled with dark coffee sits on a matching saucer. To the right, a glass vase holds a bouquet of white cherry blossoms with green leaves. The background shows a window with a wooden frame, looking out onto a bright, sunlit scene with more cherry blossoms. The overall style is soft and impressionistic, with warm tones and visible brushstrokes.

O país é qualquer do planeta Terra, mas poderia ser outro recanto universal, aonde um tipo de inteligência tenha primazia sobre outras - de menor ou nenhum discernimento. O ano é 2006, mas poderia ser, por exemplo, 1864, quando o escritor francês Maurice Joly publicou, em Bruxelas, *Dialogue aux Enfers entre Machiavel et Montesquieu*². O homem é Danaer Llascio, mas poderia ser qualquer outro, até mesmo Sergei Alexandrovich Nilus, o controverso editor de *Les Protocoles des Sages de Sion*³, publicado pela primeira vez na Rússia, provavelmente, em 1901.

2 - Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu.

3 - Os Protocolos dos Sábios do Sião.

Acomodado na mesinha discreta do recanto da livraria destinado à leitura gratuita de jornais – seus poucos recursos não lhe permitiam investir em aquisições diárias -, Llascio lê o noticiário do dia, recheado dos desdobramentos de recentes escândalos políticos. Lê e relembra sua reação aos resultados das eleições em 2002, quando o partido que elegeu o presidente com impressionante número de votos teve ínfimos resultados com a eleição de governadores.

À época, o partido tão bem sucedido nas eleições presidenciais apostara grande número de moedas na eleição de poderes legislativos, aparentemente relegando o executivo – exceção feita ao presidente. A constatação levava Llascio a concluir que a estratégia do partido vencedor, embora plantada num cenário presidencialista, desenhara e obteve um governo “parlamentarista”. Bom ou ruim? Ninguém poderia concluir com certeza, até que a real finalidade da intenção fosse materializada nas futuras ações governamentais.

Agora, o jornal à frente de Llascio funciona como um resumo dos trágicos acontecimentos que, calcados numa legislatura refém – por legenda ou por dinheiro -, enlamearam a política do país. Este pensamento fluía na porção universalizada de Llascio, mas uma direção diferente era apontada por sua outra porção, fortemente individualizada durante anos a fio de monólogos, cujos ouvintes eram tão somente a razão, os livros e os jornais.

Desde que instituído, eu sabia que o “presidencial-parlamentarismo” seria um desastre para o país - monologava a porção enclausurada de Llascio, enquanto buscava na memória uma referência para a direção que seu pensamento buscava seguir. Há uma referência para o que o país está vivendo agora, pensava, mas onde teria lido sobre o assunto?

Discreto ruído o faz voltar-se para a mesinha ao lado, aonde um jovem casal acabara de acomodar-se. Vestidos com despojo, mochilas

apoiadas junto às cadeiras, os jovens entabulam um diálogo em francês que os revela turistas. Por instantes, Llascio é arrebatado dos seus pensamentos pela sonoridade do idioma que o encanta desde tenra idade. Foi então que a palavra *joie*, dita no meio de uma frase, funcionou como destrave para sua memória. A semelhança entre sons verbais remeteu Llascio a Joly. Maurice Joly.

Apressadamente, ele devolve ao suporte o jornal que lia e volta para casa, com objetivo determinado e urgente de reler o *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, obra brilhantemente produzida por Joly, satirizando o autoritarismo de Napoleão III. Llascio recorda apenas que, há cerca de dez anos, ao ler a obra a considerara contundente. Nada mais fluía na sua memória. Esforçava-se para ir além, aumentando sua ansiedade para conferir se, realmente, a escrita de Joly refletia um modelo semelhante ao praticado pelo *presidencial-parlamentarismo* vigente em seu país.

Llascio poderia vencer de olhos vendados o trecho entre a livraria e a sua casa, tantas vezes o percorrera. Entre edifícios residenciais típicos de moradia para a classe média, ele atravessa o primeiro quarteirão passando pela padaria requintada, cujos pãezinhos nem sempre correspondiam ao *quente a qualquer momento*, mensagem exibida por um tremelusco painel eletrônico. No quarteirão seguinte está o colégio quase centenário, cujo ensino de boa qualidade rendeu cofres recheados à irmandade diretora, a julgar pelos edifícios que ao longo dos anos foram anexados ao conjunto principal, numa expansão que sacrificou algumas residências de famílias tradicionais do bairro.

O quarteirão termina onde começa a pizzaria, que contorna a esquina e se estende até alcançar a garagem de luxuoso prédio. Algumas passadas a mais e Llascio conclui os 200 metros que dão acesso à rua

“dele”. Bem arborizada, a calçada direita é ocupada pela fachada do prédio luxuoso, por um estacionamento e, na sua maior extensão, pelos fundos do colégio, que se transformam em fachada quatro vezes ao dia, quando os pais levam e buscam filhos estudantes, parando automóveis em fila tripla, discutindo com seus pares motoristas e promovendo um buzinaço de tirar qualquer um do sério.

Na calçada oposta, um bufê infantil, um prédio residencial antes e, logo a seguir, o pequeno jardim da casa de Llascio, espremido entre o edifício residencial que tomou o lugar do restaurante chinês e a sofisticada clínica de estética que conclui esta calçada do quarteirão, fazendo-a menor do que sua oposta.

Altas grades de ferro protegem o jardim. Enquanto procura a chave para abrir o portão, Llascio relembra os tempos quando Lye comandava o então restaurante vizinho com mãos de ferro e sorriso no rosto. Relembra as incontáveis madrugadas que passara debruçado diante da máquina de escrever - estrategicamente colocada junto à janela para permitir que, vez ou outra, tirasse os olhos do papel para espiar pela janela o palco onde a lua, as estrelas, os planetas dançavam a dança do tempo. Somente um estreito corredor, entrada para a porção térrea independente, separava sua casa do restaurante de Lye.

Para descansar, pontualmente, a uma hora da madrugada, mesmo quando era grande o número de frequentadores, Lye subia ao andar superior da exótica casa que abrigava seu restaurante. Acomodava-se junto à janela, exatamente na mesma direção da janela de Llascio e, enquanto sorvia o seu perfumado chá, também pontualmente perguntava, com a melodiosa voz carregada de sotaque chinês - *Já não é hora de dormir?*

Querida e inesquecível Lye! Uma amiga ocasional, mas tão presente! Amiga das madrugadas, janela com janela, o forte sotaque

lembrando que madrugada é para dormir e, quase imediatamente depois, o toque da campainha anunciando seu emissário. Llascio descia os três lances de escada, abria a porta, atravessava o jardim, abria o portão e recebia das mãos do garçom que queria ser detetive particular uma porção de camarões empanados e o drinque da casa – uma espécie de daiquiri, que Llascio nunca dispensava como aperitivo quando jantava no Silver Dragon, e por isso Lye deduzira ser uma das suas preferências. O garçom trazia também o molho agri-doce que, igualmente, Lye identificara como uma das paixões gastronômicas do seu vizinho.

Nas madrugadas das escritas e das estrelas, os camarões empanados e os *daiquiris chineses* eram gratuitos. Gentileza de Lye, do alto dos seus 72 anos que ninguém ousaria supor. Nenhuma ruga, nenhum cabelo branco, nenhuma hesitação. Às vésperas de ano novo, e destas vezes durante o dia, Lye tocava pessoalmente a campainha, trazendo presentes. Uma linda e pequenina cuia de porcelana, ilustrada com motivos orientais, para tomar bebidas; um pergaminho impresso com letras chinesas, para desejar fartura e sucesso e tantos mais, até o último, às vésperas do fechamento do restaurante para dar lugar ao prédio aonde hoje, na janela do segundo andar, infinitamente menor do que a janela de Lye, tudo o que se vê é a tela impeditiva do suicídio de um casal de *poodles* que consegue fazer mais barulho do que o buzinaço de todas as mães e pais clientes do quase centenário colégio.

O último presente de Lye foi um pequeno quadro, desses que reproduzem peças em alto relevo, feitas delicadamente em madeira. Uma sala com poltroninha, almofadas, estande com livros e até um quadro na parede. Lye estava se despedindo. Cedera às pressões para fechar o restaurante, em prol da *boa causa* de dar lugar a um prédio residencial.

Iria para a Suíça, tratar-se de um câncer. Llascio espantara-se. Câncer? Como assim, câncer? O forte sotaque chinês e o eterno sorriso responderam - *São coisas que acontecem!*

Acontecem, mas não deveriam acontecer, pensa Llascio, já vencendo a totalidade do percurso entre a livraria e sua casa. Abre o portão e atravessa o pequeno jardim. Na lateral esquerda, uma cerca viva de *Lágrimas de Cristo* e junto a ela o limoeiro anão, poleiro de uma arara em madeira e suporte para um móvel, com sonoros caninhos de metal pendendo de um papagaio, também de madeira. Orquídeas, avencas (habitat de um tucano fabricado artesanalmente em madeira, por índios de Mato Grosso do Sul), a linda florzinha *maria-sem-vergonha* de várias cores, azaleias, rosas e um espaço central ocupado por um manacá que deveria ser o companheiro do chafariz desejado há quase três décadas e nunca concretizado.

Llascio chega à porta de entrada, emoldurada por uma hera que cobre toda a fachada e, às vezes, quando a poda demora a ser feita, invade a pequena sacada do andar superior, enredando-se por entre as frestas que compõem o desenho da balaustrada. Llascio abre a porta e, apressado, sobe os três lances de escada, serpenteando por um pé direito altíssimo, iluminado por um vitral. Entra na sala e vai direto para a pequena estante onde guarda os livros que mais aprecia. Retira o *Diálogo* escrito por Joly, enquanto relembra que, por palavras ficcionais, o autor desnuda as artimanhas do poder que se pretende absoluto, pressupõe ciladas e denuncia estratégias despóticas, as quais ditam benesses com o único objetivo de dissimular um programa para o domínio perpetuado.

Antes de iniciar a leitura, Llascio prepara um café bem forte, serve para si uma xícara e acomoda-se junto à janela. A antiga mesa fora

substituída por outra, mais ampla, e a máquina de escrever por um computador, já então com perto de uma década de uso. Olha distraído para fora, na direção onde antes se abria a janela de Lye e dá de pronto com o casal de *poodles* arremessando-se contra a rede e latindo o latido dos prisioneiros. Que saudade de Lye!



1. LEMBRANÇAS

Um dos grandes segredos do momento consiste em saber apoderar-se dos prejuízos e paixões populares, a fim de provocar uma confusão que torne impossível o entendimento entre homens que falam a mesma língua e têm os mesmos interesses.⁴

Adquirida por Llascio num sebo da Rua Brigadeiro Luiz Antônio, a edição do *Diálogo* data de 1974, publicada em Barcelona pela Editorial Muchnik. O olhar do jornalista se detém diante da impressão do nome do autor, enquanto o pensamento vagueia, tentando desenhar a cena de um sombrio dia de 1878, quando Maurice Joly, doente e na miséria, suicidou-se aos 49 anos de idade. *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu* rendeu para Joly a prisão, mas, enveredar pela vida do brilhante autor francês não era, por ora, sua intenção. Iniciou a leitura, disposto a não mais se distrair do objetivo principal.

4 - Fala atribuída a Maquiavel na obra de Maurice Joly “Diálogo no Inferno (...)”

Resumindo brevemente a leitura feita por Llascio se tem que, ao encontrar, deliberadamente, com a “sombra” de Montesquieu na “orla de uma deserta praia”, a “sombra” de Maquiavel entabula conversação pausada pelos teores de *O Príncipe*, escrito por ele; e de *O Espírito das Leis*, obra de Montesquieu. Pelo jeito, pensou Llascio, nem um nem outro recebeu bênçãos pelas escritas, vez que, conforme Joly, o lugar do encontro é o inferno. Lê avidamente o texto, até encontrar o seguinte trecho.

Montesquieu: (...) *Durante tanto tempo expostos a arbitrariedades pela confusão dos poderes, que permitia aos príncipes ditarem leis tirânicas e exercê-las tiranicamente, os povos separaram os três poderes – o legislativo, o executivo e o judiciário -, estabelecendo entre eles limites constitucionais impossíveis de transgredir sem que dispare o alarme em todo o corpo político (...).*

Maquiavel: *Permita que, diante disto, examine em si mesmo a mecânica de vossa política: três poderes em equilíbrio, cada um em seu compartimento; um deles dita as leis, outro as aplica; e o terceiro deve executá-las. Tudo o haveis previsto - tudo ordenado, salvo o movimento: o triunfo de um sistema semelhante anularia a ação, (...) - porém, em verdade, as coisas não ocorrem desta maneira. Em qualquer momento, a ruptura de um dos elos tão cuidadosamente forjados por vós provocará o movimento. Crês, porventura, que os poderes se manterão por longo tempo dentro dos limites constitucionais que foram a eles impostos? Que não os ultrapassarão? É concebível uma legislatura independente, que não aspire soberania? Ou uma magistratura que não se dobre ao capricho da opinião pública?*

Montesquieu: *Conheço desde muito tempo as críticas feitas aos governos livres (...). Sei de muitos Estados que vivem pacificamente com tais leis. Tenho compaixão daqueles que neles não podem viver (...). Porém, diga-me: como se poderia afiançar o direito da nação, se o princípio da*

soberania residia unicamente na pessoa do príncipe? Como poderia seu governo não ser tirânico, se o encarregado de fazer executar as leis era, ao mesmo tempo, legislador? Que proteção podia ter o cidadão contra a arbitrariedade, se uma só mão reinava - confundidos aí os poderes legislativo, executivo e judiciário?

Maquiavel: *Se me escutas, podereis julgar. Em nosso tempo se trata não tanto de violentar os homens, como de desarmá-los; menos de combater suas paixões políticas, que de apagá-las; menos de combater seus instintos, que de enganá-los; não simplesmente de prescrever suas ideias, mas de subjugá-las, apropriando-se delas.*

Montesquieu: *E de que maneira? Não entendo esta linguagem.*

Maquiavel: *O segredo principal do governo consiste em debilitar o espírito público, até o ponto de desinteressá-lo por completo das ideias e dos princípios (...). Hoje muito se fala do poder da opinião; eu demonstrarei que, conhecendo os meandros ocultos do poder, resulta fácil expressar o que alguém deseja ouvir. No entanto, antes de sequer sonhar em dirigir a opinião, é necessário aturdi-la. Fazê-la sumir na incerteza, mediante assombrosas contradições; obrar nela incessantes distorções; desconcertá-la mediante toda sorte de movimentos diversos; extraviá-la insensivelmente em seus próprios caminhos. Um dos grandes segredos do momento consiste em saber apoderar-se dos prejuízos e paixões populares, a fim de provocar uma confusão que torne impossível todo entendimento entre homens que falam a mesma língua e têm os mesmos interesses.*

Montesquieu: *Qual é o sentido destas palavras, cuja obscuridade tem um não sei quê de sinistro?*

Maquiavel: *Permita-me que o diga diante de todas as condições essenciais, através das quais o príncipe pode hoje consolidar seu poder. Deverá, em primeiro lugar, dedicar-se a destruir os partidos; a dissolver, onde quer*

que estejam, as forças coletivas; a paralisar, em todas as suas manifestações, a iniciativa individual. Em continuação (...), todos os braços, debilitados, cederão à subserviência. Permita-me dizer como? Uma vez chefe de governo, todos os meus editos, todas as minhas ordens tenderiam constantemente ao mesmo fim: aniquilar as forças coletivas e individuais, desenvolver de forma desmesurada a prepotência do Estado, converter o soberano em protetor, promotor e remunerador: (...) Pertencerão ao meu partido sem o saber. Aqueles que acreditarem falar a sua língua falarão a minha; aqueles que creem agitar seus próprios partidos agitarão o meu; aqueles que acreditam marchar sob sua própria bandeira marcharão sob a minha.

Montesquieu: *Trata-se de concepções realizáveis ou de fantasmas-górgias? (...) Que vantagens serão trazidas por tudo isso?*

Maquiavel: *(...) Excito ou adormeço os espíritos, eu os tranquilizo ou os desconcerto, defendendo o pró e o contra, o verdadeiro e o falso. Faço anunciar um fato e logo o faço desmentir, de acordo com as circunstâncias. Combato a meu capricho os meus inimigos, sem comprometer jamais meu próprio poder, pois, após fazer falar aos periódicos, posso lhes infringir, se necessário, o repúdio mais violento (...). Hoje em dia, utilizar a imprensa, utilizá-la em todas as suas formas, é lei para qualquer poder que pretenda subsistir.*

Montesquieu: *É sumamente engenhoso: desta maneira, sempre te-reis a última palavra, e isto sem recorrer à violência.*

Maquiavel: *O objetivo único, invariável, das minhas declarações públicas será o bem-estar do povo. Fale eu, ou faça falar meus ministros (...), o tema da grandeza do país, de sua prosperidade, da majestade de sua missão e seu destino nunca será esgotado. Nunca deixaremos de falar sobre os grandes princípios do direito moderno e dos grandes problemas que preocupam a humanidade (...).*

Montesquieu: *Que estranhas concepções! Porém, a menos que haja uma cegueira sem nome, (as intenções) serão rechaçadas (...).*

Maquiavel: *Não tenho a pretensão de escapar às críticas. Pouco me importará, sempre que as ouça. Terei por princípio, em todas as coisas, a irrevogabilidade de minhas decisões, não obstante os falatórios. Um príncipe que atua desta maneira está sempre seguro de impor respeito à sua vontade.*

Barbaridade, pensa Llascio. E que semelhança com o que venho assistindo em meu próprio país! Llascio conclui que, realmente, a obra é de impressionante atualidade. Interrompe a leitura e resolve aprofundar-se na vida de Joly. Era do seu saber que a sátira do francês pretendia desmascarar as estratégias de Napoleão III, porém, o intrigava a atualidade da escrita. Neste início de terceiro milênio, não somente no caso do seu país, perfis de vários dirigentes estavam perfeitamente desenhados nas práticas enunciadas por Joly, através das falas atribuídas a Maquiavel.

No aspecto praticidade, admirável internet! Antes, Llascio demandaria pelo menos uma semana para invasiva visita à vida de Joly. Hoje, um simples clicar e aparece relação com mais de 18 mil endereços eletrônicos, nos mais diferentes idiomas, com as mais diversas citações e opiniões acerca do escritor e sua obra. Llascio percorre a relação clicando aqui e acolá, visita alguns sites, seleciona fontes que julga confiáveis, copia textos para seus arquivos e chega ao título *The Protocols of the Elders of Zion* - citados como plágio da obra de Joly.

Que imbroglio, já começava a lamentar-se Llascio, quando concreto e virtual desapareceram diante dos seus olhos, dando lugar às imagens de onde ele passara grande porção da década de 70. Anos difíceis. Ditadura batendo à porta das redações e nas costelas de jornalistas. O editor-chefe, Leyhor Dortes, era um coração terno escondido atrás de gritos e

mais gritos quando algum dos seus comandados cometia “crime contra a língua mãe”; e fama de simpatizante da extrema direita, contestada pelos esforços que fizera em prol de colegas perseguidos pela ditadura. Dortes, seminarista na juventude, era também um erudito, amante da música clássica, da leitura e da filatelia. Fora por suas mãos o primeiro contato de Llascio com *Os Protocolos dos Sábios do Sião*.

O livreiro que frequentava as redações trazendo literatura proibida encapada com grotescos papéis usados era alvo constante da polícia política. Quando ele desaparecia por algumas semanas, invariavelmente a questão se apresentava - *será que desta vez ele volta?* Não se sabia como, ele sempre voltava. Numa dessas voltas trouxe edição portuguesa de *Os Protocolos*, à época listada entre os livros proibidos. Dortes comprou, a redação em peso copiou o original, mas nem todos leram suas cópias. A febre xerográfica fazia parte dos arruobos dos que desejavam fazer algo contra o regime de exceção, mas, resumindo o que bem disse Antonio Calado em seu *Quarup, o que poderiam índios nus, munidos de arco e flecha, contra balas de canhão?*

É. Nem todos leram *Os Protocolos*, mas Llascio o fez, estimulado por Dortes. Durante semanas, diariamente, ao término do fechamento da edição do jornal no qual trabalhavam, enquanto ambos esperavam a primeira página subir da oficina para a última revisão, conversavam sobre o conteúdo de *Os Protocolos*. O livro, apócrifo, era proibido porque considerado antissemita. E mais - seu conteúdo teria sido responsável por estimular Hitler a massacrar judeus.

Será que os Protocolos têm essa força toda? – certa vez perguntou Llascio, ao que Dortes respondeu - *Uma das grandes virtudes dos livros é nos fazer pensar, e outra, maior ainda, é permitir tirarmos da leitura nossas conclusões pessoais, sem censura. Você não deve limitar-se ao que*

lê nos Protocolos ou em outro livro que forneça pistas capazes de remeter a outras verdades. Portanto, busque você mesmo a resposta.

À época, Llascio tinha pouquíssimas condições de buscar, fossem verdades ou mentiras. Trazia muitas cicatrizes, de ferimentos ainda recentes, no corpo e na alma. Antes, precisava buscar a si mesmo. Os anos passaram, o editor-chefe deixou o cargo para dirigir o setor de comunicações de uma multinacional e Llascio continuou a equilibrar-se como pôde, de redação em redação, um free lance aqui, outro ali, escritas noturnas embaladas pelo incrível, flagrante e imenso amor de Alfie, um cão boxer cuja autoridade barulhenta era em muito superior a doçura de Lye, pois quando decidia que era hora de dormir, saltava sobre o colo de Llascio, colocava a pata sobre o teclado e rosnava até seu dono abandonar a escrita.

Chegaram os tempos quando Alfie e Dortes se foram para sempre, e Lye, recuperada, voltou da Suíça e se ocultou no seu mundo particular. De uma ou outra forma, os três se foram, mas permaneceram na amizade e no coração de Llascio, que agora afasta as lembranças e se empenha em procurar as cópias dos *Protocolos* nos seus guardados. Encontra um pouco de tudo - a foto do casamento de seus pais adotivos; o pergaminho chinês presenteado por Lye, com a mensagem de prosperidade; lembranças da primeira comunhão dos filhos de Dortes; uma foto em preto e branco, amarelada, de Shanandoah, a onça que por um ano fora sua amiga inseparável, desde quando a alimentou, bebê e órfã, recolhida à margem de um acampamento lá pelas bandas do Rio Araguaia, ao final dos anos 60. Encontrou também um quase diário, páginas esparsas que preferiu não consultar; um cartão com votos de feliz páscoa de seu irmão caçula, que a morte levou quando contava 22 anos; e postais de sua irmã,

desde 1994 morando na Austrália. *Quantas perdas*, lamentou, fechando rapidamente o pequeno baú de madeira, desistindo das recordações e das cópias de *Os Protocolos*.

Voltando ao computador e à internet, Llascio digitou na busca *Os Protocolos dos Sábios do Sião*. Pouco mais de 500 referências encontradas, a maioria delas criticando severamente o texto, afirmando ser plágio da obra de Joly, publicado pelo editor russo Sergei Alexandrovich Nilus por encomenda da Okrana, a polícia política do reinado de Nicolau II, da dinastia Romanov - o último czar da Rússia. Desta feita, Llascio digita na busca o nome de Sergei Alexandrovich Nilus. Não mais de 50 referências, ínfimas se comparadas aos milhares delas encontradas para Joly. Conclui que no mundo virtual Nilus é quase ninguém. E mais - um quase ninguém que, embora rotulado, devassado e achincalhado, raríssimas exceções à parte, é alvo de escritas mal traçadas, reveladoras de contraditórios fatos e datas. Seus defensores agem tal e qual seus detratores, vez que tudo o que fazem é tentar adivinhar Nilus, sem a preocupação de, ao menos, buscar algo mais concreto e verdadeiro sobre quem ele foi - independente de ter ou não forjado *Os Protocolos*.

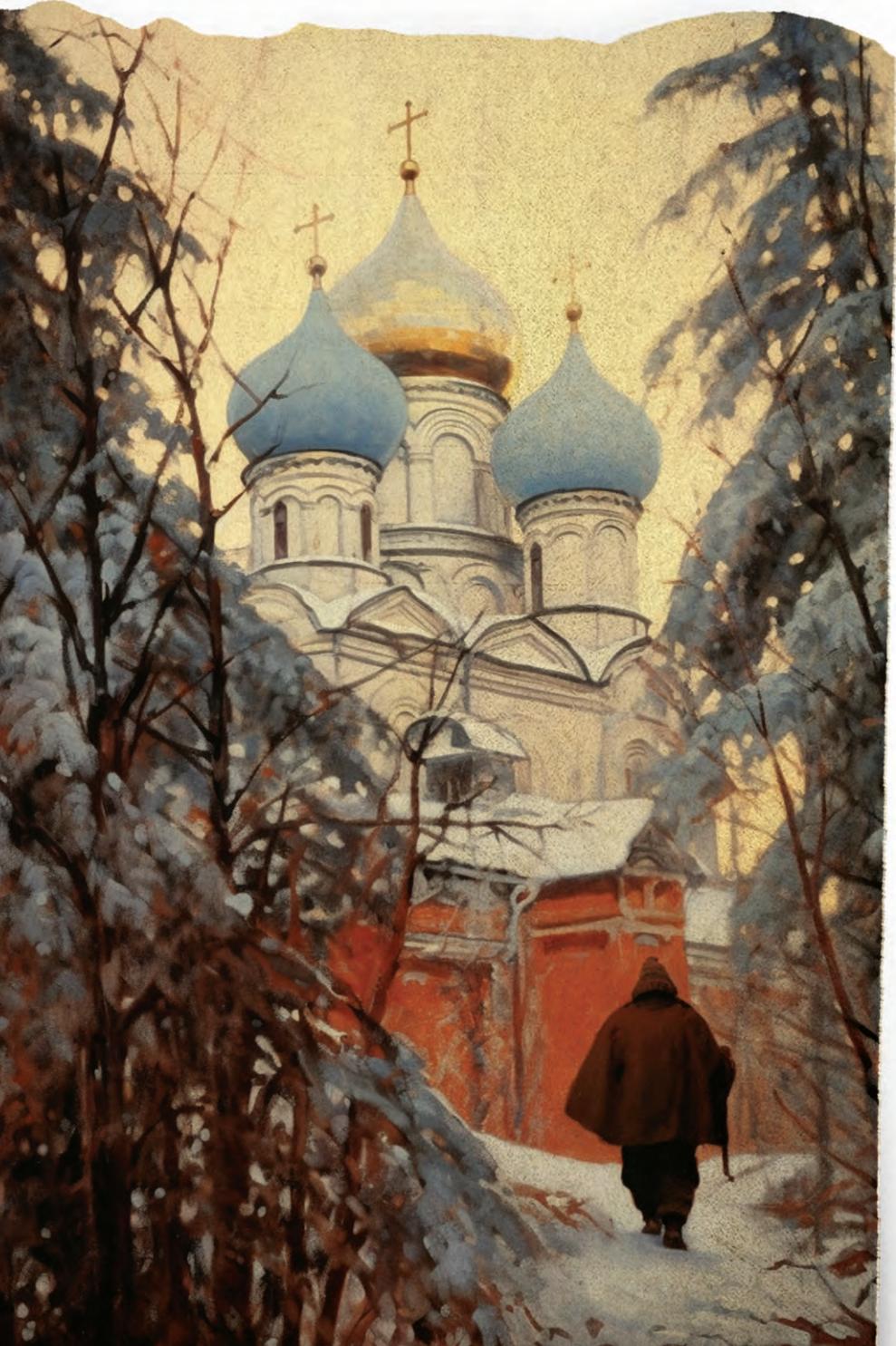
Quem foi, realmente, Sergei Alexandrovich Nilus? Plagiador de Joly? Membro secreto da Okrana? Monge ortodoxo? Professor? Tudo isso ou, na essência, nada disso?

Com estas questões em mente, abandonando completamente as outras questões - aquelas que o levaram, inicialmente, a Maurice Joly -, Danaer Llascio decide que escreveria, ele próprio, a sua versão sobre a história de *Os Protocolos dos Sábios do Sião*, não para detrazer ou defender a obra, mas simplesmente para buscar o homem atrás do editor de tão controversa publicação. Ficcionalmente. De imediato, iniciou a escrita.

escutar e OUVIR*

(...) Assim escrevi em 1901 no meu livro “O Grande no Pequeno”, ouvindo com horror o trovão distante da ameaça de desastres fatais que se aproximava da Rússia e do mundo. E não fui o único que ouviu estes trovões que se aproximavam - os ouviram todos os que acreditaram no seu Deus, na simplicidade do coração de uma criança, e todos os que não ouviram os ensinamentos sedutores da sabedoria desta época e os ensinamentos dos demônios. Ouvida por todos sob a graça do Espírito Santo, dada apenas às ovelhas humildes e obedientes do rebanho de Cristo; toda a Igreja (...) os ouviu. Todos ouviram, mas nem todos falaram abertamente, porque nem todos sabiam falar como gostariam. A maioria dos nossos irmãos só soube sofrer silenciosamente e chorar silenciosamente no silêncio da sua oração solitária a Deus, invisível ao mundo. **Sergei Nilus**, trecho no capítulo 1 de “O Grande no Pequeno”.

*Fonte - Portal Ortodoxo ABC da Fé|Rússia – O Grande no Pequeno, edição comentada (<https://encr.pw/2xlCf>)



2. O INÍCIO

Que luz da razão foi embora.

*Que coração parou de bater.*⁵

Fevereiro de 1902. As robustas patas do percheron acabam de vencer os 70 quilômetros da via Yaroslavl, que liga Moscou a Zagorsk – ou Sergiev Posad, a cidade medieval fundada em 1345 por Sergei de Radonezhski. Acomodado no interior do coche, Sergei Alexandrovich Nilus abre a pasta de couro marcada pelo uso e confere os manuscritos. Estes, pela segunda vez, serviriam como original para a reprodução de *Os Protocolos dos Sábios do Sião*, que Nilus editaria como apêndice da obra *O Grande no Pequeno*.

5 - Citação de Sergei Nilus no prefácio do seu livro “Holiness under a Bushel” (Santuário sob um Alqueire). A citação pertence ao poema “Em Memória de Dobrolyubov”, escrito pelo poeta, jornalista e editor russo Nikolay Alekseyevich Nekrasov (1821-1878), de origem ucraniana. Com seu extenso trabalho literário focado na vivência dos camponeses, Nekrasov notabilizou-se por expressar o sedutor e irreverente vigor camponês do seu país através de poemas, inclusive, para crianças; e de adaptações de canções folclóricas.

Enquanto o coche se aproxima do Monastério da Trindade e San Sergio, Nilus recorda as dificuldades enfrentadas em Petersburgo um ano antes, quando elaborou a primeira edição das 24 atas que compõem *Os Protocolos*. Inicialmente, publicou-as em um jornal local, rapidamente reproduzidas em mingüado número de exemplares, sabe-se lá por quem, sem a identificação do editor e sem origem, consumidas com igual rapidez.

Inútil lamentar - pensa Nilus, ao tempo que desce do coche, instruindo o cocheiro a esperá-lo. Com passos lentos, encaminha-se à entrada do monastério, observando atentamente à volta. Os altos muros o fazem lembrar as muitas invasões sofridas pela Rússia, e a importância desta então fortaleza para a resistência contra os invasores.

Entre os vários prédios do conjunto ergue-se soberba a Catedral da Trindade, construída entre 1422 e 1425, toda em pedra branca. Nilus consulta o relógio de bolso. Está adiantado em 20 minutos para o encontro com o prior Dobiev. O suficiente para permitir uma rápida visita à catedral. Uma vez ali, após breve e silenciosa prece, ele passa a observar atentamente os ícones criados por Andrei Rublióv, retratando a Santíssima Trindade.

Instintivamente, aperta contra o peito a velha pasta de couro, temporário cofre do seu tesouro particular - *O Grande no Pequeno*, um amplo enunciado denunciando o “anticristo, suas artimanhas e seu *modus operandi*”. Cristão ortodoxo fervoroso, erudito por vocação, enquanto observa os ícones Sergei Nilus lembra passagens da história que fortaleceu o cristianismo na Rússia e, anos depois, o que representou Andrei Rublióv para esse fortalecimento, expressando, através de seus ícones, a crença russo-bizantina na fé e sua forma. Os ícones de Rublióv, de beleza ímpar, sugerem “figuras distanciadas do espectador, elevando-se para a esfera

do ideal, criando os patamares entre o espírito – o mundo em que vivem as figuras; e o coração – o mundo do espectador.”⁶

Nilus envereda para os recônditos da sua crença e recorda que ela foi consolidada na Rússia graças a Vladimir I, o Grande. Ele volta ao passado remoto, até chegar ao ano de 986. Pelas frestas das suas lembranças, observa o grão-príncipe da Rússia Kievana reinar sobre tribos divididas por inúmeras crenças. Nilus pode até sentir a aflição de Vladimir I diante da desunião que permeava o reino. Viu-se frente a frente com o imperador e sentiu o pulsar da maior pretensão dele - unir as tribos para transformar Rush de Kyev em potência.

Ao visitar o passado onde vivera Vladimir I, Nilus visita também o fortalecimento, em seu país, da religião que no agora é a sua razão de ser. A ele não incomodava o fato de o imperador ter utilizado a religião como ferramenta para unir as tribos. E se vê a admirar a persistência dele, mesmo após frustrada a tentativa de atrair as tribos à um espaço ecumênico, criado para estimular o exercício de todas as crenças em um único lugar. Diante do fracasso dessa estratégia, lembra Nilus, Vladimir I decidiu escolher uma entre as diferentes religiões, utilizando-a como unificação entre as várias tribos pagãs, eslavas ou não. Vladimir I escolheu a crença ortodoxa, não por sorteio ou mero acaso.

Recordando o enredo que levou à opção de Vladimir I, Nilus vê desfilar diante dos olhos os vários homens eruditos, selecionados pelo imperador com a missão de colher informações sobre as diferentes

6 - Cavaliere, Arlete: *Arte e Cultura na Rússia Antiga. Além das referências 6/7, é de grande importância creditar a Arlete Cavaliere a fonte para as escritas que compõem o capítulo 2 de Os Protocolos – Uma História. Professora titular na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Universidade de São Paulo, Arlete Cavaliere, ensaísta, tradutora e professora de teatro, arte e cultura russa incluí presença como professora leitora na Universidade Estatal Lomonósov de Moscou.*

religiões então praticadas pelas tribos. *Aquela época como hoje* – pensa Nilus -, *pouco ou nada ocorre sem o aval do sistema*. E como estava com a razão! Ele bem sabia que, motivados pelas frutíferas relações comerciais entre Kiev e Constantinopla, os emissários de Vladimir I descartaram “a tristeza das oblações muçulmanas, a falta de estética nos ritos latinos, e quedaram-se maravilhados diante da majestade e beleza da liturgia bizantina”⁷. Nilus é tomado pelo desejo de ter vivido à época quando, dois anos após o início da procura por religião única para Rush de Kiev, conforme ordenou o grão-príncipe, a população kievana acorreu à margem do rio Dnipro para ser batizada pelo arcebispo Athanásio e representantes do clero de Quersoneso e Bizâncio.

No íntimo, Nilus agradeceu a Vladimir I por ter adotado, juntamente com a prática ortodoxa, a beleza como critério e a pintura de ícones como um dos segmentos do arco-íris artístico que receberia as cores da arquitetura, da música e da poesia, estimulando a prática da religião bizantina. Bizâncio foi *transportado* para Kiev, porém, a prática estética importada não aculturou os herdeiros da nação erguida pelo príncipe Rurik no coração da mais importante rota comercial dos primórdios europeus - a confluência do percurso que unia Escandinávia e Bizâncio, caminho que ligava os varegues e os gregos. Bem ao contrário de aculturação, reflete Nilus, os artistas russos criaram a simbiose entre o sacro e o profano, dela extraindo expressões próprias, impregnadas de autêntica e rara beleza, especialmente traduzidas pela iconografia.

Ao seu enorme prazer pela prática ortodoxa e a beleza iconográfica que permeou a chegada do cristianismo, somou-se em Nilus a tristeza das lembranças que residiam na chegada do século 13 e, com ele, a invasão

mongol que perdurou por mais de dois séculos. Como a espiar pela lente de um caleidoscópio, Nilus recorda um dos resultados nefastos para Kiev - o sufocamento da sua cultura. Ele gira e gira o caleidoscópio da imaginação até chegar ao século 14, observar o enfraquecimento do jugo tártaromongol e, agora sereno, vê desenhar-se as cores da cultura até então sufocada. O imaginário caleidoscópio de Nilus mostra a retomada das origens culturais a adotar como símbolo e polo emissor Rush de Kiev - o antigo e esquecido principado fundado por Rurik. Emociona-se ao vislumbrar que ali foram criados os alicerces do futuro núcleo da cultura russa e iniciado o desabrochar do que, mais adiante, muitos entenderiam como uma pré-Renascença.

E ali estava Nilus, a observar os resultados emanados durante cinco séculos após Vladimir I adotar a beleza e a pintura de ícones como instrumentos para o estímulo à fé ortodoxa. Extasiado, admira o trabalho do artista que fez história como o melhor exemplo da simbiose artística entre as tradições russa e bizantina. Grande conhecedor da história de San Sergio, Nilus busca na memória a chegada do século 15 e ao ano 1410 quando, por encomenda do pároco Nikon, sucessor de Sergei de Radonezhski no mosteiro, Rublión inicia a criação do ícone “A Trindade”, que adornaria a futura catedral. Nilus se detém por mais alguns segundos diante da pintura, convicto que deve agir rápido se quiser evitar “um mundo sem Deus e sem família”, conforme preconiza o texto que pretende inserir como apêndice da obra que carrega na pasta, cuja edição é o motivo da sua visita a San Sergio.

Deixando a catedral, o escritor apressa o passo para dirigir-se ao conjunto que durante os séculos 14 a 17 abrigou febril atividade de escritores, copistas, encadernadores e bibliotecários, além de artesãos das diferentes técnicas, constituindo o mais importante centro cultural

russo da época. Em meio ao que restou dos tempos áureos, o prior Dobiev Drozdov o aguarda. Ali seria, mais uma vez, editada a obra que levaria como apêndice os textos traduzidos do francês, os quais, acreditava, eram originários de atas discutidas nos bastidores do Congresso Sionista da Basileia, realizado cinco anos antes do encontro desta tarde e suas futuras extensões, que impregnariam de conflitos a vida dele.

Nilus aproxima-se da grande porta talhada em madeira que dá acesso ao ateliê. O vão na porta entreaberta deixa ver Dobiev ocupado em orientar os copistas. Entra, aproxima-se e o monge o abraça fraternalmente. Eles se acomodam - cada qual de um lado de uma mesa estreita, comprida e robusta, na qual Nilus deposita seus originais. Conversam por quase uma hora. Finalmente, encerram o encontro. O escritor se vai, e Dobiev passa a ocupar-se dos originais. Conforme prometera a Nilus, cuidaria pessoalmente de cada fase da edição.

ORIGEM DE RUS DE KIEV*

Rus de Kiev ou Rússia de Kiev é termo moderno, nascido no século 19 e significa “a terra dos rus de Kiev”, conforme conhecida a região na Idade Média. Na obra *Os Anais de São Bertin (Annals of Saint-Bertin)*, que teria sido compilada por escribas da corte de Luís, o Piedoso (rei dos Francos, filho e sucessor de Carlos Magno), os rus eram suecos, porém, tal origem não é confirmada. Na *Crônica de Nestor (ou Crônicas dos Anos Passados)*, os rus são identificados como vikings escandinavos. A Crônica dá conta que os habitantes da região, descontentes com os altos tributos, convidaram os rus para governá-los. O príncipe nórdico Rurik e seus dois irmãos aceitaram o convite e fundaram a Dinastia Ruríquida, que perdurou para além de 700 anos. A queda do Estado Rússia de Kiev se deu ante os mongóis (1237 – 1242). Fragmentada, a região constitui hoje os estados modernos da Rússia, Bielorrússia e Ucrânia.

*Fonte - Dinastia Rurik | Cultura Russa (<https://acesse.dev/vNQvl>)



3. Na alma, a DÚVIDA

*O que parece a mim é para mim,
e o que parece a ti é para ti.*⁸

O teor do conteúdo inicial de *O Grande no Pequeno* não constituía novidade para Dobiev. Tratava-se de apanhado de textos escritos por Nilus, todos eles “denunciando a infiltração do anticristo”. A primeira versão da obra fora editada em Petersburgo dois anos antes, no outono de 1900, sem grandes cuidados estéticos. À época, Nilus o presenteara com um dos exemplares, leitura que Dobiev repassara à farta, na tentativa de analisar imparcialmente o que seria aceitável enquanto advertência sobre futuro sombrio e o que seria fruto da mente arguta e apaixonadamente cristã do escritor. Conclusão que jamais alcançou.

8 - Górgias de Leontini, ao falar sobre o relativismo subjetivo aplicado à sua filosofia. Nascido (487 a.C.) na Sicília, hoje Itália, cedo foi viver em Atenas, focado em ensinar técnicas de persuasão. Logo, transformou-se em importante sofista da filosofia e um dos grandes oradores da Grécia Antiga.

O mesmo não acontecia com o apanhado de textos que Nilus, ou quem os entregara a ele, intitulara *Os Protocolos dos Sábios do Sião* – o “Grande” que aparece no título da obra confiada a Dobiev para a edição a registrar na Biblioteca de Londres. Uma primeira edição do libelo fora impressa um ano antes, em 1901. O escritor não enviara anteriormente a Dobiev um exemplar, talvez por esquecimento, talvez em função da letargia comum às vítimas de depressão. Quando os editou pela primeira vez, às pressas e sem grandes cuidados editoriais, Nilus vivia dias conturbados, atormentado por grande conflito pessoal.

Como confidente e orientador pessoal, Dobiev conhecia os detalhes do conflito vivido pelo escritor. Cristão convicto, temente aos ensinamentos das Escrituras, disposto a entregar-se ao serviço de Deus sem jamais desviar do caminho, Nilus não desejava aventuras amorosas que pudessem redundar em consequências nefastas. Mas havia Elena Alexandrovna. Havia também uma convicção quase doentia da necessidade de editar *Os Protocolos*. Nesses haveres, Nilus debateu-se por meses e meses, até que capitulou.

Enquanto ordena as atas, somando aos seus saberes os relatos de Nilus, Dobiev rememora os fatos que antecederam ao encontro com o escritor, começando por Elena Alexandrovna. Depois do czar Nicolau II, Elena Alexandrovna era a pessoa mais próxima da czarina Alexandra Fedorovna Romanova. A dama de honra preferida, a confidente, a amiga. Entre as paixões que as unia contava a literatura e o misticismo - duas das especialidades de Sergei Alexandrovich Nilus. Dois motivos que empurraram Elena ao encontro do místico escritor, culminando com a edição de *Os Protocolos*.

Dobiev dirige as suas lembranças ao que conhece sobre a manhã de 29 de agosto de 1897. A czarina Alexandra e Elena Alexandrovna

conversam, enquanto observam o rosado bebê a agitar-se no berço. A segunda filha dos Romanov, Tatiana Nikolaievna Romanova, nascida a 10 de junho daquele ano, com pouco mais de dois meses de idade já demonstrava natureza irrequieta. Naquele exato momento vivenciado por Alexandra e Elena, a 2,6 mil km de distância, na neutra Suíça, Teodor Herzl pronunciava o discurso de abertura do Congresso Sionista da Basileia. Assunto de Nicolau II, porque à Alexandra e Elena interessava somente a trivialidade palaciana. Contudo, aquele congresso seria responsável por criar fortes laços entre Elena e Nilus, sob proteção da czarina.

Alheias aos esforços reunidos na longínqua Basileia para estabelecer “um lar nacional seguro, legal e publicamente reconhecido para o povo judeu, na Palestina”, conforme palavras de Herzl, as duas mulheres conversavam sobre o futuro da pequenina Tatiana. Para melhor vislumbrar o que a sorte reservava para sua filha, Alexandra queria chamar ao palácio o prestidigitador Grigory Efimovich, então com 26 anos de idade, popularizado com o apelido de *mulherengo debochado*, ou Rasputin. Porém, não seria desta vez a entronização do controvertido monge da seita Khlisty⁹ na vida e no destino da Família Romanov.

Elena argumentara junto à imperatriz que a fama de Rasputin, somada à sua vida pregressa e procedência - era, de fato, *mulherengo incorrigível*, filho de um alcoólatra e ladrão de cavalos -, não o recomendava à corte palaciana. Preferível alguém mais discreto e melhor nascido, ainda que não tanto famoso por adivinhações. A dama de honra preferida de Alexandra acabara de ler um texto de teor místico,

9 - *Flagelantes*, seita que pregava a entrega ao pecado, mais especificamente, às orgias sexuais, seguindo-se o arrependimento - o “caminho para a iluminação”.

de autoria do professor Sergei Alexandrovich Nilus, dissertando sobre as “marcas impregnadas por Deus em suas criaturas, que as identificam individualmente e contam suas histórias, desde o nascimento à morte”. Ao comentar o texto com a czarina, Elena sugeriu Nilus em substituição a Rasputin.

Curiosa e interessada, Alexandra providenciou o convite e, uma semana mais tarde, Nilus apresenta-se à corte. É recebido por uma alegre Elena, de olhos negros e grossas tranças enrodilhadas em torno da cabeça, caminhar seguro e graciosa covinha ilustrando sorriso amistoso. Estranha sensação apossou-se do escritor, causando-lhe o que intimamente traduziu como embaraço, sentimento muito diferente da sua natureza combativa e poder de oratória. Os momentos que se seguiram foram divididos entre apresentações, bebericagem de kvass¹⁰ enriquecido com ervas aromáticas, explicações de Nilus sobre os volumes da sua produção literária voltada ao misticismo cristão e, finalmente, para o assunto que o havia levado até o palácio - o futuro de Tatiana Romanova.

Elena afasta-se por instantes, retornando com a pequena Tatiana. Nilus toma a criança nos braços, observando-a atentamente. Segura delicadamente entre as suas a pequenina mão, analisa a palma rosada e se detém na linha da vida, onde silenciosamente “lê” que a segunda filha de Nicolau II e Alexandra de Hesse Romanova não chegaria viva aos 22 anos. Ainda que a observar Nilus atentamente, as duas mulheres não percebem o leve movimento de seus ombros, ao conter o sobressalto. *Assassinada*, pensou Nilus. *Tatiana morrerá assassinada*. Breves segundos foram suficientes para que Nilus retomasse a fleuma e dissesse sobre as amenidades da futura vida de Tatiana, que teria especiais

10 - Suco fermentado

dotes para a música, boa saúde e grande inclinação pelos jovens da guarda palaciana, detalhe este que omitiu. Sob o efeito da *visão do futuro* de Tatiana, Nilus queria estar longe dali o mais rápido possível. À primeira chance despediu-se, carregando consigo a noite serena refletida nos grandes olhos negros que o haviam fitado insistentemente durante todo o encontro.

Desde então, jamais Nilus voltaria ao palácio, contudo, ficara impregnado de Elena, sendo o recíproco verdadeiro. Porém, ao que se comentava, Elena era a protegida de oficial do czar, de alta patente – o que não lhe permitia ir além de conversas literárias, durante os encontros que a partir de então se sucederiam entre eles, nunca ocasionais, no salão de leitura do liceu aonde Nilus compartilhava seu saber com jovens da elite. A primeira iniciativa fora de Elena e, sequencialmente, jamais se despediram sem marcar novo encontro. Embora cuidadosamente disfarçado, o amor entre ambos, até então platônico, poderia ser percebido por um observador pouco mais atento, contudo, o salão de leitura do liceu era um recanto de intelectuais, naqueles tempos ocupados com assuntos políticos seríssimos, de grande repercussão. Um professor e sua interlocutora ficavam em segundo plano.

Nilus dividia-se entre escrever, lecionar, buscar desesperadamente seu lugar no coração de Deus, vaticinar sobre o futuro e arder de paixão por Elena. Porém, alimentava a convicção de jamais ceder aos apelos dos negros e brilhantes olhos, às investidas firmes da mulher que demonstrava, com o ardor das palavras, estar disposta a tudo para entregar-se à paixão por aquele homem discreto, inteligente, de traços fortes e voz envolvente. À época, três anos haviam transcorrido desde aquela manhã de 29 de agosto de 1897 que marcou a abertura do Congresso da Basileia. Entre seus afazeres, Nilus dedicava-se febrilmente

à tradução dos originais manuscritos em francês, que lhe chegaram às mãos em recente visita que fizera à França, e que, conforme suas conclusões, “foram enviados pela providência divina”. A cada parágrafo traduzido, mais e mais o assaltava o temor pela sorte da humanidade. Era urgente publicá-los, desta vez como apêndice de *O Grande no Pequeno*, em trabalhada edição, com a finalidade de registrar um exemplar na Biblioteca de Londres.

Em um dos encontros com Elena, Nilus comentou sobre as atas, a premência em editá-las e sobre as dificuldades para levar a cabo seu intento. Mais do que a financeira, a questão política era o grande entrave. O conteúdo das atas era incômodo às pessoas de projeção, não apenas na Rússia, mas, principalmente, na França. As inúmeras tentativas feitas até então resultaram frustradas. Já não tinha esperança de divulgar o conteúdo que, segundo suas conclusões, apontava para uma humanidade futura “refém das mais diabólicas estratégias de domínio que o homem pode engendrar”.

Elena viu na dificuldade de Nilus a grande chance de estreitar seu relacionamento com o homem que instigava seus mais profundos desejos. Sem demora, jogou a grande cartada - juntos, passariam o final de semana, ela tomaria conhecimento de todo o conteúdo das atas e, em seguida, falaria com a czarina, encontrando o meio de reproduzi-las. À frente de Elena estava um homem repleto de desejo, mas carregado de conflitos morais. Igualmente, ali estava um homem que acreditava ser instrumento de poder superior que o compelia a alertar o mundo sobre as adversidades do futuro. Por convicção ou por desculpa, venceu o homem-instrumento.

Pelo relato de Nilus, o prior Dobiev sabia que o encontro programado por Elena acontecera a 30 quilômetros ao sul de Petersburgo, em

Tsarskoe Selo. Mais precisamente, no palácio de verão a partir do qual, pouco menos de duas décadas depois, os Romanov seguiriam para os Urais, de encontro à morte. Dobiev desconhecia os argumentos de Elena para afastar-se da corte por alguns dias. É muito provável que ela usara como desculpa a visita a um de seus irmãos, David Petrovich Ozerov, responsável pelos cuidados com a manutenção do palácio de inverno da família imperial. Por sua vez, Nilus não despertaria qualquer suspeita por viajar a Tsarskoe Selo. Anteriormente, por várias vezes empreendera a viagem entre Petersburgo e a Vila Real para visitar o Liceu aonde Alexander Sergeevich Pushkin passara a juventude, estudando e colhendo inspiração para a produção literária que o faria um dos maiores entre os poetas e escritores russos.

Na tarde da sexta-feira que marcaria o primeiro encontro íntimo entre Nilus e Elena, ambos viajaram no mesmo trem, rumo a Tsarskoe Selo. A dama de honra da czarina ocupou um dos compartimentos destinados à família real, enquanto Nilus reservou para si poltrona em um dos vagões que lhe eram familiares, misturando-se a outros tantos comuns mortais, trabalhadores, estudantes ou visitantes ocasionais da Vila Real. Pelo óbvio, Nilus não revelara ao prior de San Sergei as particularidades dos momentos íntimos vividos em Tsarskoe Selo, porém, contara em detalhes o trajeto desde então percorrido pelos *Protocolos*.

Entretido a relembrar os relatos de Nilus, Dobiev finalmente concluiu a ordenação das atas e inicia a leitura, ansioso por, finalmente, desvendar todo o conteúdo.



4. O OLHAR e O VER

Lembre-se de olhar para as estrelas e não para baixo, para os seus pés. Tente achar sentido no que você vê e pergunte sobre o que faz o Universo existir. (...)¹¹

Enquanto Dobiev está mergulhado na leitura das atas, Nilus empreende o caminho de volta a Moscou. Para ele, não restava qualquer dúvida acerca da origem de Os *Protocolos*. Haviam sido reunidos e discutidos nos bastidores do Congresso da Basileia, por um conselho muito especial, enquanto no cenário público o idealizador do encontro, Theodor Herzl, discursava para jornalistas do mundo inteiro a verdade iluminista que lançaria a pedra fundamental do sionismo e de uma nação para os judeus, que tanto a mereciam, inegavelmente.

11 - Frase do astrofísico britânico **Stephen William Hawking** (1942-2018).

“Os fins justificam os meios”, conforme um dia escrevera Maquiavel; conforme repetira Maurice Joly em *Diálogo no Inferno*; e conforme, segundo chegara ao conhecimento de Nilus, Herzl teria repetido ao reforçar a sua intenção de arrecadar fundos para a criação da Organização Sionista. A frase martela seu cérebro. Se, realmente, os fins justificam os meios, re-flete, nada havia a censurar na decisão de publicar *Os Protocolos* pela segunda vez, introduzindo-os como apêndice de *O Grande no Pequeno*. A edição sob os cuidados de Dobiev teria somente cinco exemplares. Um deles, destinado à Biblioteca do Museu de Londres, objetivo principal de Nilus ao decidir pela ajuda do prior de San Sergei, posto que desejava edição primorosa. Uma vez naquela Biblioteca, o conteúdo de *Os Protocolos* teria maiores chances de ser conhecido, analisado, discutido, concluiria Nilus.

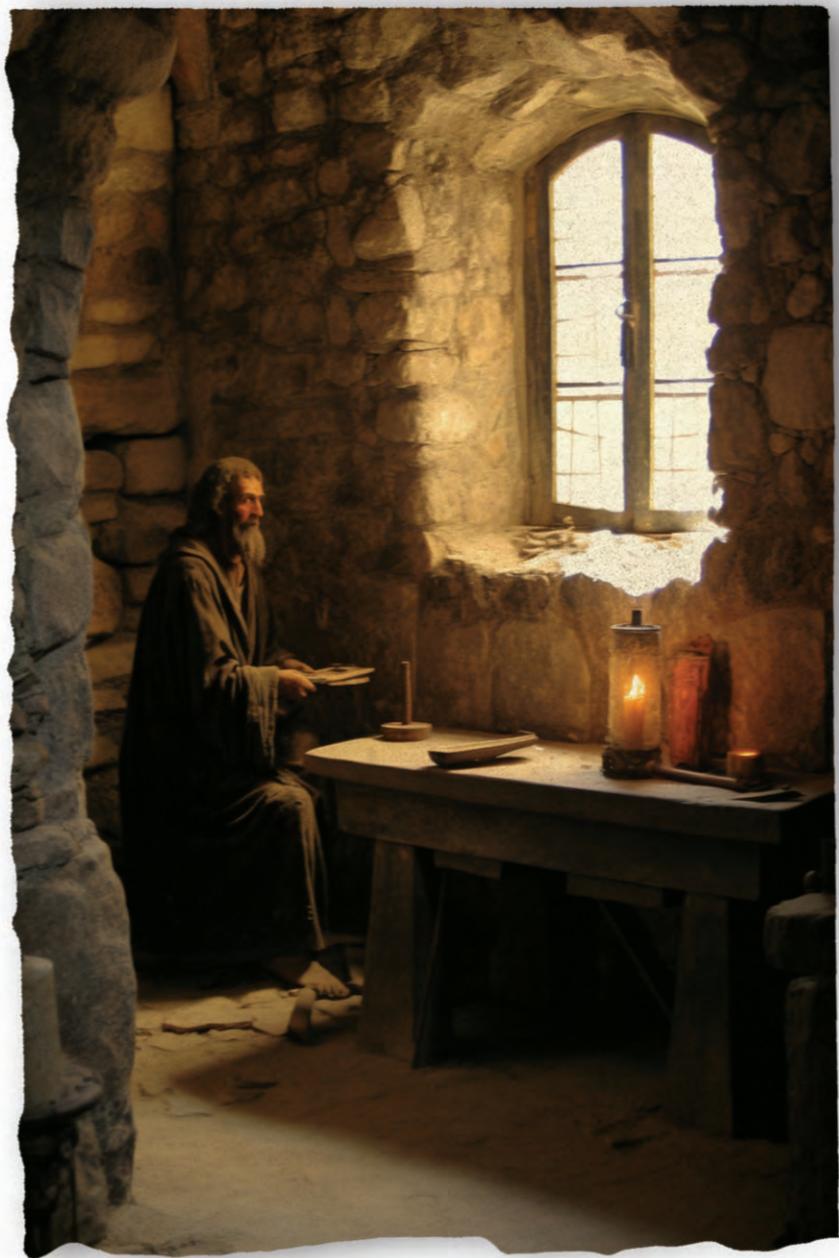
Dobiev era inteligente, culto e meticoloso. Provavelmente, reconheceria e argumentaria quanto às semelhanças entre o conteúdo de *Os Protocolos* e o texto escrito por Maurice Joly em *Diálogo no Inferno*. Melhor que o fizesse, conclui Nilus, experimentando expectativa positiva ao vislumbrar que, uma vez arguido por Dobiev, teria a chance de fazer defesa direta sobre a origem de *Os Protocolos*. Mais uma vez, a frase martelou seu cérebro - os fins justificam os meios. *Iluminista fanático*, pensava Nilus sobre Herzl, sem dar-se conta que o fanatismo religioso fora a semente a germinar em seu cérebro o desejo incontrolável de “revelar ao mundo as artimanhas do anticristo”.

Anoitece. A meio caminho entre Sergiev Posad e Moscou, o coche segue atravessando vilarejos, embalado pelos ecos produzidos ora pela cadência das patas do percheron, ora pelos atritos das engrenagens. Tentando sufocar as interrogações para as quais, momentaneamente, sabia impossível obter respostas, Nilus sente um grande cansaço. Afasta a cortina que veda a janela do coche e olha em direção ao céu. Seu olhar percorre os pontos luminosos que lhe parecem querer se desprender do firmamento. Tenta concentrar-se

na observação, procurando exercício que o afaste da aflição, companheira frequente e indesejável dos últimos cinco anos. Diante dos seus olhos desenha-se o asterismo que dá forma à figura geométrica característica da constelação Ursa Maior. Temporariamente esquecido dos conflitos que o assaltam, Nilus deixa vagar o pensamento, tendo como destino o coração daquela constelação. Uma a uma, o escritor visita as sete estrelas brilhantes, zigzagueando entre elas, unindo-as pelo seu rastro virtual até completar a figura do quadrado e sua cauda.

Descartando os imaginários chinês e hebreu - que viam no asterismo da Ursa Maior uma gigantesca concha para medir cereais; descartando os imaginários germânico e egípcio, de díspares interpretações – para os primeiros, uma carroça puxada por três cavalos; para os segundos, o símbolo da vida eterna -, Nilus apega-se à lenda grega, a atestar que as sete estrelas mostram Calisto, a bela ninfa dos bosques transformada em urso por Hera, a ciumenta esposa de Zeus, o maior dos deuses da mitologia grega. *Uma vez possuidor dos poderes de Hera e conhecedor da verdade, certamente Butmi, o protetor de Elena, faria o mesmo comigo*, pensou Nilus, mas foi somente breve relance. Seus deveres de cristão convicto e praticante suplantaram qualquer outro vislumbre e novamente ele foi tomado pela ansiedade de ver publicada a segunda edição de *Os Protocolos*. Só um relance, porque logo ele foi assaltado pelo desejo de ter Elena novamente entre os braços.

A noite avança. A Ursa Maior devolve o olhar de Nilus, que mais uma vez resvala pelo céu. As aflições voltam a ocupar lugar em cada poro do seu corpo, em cada partícula da sua alma. Sergei Alexandrovich Nilus é um homem atormentado, não pela indecisão, mas pela certeza de que não voltará atrás. Estava feito. Assim teria que ser. Desastrosas consequências viriam, disso estava certo. Só não sabia sobre quem mais recairiam, além dele.



5. O CLARO e O ESCURO

*Não há fatos eternos, como não
há verdades absolutas.¹²*

Enquanto o coche que transportava Nilus aproxima-se de Moscou, Dobiev permanece mergulhado na leitura das atas a ele confiadas pelo escritor. Quanto mais avança, mais e mais aumenta seu temor. Na figura de editor, Nilus insistira que os *Protocolos* foram reunidos durante o Congresso da Basileia, numa seleção escolhida entre documentos produzidos anteriormente, em reuniões secretas, ocorridas na França. A quem Nilus atribuiria a iniciativa para a confecção de tal documento, de contundência avassaladora? Theodor Herzl? Aos maçons? Por que ele se empenhava tanto em reproduzir texto que, fatalmente, acabaria por fomentar ainda mais a grave crise vivida à época pelos judeus, particularmente, na Rússia?

12 - Friedrich Wilhelm **Nietzsche** (1844-1900), filósofo e escritor alemão, em *Musarium* (Filosofia das Graças), *Coletâneas*, volume 23, página 282 - 1929/Richard Oehler (1878-1948), estudioso das obras de Nietzsche.

Repassando mentalmente a conversa mantida com Nilus há poucas horas, Dobiev colhe na lembrança a frase dita pelo escritor acerca do “fanatismo” de Herzl e só agora, recolhido em reflexão induzida pela leitura das atas, lhe ocorre a contradição do termo quando empregado para um iluminista - como o era Herzl, que desprezava o fanatismo em todas as suas formas. O irônico da situação, pensava Dobiev, é que Theodor Herzl e Sergei Nilus quase poderiam ser a mesma pessoa. Tal qual Nilus, Herzl abraçava a dramaturgia, o jornalismo e a produção literária, atividades complementares àquela desempenhada como doutor em direito pela Universidade de Viena.

Mas, entre ambos havia diferença marcante – para Nilus, cristianismo; para Herzl, iluminismo. Enquanto Nilus colocava os preceitos cristãos ortodoxos acima de tudo, desde tenra idade Herzl abraçara como razão o iluminismo germano-judeu. Sob sua presidência, entre 29 a 31 de agosto de 1897, o Congresso da Basileia fora o ponto de partida para o estabelecimento da nação judaica na Terra de Israel. *“Nos bastidores deste Congresso - conforme Nilus reforçara diante de Dobiev -, foram compiladas as atas, documento agora intitulado Os Protocolos dos Sábios de Sião”.*

Naquele momento, o cenário projetado por Dobiev aponta em única direção. Para o prior, Nilus estava à mercê de paranoica febre, sem condições de analisar a extensão do perigo representado pela reprodução de *Os Protocolos*. Seriam legítimas tais atas? Em caso afirmativo, seriam os conspiradores ingênuos a ponto de construir teses que apontavam para o domínio universal, sem a preocupação de mantê-las em segredo?

Por ora, estes e outros questionamentos quedavam sem resposta, contudo, mais como amigo do que como responsável pela reprodução, Dobiev decidiu que era necessário novo encontro com Nilus, antes da

conclusão da edição de *O Grande no Pequeno*. Além do mais, o prior presentia algo de familiar nas escritas das atas. Tinha quase certeza que já lhe passara pelas mãos um texto com trechos semelhantes àqueles que Nilus apresentara como produto dos bastidores do Congresso da Basílica. Era urgente buscar tal origem, acima de tudo, para proteger Nilus.

Interrompendo a leitura das atas, as quais tranca à chave num dos compartimentos da sua escrivaninha, Dobiev deixa a oficina e se dirige à ampla biblioteca do mosteiro, verdadeira arca de tesouros literários, muitos editados ali, outros recolhidos nos mais diferentes recantos do mundo, em especial, na França. Vem à memória do prior a informação de Nilus, de que as atas originais estavam redigidas em francês, o que o faz consultar os registros dos autores pertinentes.

Noite invadindo a madrugada, três horas após a sua entrada na biblioteca e infinidade de resumos consultados, Dobiev chega a Maurice Joly. A simples observação do livro é suficiente para aclarar a lembrança do prior. Imediatamente, alcança a prateleira de onde retira uma das mais contundentes obras desse autor - *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*. Porém, algo o inquieta. Lembra-se das conversas com frei carmelita espanhol que, há mais de década, ficara hospedado no mosteiro. À época, Dobiev concluíra que o frei estava à mercê de delírios, tal a contundência das suas falas. Mas agora, comparando o conteúdo das atas com o que ouvira do frei Sebastián Hidalgo – esse era o nome do antigo hóspede -, Dobiev conclui ser urgente informar Nilus sobre as considerações do frei carmelita. Talvez, pensa o prior, o relato o faça desistir da publicação.

O cansaço toma conta de Dobiev. Seus olhos ardem sob a luz tosca que se espalha pela biblioteca, na avançada hora da madrugada. Carregando a obra de Joly, o prior encaminha-se aos seus aposentos. Deixará

a leitura para o dia seguinte, porém, sabe de antemão que ali encontrará trechos que remetem aos *Protocolos*, preocupação agora somada às lembranças colhidas da presença de frei Hidalgo. Enquanto se dirige à serenidade do quarto modesto, o monge sente crescer seus temores em relação à segurança de Nilus. A partir do momento quando chegou ao *Diálogo*, crescia em seu íntimo o mal-estar que poderia ser traduzido como uma sensação de cilada. Por outro lado, as lembranças sobre as confidências do frei Hidalgo agora o faziam vislumbrar algo que, certamente, nem passara pelas reflexões de Nilus.

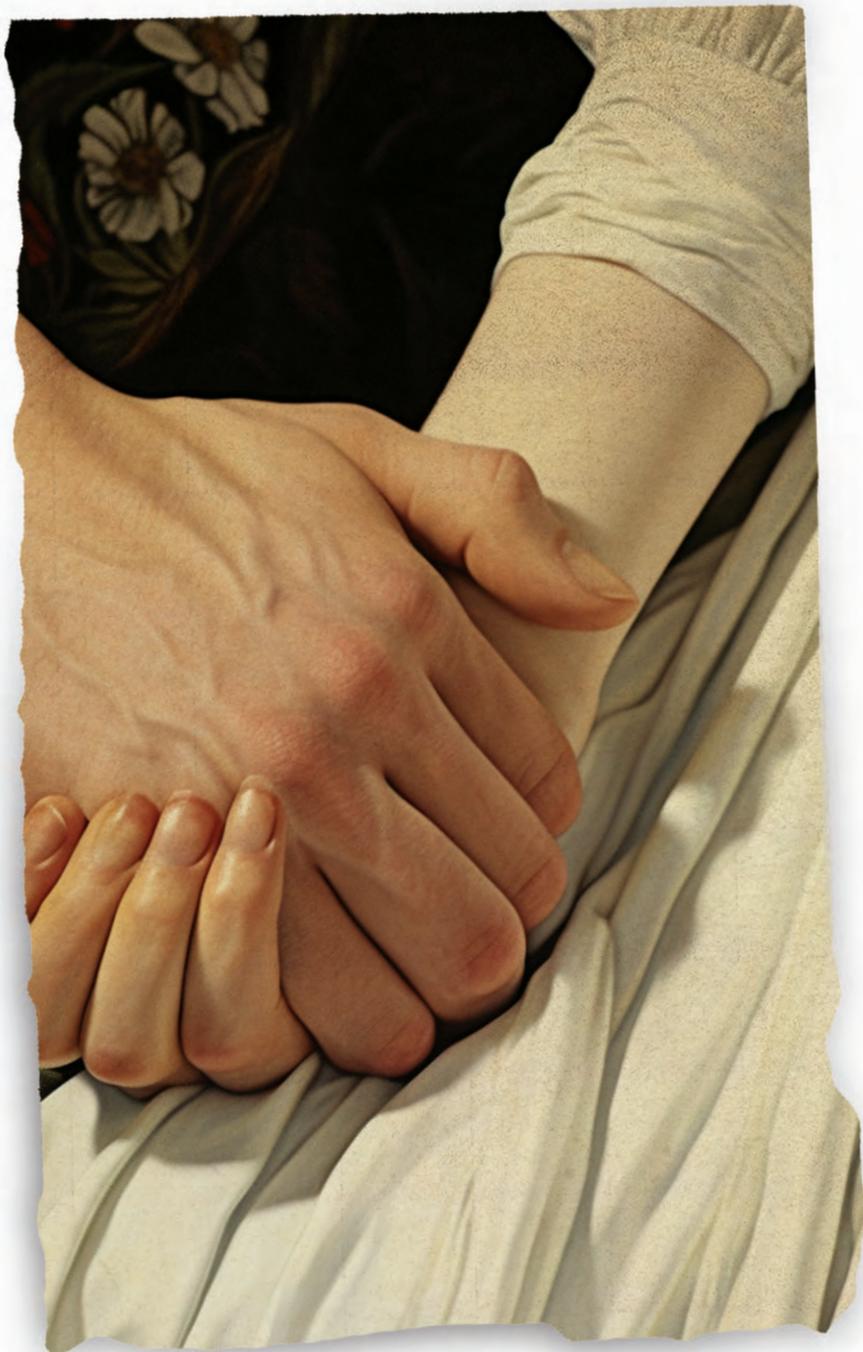
Dobiev conhecia Nilus muito bem, e o sabia incapaz de forjar escritas. Haveria uma explicação para a coincidência, tinha certeza – o que mais fortalecia nele a importância de falar com Nilus sobre a conversa com Hidalgo. Preparando-se para o repouso, rememora o conteúdo das atas, ao tempo que busca na memória mais e mais sobre as revelações do frei. Eis que lhe vem à mente a frase que, como verificaria no dia seguinte, tinha íntegra idêntica nos *Protocolos*, no *Diálogo*, e agora, estava certo, nas falas de Hidalgo: “Buscarei meu apoio no povo. Este é o abc de todo usurpador”.

Decidindo que na manhã seguinte enviaria mensageiro até Nilus, com pedido para ele retornar ao mosteiro, Dobiev se recosta no leito e, quase imediatamente, experimenta a letargia que antecede ao sono profundo. Todo o seu ser está tomado pelo temor do que aconteceria a Nilus, se ele não fosse dissuadido de levar avante a intenção de publicar os textos. O temor o faz febril. Dobiev se sente invadido por estranhas sombras que dançam ao seu redor e, num repente, se condensam em um redemoinho. Tenta cerrar os lábios entreabertos, inutilmente. Então, percebe que é o alvo do redemoinho. Sem controle, seus lábios se afastam mais e mais, até que sua boca está escancarada, à espera do inevitável.

O redemoinho aproxima-se e o invade boca adentro, tomando-lhe a consistência, a vida, a alma. Dobiev é, todo ele, um imenso redemoinho, vencendo os limites da cela, redemoinhando rumo ao infinito. Inutilmente, tenta desvencilhar-se do pesadelo, até que desiste, assumindo ser tão somente um redemoinho. É quando a grande revelação chega a ele por inteiro. O prior salta da cama como impulsionado por catapultas, caminha pelos silenciosos corredores das celas do mosteiro para chegar àquela que abrigara Sebastián Hidalgo, momentaneamente desocupada. O despojo da cela não dá margem a que algo possa ter sido oculto nela, porém, o redemoinhar do pesadelo de Dobiev apontara para uma das pedras que compõem a parede, como se um grande X a destacasse das demais.

Embora enfrentasse dificuldade por conta da parca iluminação, Dobiev identifica a pedra apontada em seu pesadelo e, com grande dificuldade, consegue movê-la. O vão que surge não está vazio. Nele, repousa pequeno livro visivelmente antigo, a desafiar a curiosidade do monge. Dobiev o retira cuidadosamente, e desta forma o transporta até a sua cela, onde entra verdadeiramente tomado de cansaço, impossibilitado de iniciar a leitura, prometendo a si que o fará tão logo for permitido por algumas horas de repouso.

Mal o Sol nasce, Dobiev já debruça na leitura do livro encontrado na cela, ocupada por frei Hidalgo há mais de década. Assim o faz, e não lhe é necessário terminar para tomar urgente decisão. Enviaria imediatamente seu emissário a Moscou com a mensagem para aconselhar Nilus a retornar ao mosteiro. Para a mensagem ser mais persuasiva, ainda que superficialmente, abordaria o relato de Hidalgo. Com todas as forças, Dobiev alimentava a esperança de mudar o rumo das intenções de Nilus.



6. a torrente

*Tu, que não és senhor do teu
amanhã, não adies o momento de
gozar o prazer possível (...).¹³*

A chegada de Nilus a Moscou ocorrera sem incidentes, a não ser para sua alma, dividida entre os desejos que tinham Elena como alvo e as responsabilidades de cristão ortodoxo - que tinham a lisura como mandamento. Tudo que precisava agora era um bom banho, seguido de sono reparador. Permaneceria em Moscou até a tarde do dia seguinte, quando retornaria a Petersburgo, onde o aguardava a luta do cotidiano.

13 - Epicuro (341 a.C – 271 a.C), filósofo grego, fundador do Epicurismo, filosofia que prega a obtenção do prazer mediante a prática da virtude como o único bem superior do homem.

Chega à hospedaria sonolento e cansado. No curto percurso entre a entrada e a recepção instalada numa saleta decorada com gosto acurado, olha distraído à direita, onde um vulto de mulher se destaca, sobrepondo-se ao afresco no qual se sobressaem as cores verde musgo e salmão, contrastando com a parede - branca como a neve. O coração de Nilus dispara. Pensando sonhar, divisa entre as sombras um rosto emoldurado por grossas tranças, braços descansando sobre o colo e a ampla saia ocultando detalhes da poltrona. Volta a atenção para o jovem guardião das chaves dos aposentos, tentando afastar o que julga um fantasma dos seus desejos. Solicita sua chave quase em um murmúrio, ainda tomado do frenesi que o fizera imaginar ali a presença de Elena.

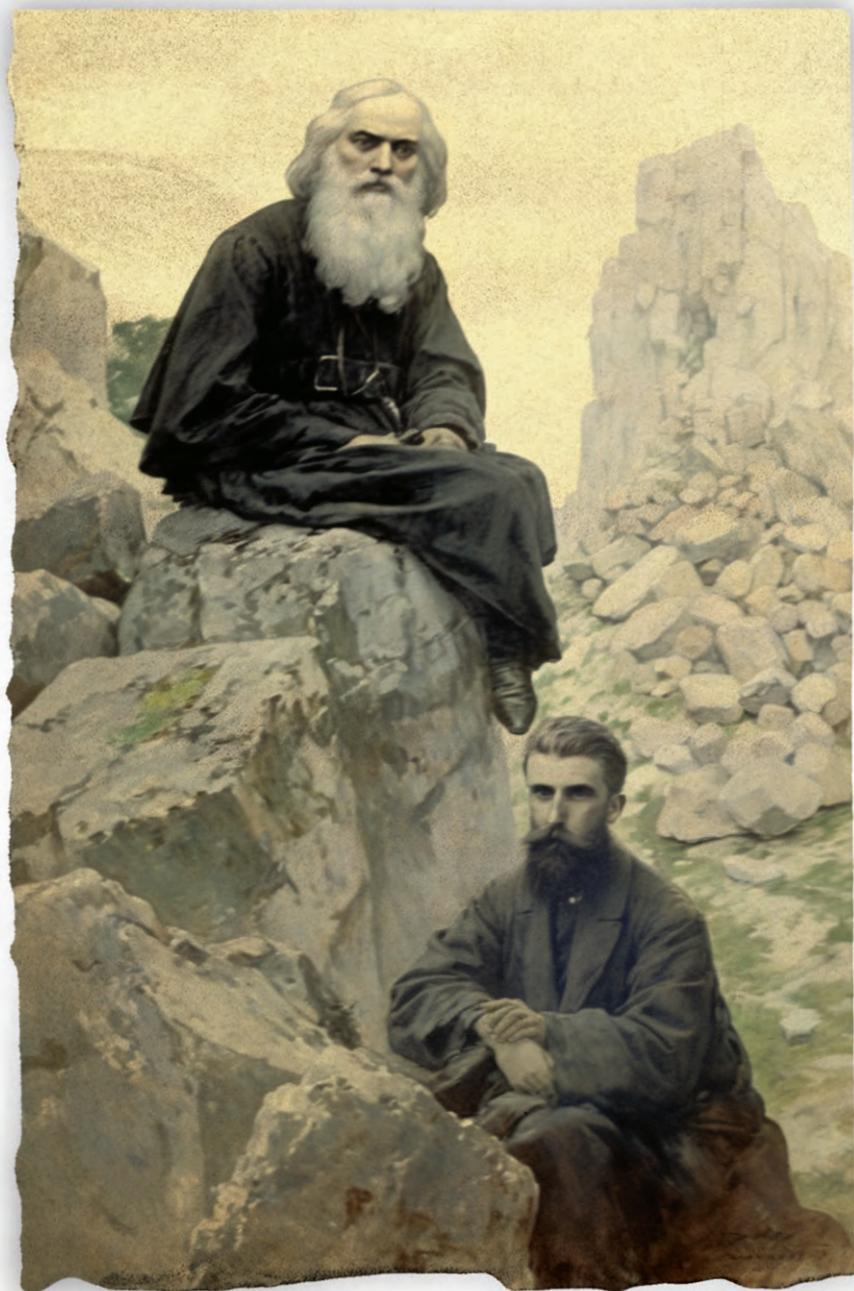
De posse da chave, Nilus sobe um lance de escadas e, tomado de enorme exaustão, chega à porta do quarto que reservara para si. Com certa dificuldade, roda a chave na fechadura e abre a porta. Antes mesmo de ultrapassar o limiar, um perfume familiar impregna o seu corpo e a sua alma. Volta-se lentamente, temendo viver tão somente um sonho, mas ali estava ela, sorridente, disponível por inteiro. Paralisado pela surpresa, Nilus necessita de alguns segundos até tomar Elena nos braços e apertá-la contra o peito, aonde um surpreendido coração parece prestes a explodir.

Nem uma só palavra foi dita. Sem apartá-la de si, Nilus roda novamente a chave na fechadura, desta vez para isolar o mundo das suas vidas. Assim somados, caminham até o amplo leito, onde se afastam do concreto para encontrar a unidade, percorrendo estreitos labirintos, espreitados por ninfas, tragados por sons violentamente melodiosos, sentindo o prazer romper das veias em um incontrolável caudal.

Para Nilus, o enlevo é tamanho que provoca dor. Queria gritar, mas seus lábios estão selados pelos lábios carnudos e voluptuosos de Elena.

Que este momento não termine nunca - pensa ele, pressionando entre os seus os dedos de Elena, perdido entre suas coxas roliças e chorando de prazer. Para ambos, a eternidade chegara - plena em suas cores, odores e sons. Tudo o mais era absolutamente nada.

De mansinho, o sol afasta a madrugada e começa a anunciar mais um dia em Moscou. Exaustos e felizes, Nilus e Elena permanecem enlaçados, envoltos pela fadiga do amor. Nilus a observa até que adormeça totalmente, cobre seu corpo nu, ajeita seus longos e negros cabelos agora soltos pelos impulsos da paixão e se deixa ficar ao seu lado, imóvel, com a mente totalmente vazia de pensamentos, de temores e de remorsos. Ele deixara de ser o seu todo. Agora é tão somente o amante de Elena.



7. CONFRONTO

*(...) dentro da gente (...), feito flecha,
feito fogo, feito faca. (...) O diabo na
rua, no meio do redemoinho.¹⁴*

O escritor luta para não adormecer, na tentativa de prolongar os ecos das sensações tão fortemente experimentadas, mas o cansaço o vence, o sono o acolhe e o pesadelo se apossa da sua alma. Mal seus olhos se fecham e ele é lentamente atirado ao pé de uma sarça ardente. Ao redor, cascalhos, pedras e alguma vegetação rala; mais ao longe, picos de montanhas apontam para um céu carregado de interrogações. Sente forte sensação, quase temor, e só consegue interrogar - *O Senhor está aqui?* O fogo da sarça se extingue. A sensação até então experimentada desaparece, assim como desaparecem as interrogações que tingiam o céu. *O Senhor se foi?* – reflete, enquanto, com dificuldade, caminha entre os cascalhos e as pedras, tentando encontrar um rumo. Quando surge Theodor Herzl.

14 - Da obra “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa (1908 – 1967), considerado um dos maiores escritores brasileiros. Médico, diplomata, romancista e contista, morreu três dias após ser empossado na Cadeira 2 da Academia Brasileira de Letras.

Frente a frente, o cristo de Nilus e o deus de Herzl iniciam a batalha.

O primeiro a falar é Herzl: *Aonde você quer chegar, Sergei Alexandrovich Nilus? O que pretende com a publicação de Os Protocolos? Difamar judeus? Instigar ainda mais o ódio contra meu povo? O que ganhará? Dinheiro? Fama? Sei de algo que, com certeza, você ganhará - o inferno.*

Nilus contra ataca: Que surpresa! Você acredita no inferno! Por que Deus criaria milhares e milhares de criaturas, somente para jogá-las ao inferno? Você está equivocado, Theodor, em todos os sentidos. Não busco fama nem riquezas. Quero alertar o mundo não contra os judeus, mas contra as artimanhas que tenham como fim enfraquecer a fé cristã, destruir núcleos familiares e subjugar a humanidade.

Herzl responde: *Você fala na fé cristã, que prega a irmandade, e está prestes a cometer o que considero fratricídio. Você fala em enfraquecimento e, no entanto, comunga com uma monarquia que tem seus dias contados. Você está cego, Nilus. A monarquia não sobreviverá aos novos tempos. Você não sobreviverá à história, como pensa. Está do lado errado. Quando se aperceber, será tarde demais.*

Nilus: Teu maior desejo é que *Os Protocolos* sejam publicados. Eu sou instrumento do teu desejo, talvez mais até do que os meus próprios desejos. Por que, então, perde tempo em tentar dissuadir-me de publicá-los?

Herzl: *O que o leva a pensar que eu desejo publicar Os Protocolos? E o que o leva a pensar que quero dissuadi-lo da publicação? Quero somente saber por que, realmente, há tal empenho de tua parte. Quanto a dissuadi-lo, tenho suficiente discernimento para saber que o caminho mais rápido para incentivar alguém, pertinaz como você, a tomar uma atitude é, justamente, contrariar seu intento. Assim...*

Nilus: Assim é que eu estou com a razão. Você quer a publicação dos Protocolos tanto quanto eu, obviamente, não pelos mesmos motivos.

Herzl: *E quais seriam os meus motivos?*

Nilus: Que tal para contar com a reação negativa dos gentios contra os judeus, a estes pressionando de tal maneira que não lhes sobrar alternativa a não ser aderir ao teu projeto, engrossando as contribuições financeiras para a criação do sionismo, disfarçado pelo intento de criar o Estado de Israel?

Herzl: *Se assim fosse, a causa seria justíssima, não acha? Alguém vive sem pátria? Já não é hora de o povo judeu constituir um Estado que lhe dê figura institucional? Se fosse como você afirma, os fins justificariam os meios.*

Nilus: A frase que você acaba de pronunciar está nos Protocolos.

Herzl: *Está mesmo? Que interessante! Você a colocou no texto?*

Nilus: Não desconverse, Herzl. Nada acrescentei ou excluí no teor de Os Protocolos. Eu disse o que pressinto acerca do teu interesse em ver Os Protocolos publicados. Você não afirmou, mas também não desmentiu. Quanto aos meus motivos, vão muito além do que aparentam, mas, certamente, tais motivos não interessam a você.

Herzl: *Não imaginei que a tua fama de adivinho se interpusesse em nossa conversa. Por favor, não tente adivinhar o que me interessa ou deixa de interessar. Diga, isto sim, quais são tais motivos, que vão além do que aparentam?*

Nilus: É uma longa história.

Herzl: *Estou disposto a ouvi-la.*

Nilus: O Século das Luzes iniciou o julgamento de Deus, que culminará com sua “morte”. É para tentar adiá-la que desejo publicar *Os Protocolos*. Quem toma conhecimento dos teores de Os Protocolos se vê diante de um tratado para o domínio ateu do mundo. De início, eu também assim concluí e assim vou editá-los, porque, como disse você há pouco, os fins justificam os meios. Contudo, após refletir sobre todos os acontecimentos

que ora vivenciamos, na Rússia assim como na França, Alemanha, Inglaterra, concluí que o documento não é um tratado, e sim um modelo de tratado, a ser seguido por todos quantos desejam a morte de Deus, independente de serem judeus, russos, franceses.

Herzl: *De qual Deus você fala? Do Deus igreja, que subjuga e condena à cegueira? Este deve morrer, realmente, porque Deus é muito mais do que isso. Deus é a Natureza individual. A semente que aos poucos germina, cresce e se fortalece, durante a noite repousando sob o orvalho, durante o dia aquecida e alimentada pelo sol.*

Nilus: Deus é um só, Herzl, e é Natureza, sim. Uma Natureza que tem leis, conhecidas por alguns, ignoradas por outros. Você cursou universidade que o fez doutor em leis. Por quê? Porque optou por conhecer as leis, para, diante delas, defender ou atacar a quem aceita salvar ou condenar. Ainda, diante da lei, você poderá orientar àqueles mais próximos, ou quem o contratar, evitando que a infrinjam – ou mostrando como contorná-la. Você advoga as causas dos homens, enquanto a Igreja advoga as causas de Deus.

Herzl: *Isto é ofensivo. Não utilizo o conhecimento que está por trás do meu diploma para manipular meus semelhantes.*

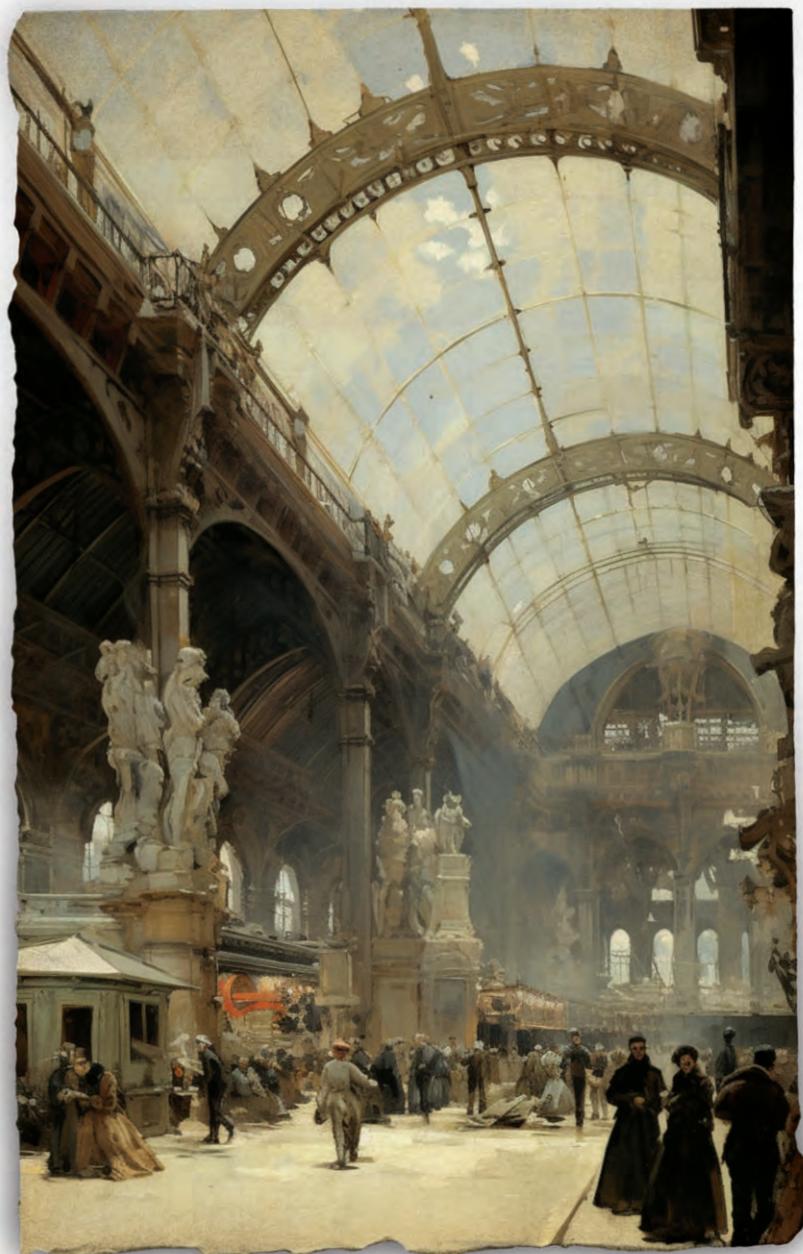
Nilus: É tudo o que você tem feito ultimamente, meu caro. Congratulações! Sua inteligência vai muito além da mediana. Eu sei como tudo funcionou. Para que perder tempo enunciando, se Maurice Joly já o fez antes? Bastou adotar o enunciado, entremeando-o de algumas efusivas defesas. Eis o modelo - o despotismo de Napoleão III. Outros ideais os copiarão ao longo da história, com certeza. Desta verdade a humanidade não estará livre, nunca!

Herzl: *Absolutamente fantasioso, Sergei. Uma tolice sem qualquer fundamento!*

Nilus: A história confirmará!

Herzl: *Será? A história confirmará também que a protegida de Butmi se enrosca em seus lençóis, com o objetivo único de alimentar uma ação prejudicial aos judeus que vivem na Rússia, qual seja a publicação de Os Protocolos e, mais especialmente, para atingir o Conde Whitte, que muito tem feito para mitigar o sofrimento do meu povo no seu país?*

A menção a Elena e a Butmi atinge Nilus como um dardo envenenado, e explode em sua alma. Repentinamente, o sonho se esvai. Ele acorda banhado pelo suor maléfico provocado pelo sonho, sobrepondo-se ao prazeroso suor do indescritível gozo que lhe proporcionara Elena, agora dormindo, plácida, ao seu lado. Nilus não quer permitir que um sonho provoque dúvidas sobre a sinceridade de Elena, mas lhe era inevitável pensar que o arrebatamento pelo sonho bem podia ser um alerta de Deus. Nova ansiedade soma-se às suas aflições. Exausto, novamente adormece.



8. NO PASSADO, O PRESENTE

*Estou destinado a ir nesta viagem de
mãos dadas com meus estranhos heróis,
e a examinar a imensidão crescente
da vida. A examiná-la através do riso que
vejo, e através das lágrimas que não
vejo e ninguém conhece.*¹⁵

Enquanto adormecido, Nilus se afasta das suas dores e temores. Abandonado de si e do mundo, deixa de ser uma autoameaça. Por um instante, nem Elena, nem Butmi, nem *Os Protocolos*, nem qualquer outro conflito existencial dançará na sua alma. Mas, enquanto adormecido, ele não poderá evitar a viagem até o seu eu verdadeiro.

15 - Nikolai Vassilievitch **Gogol** (1809-1852). Gogol nasceu em uma cidade da Poltravia, então domínio do Império Russo, hoje pertencente à Ucrânia, o que gera discussões sobre a sua nacionalidade. “Almas Mortas” é considerada a sua obra prima. Desta famosa obra jamais conheceremos o final da segunda parte – os manuscritos, dentre outros, foram por ele incinerados na lareira da sua casa em Moscou, quando foi acometido por grave delírio, às vésperas da sua morte.

- *Bem-vindo. Demorou a chegar* - cumprimenta o eu verdadeiro de Nilus.

- Nem mesmo quero estar aqui, a conversar. Preferia estar com o monge Dobiev, para os últimos acertos da publicação que pretendo concretizar em breve.

- *Você continuará a afirmar que Os Protocolos são a cópia de atas originais de um congresso sionista? Não ocorre a você que a grande semelhança entre a escrita que quer espalhar mundo afora e os textos de Maurice Joly em “Dialogue aux Enfers entre Machiavel et Montesquieu” põem em dúvida a autenticidade de Os Protocolos?*

- Eu acredito que houve cópia, sim. Quem copiou Joly estava no Congresso da Basileia. Por que eles empregariam um tempo escasso para elaborar um compêndio, se a maior parte da escrita de Joly expressa o que pretendem? É simples assim. O original de Joly foi adotado como cartilha para produzir as atas originais que formam *Os Protocolos*.

- *Quais os meios de que você dispõe para convencer o mundo a aceitar a tua tese?*

- Além de imprimir e divulgar *Os Protocolos*, Deus é o meu meio maior. Se eu estiver certo, Ele providenciará a que o mundo acate o que tenho como verdade e adote, ou não, precauções.

- *Nilus, esta é a hora de você refletir acerca das tuas verdades.*

E dentro do seu sonho, Nilus sonha. É quando passado e futuro se unem para formar um presente inusitado. No sonho dentro do sonho, Nilus caminha ao encontro de um distraído Maurice Joly, que atravessa a Pont Royal a observar as águas do Rio Sena. Paris. Manhã ou tarde? Crepúsculo ou noite? Nilus não sabe. Joly segue em direção à recém-construída e belíssima Gare d’Orsay e Nilus o alcança. Ao lado dele, caminha em silêncio até chegarem à entrada do majestoso prédio.

Porém, o que Nilus vê não é o restaurado Palais d'Orsay¹⁶, transformado no imponente terminal ferroviário projetado por Victor Laloux, um dos mais festejados arquitetos da *belle époque* parisiense. No amplo átrio sob a abóbada envidraçada, Nilus vê pessoas com trajés estranhos ao seu conhecimento, andando tranquilamente a admirar esculturas. O silêncio entre os dois homens foi quebrado por Nilus.

- As vestes são estranhas, as pessoas são estranhas, o que vejo aqui não condiz com a realidade que conheço. O que acha?

Enquanto Nilus enxergava o futuro, Joly estava no passado, quando, nos idos de 1864, ao caminhar sobre a mesma Pont Royal dos sonhos de Nilus, decidira escrever um ataque ao regime político de Napoleão III – à época, ato ilegal, passível de prisão.

Joly quebra o silêncio - *Não sei ao que você se refere. Tudo que vejo é a França sucumbir ao jugo de um déspota* - referindo-se a Napoleão III.

– O que você fará sobre tal tema eu já sei, e sei muito além deste momento que marca o nosso encontro. Você escreverá *Dialogue aux Enfers*. Para fazê-lo – é o que conta um dos lados da história -, retratará Napoleão III na figura de Maquiavel, e para contradizê-lo, usará Montesquieu. Escreverá dois anos após o meu nascimento, e impactará profundamente a minha vida adulta, até a morte.

– *Se assim você diz, devo acreditar. Minha intenção é mesmo escrever e é mesmo impactar. Por exemplo, entre os meus alertas, escreverei que um dos grandes segredos é saber apreender preconceitos e*

16 - O Palais d'Orsay foi concluído em 1840, destinado a um centro administrativo. Após um incêndio devastador em maio de 1871, permaneceu em ruínas até que o projeto de restauração, criado (1898) por Victor Laloux, o transformou na esplendida Gare d'Orsay. Assim o prédio foi utilizado até 1977, quando o governo francês decidiu transformá-lo em museu – o Museu d'Orsay, inaugurado em 1986, hoje a maravilhosa casa de obras famosas criadas por Vincent van Gogh, Paul Cézanne, Edgar Degas, Auguste Rodin e vários outros gênios das artes plásticas.

paixões populares, de modo a introduzir uma confusão de princípios que tornará impossível qualquer entendimento entre aqueles que falam a mesma língua e têm os mesmos interesses.

- Bem sei, e sei também o que virá logo a seguir, na tua abordagem sobre uma das condições essenciais para a consolidação do poder - “*concentrar, sobretudo, em destruir partidos, dissolver forças coletivas onde quer que existam, e paralisar a iniciativa popular em todas as suas manifestações*”.

- Esta é uma das máximas de Napoleão III.

- Joly, nós temos muito em comum. Enquanto o futuro acusará o *Diálogo* de plagiar trechos de “*Les Mystères de Paris*”, de Eugène Sue, o presente fora deste sonho acusa a mim de plagiar trechos do *Diálogo*.

Joly - *you plagiarized the Dialogue?*

Nilus - *you plagiarized Os Mistérios?*

- *Not, of course. But, you did not answer my question,* insiste Joly.

- Antes de responder, há algo mais que desejo dizer a você, Joly. Um dos outros lados da história conta que o tema de *O Diálogo* nada tem a ver com os feitos de Napoleão III, e que o personagem Montesquieu camufla você, enquanto Maquiavel é Adolphe Cremieux. Sobre este tema, a história especula que os textos são colocações de Cremieux, teu grande amigo grão-mestre maçom, o fundador da Aliança Universal Israelita. Tornou-se tão importante que, na França, ocupou o cargo de ministro da Justiça e dos Negócios. Você, tão somente, teria verbalizado Crimieux na forma de *O Diálogo*.

- Cremieux, este sim, um grande amigo e mestre, comenta Joly.

- Agora, você é quem não respondeu, insiste Nilus. - Quais das versões históricas é a verdadeira? Você denunciou as artimanhas de Napoleão III, ou comungou na cartilha de Cremieux?

- *De ambos, um pouco. Mas, o que isso importa? Meu ofício é escrever e, ao fazê-lo, eu acompanho o que fazem os pintores expressionistas, artistas que concebem obras a partir de um original e as reproduzem com linhas e cores distorcidas pela emoção dos seus desejos. Ou das suas crenças. Fale-me um pouco sobre o seu plágio.*

- Quem quer que tenha plagiado você, não fui eu, enfatiza Nilus. Reproduzi *Os Protocolos dos Sábios do Sião* tal qual os recebi.

- *Recebeu de quem?*

- Em 1898, eu visitei Pontoise¹⁷, interessado em conhecer detalhes sobre a agitada atividade religiosa que ali ocorrera entre os séculos 16 a 18. Durante a minha procura, cheguei à Chapelle du Carmel¹⁸, onde encontrei o frade carmelita Guillaume Baptiste. Conversamos por horas, em especial, sobre as profecias do também carmelita Francisco Palau, espanhol, fundador das Congregações Carmelitas Terceiras. Desde que proferiu seus votos, em 1833, Palau sofreu perseguições, até mesmo, sendo obrigado ao exílio. Assim foi até a sua morte, em 1872. Baptiste comentou sobre as profecias de Palau, e disse que em dia recente um envelope fora empurrado através do vão da sua porta, contendo um apanhado de escritas que, de várias formas, confirmavam as profecias de Palau. Mostrei grande interesse, e pedi para ter acesso às escritas. O frade convidou-me a ir até a sua habitação, e lá eu li pela primeira vez *Os Protocolos*.

- *Havia mesmo semelhança entre as profecias de Palau e Os Protocolos?* - quis saber Joly.

17 - Cidadezinha medieval, cerca de 40 km de Paris, região de Val-d'Oise.

18 - Chapelle du Carmel (Capela do Carmelo), também chamada Ermitage Saint-Joseph (Hermitage São José), fundada em 1605.

- Semelhança não é a palavra. Confirmação, sim. Conforme uma das citações de Baptiste, Palau enxergava num mesmo cesto os problemas religiosos, políticos, econômicos e sociais, e os via como partes de um todo – “um só e imenso movimento que (...) procura derrubar (...) a ordem social cristã”. Este é quase o resumo de tudo que está dito nos textos de *Os Protocolos*.

O relato intriga Joly. – *Por que um estranho qualquer, num dia qualquer, empurraria tais escritos pelo vão da porta de Baptiste? Qual a intenção?*

- Por meses eu carreguei na alma estas perguntas, e concluí que foram colocadas ali para sugerir a Baptiste – um grande admirador de Palau - que, realmente, as luzes proféticas do frei carmelita espanhol brilhavam nos horizontes do mundo. Mas, não apenas. Concluí que tais escritas tinham a mim como destinatário. Isto porque, mesmo com grandes dificuldades, eu teria como reproduzi-las e alertar o mundo sobre as artimanhas engendradas nos bastidores da sociedade. Baptiste jamais poderia empreender tal tarefa. Ele não tinha a mínima condição.

- *Se entendi direito, você está dizendo que, por obra divina, os Protocolos chegaram às suas mãos, para que você os reproduzisse. Dizendo também que a você não importa se as escritas são plagiadas do Diálogo; se minha obra é inédita; se é um plágio de Os Mistérios de Paris; ou um ditado de Cremieux. É isso?*

- Assim é. A mim, não importa. O que importa é reproduzi-los.

- *Tantos ingredientes há na composição das tais escritas que dificilmente elas serão levadas a sério. Você é bem mais louco do que dizem que sou.*

- Por que dizem que você é louco, Joly? Por ter assaltado um banco? Por ter se suicidado?

- *Não assaltei banco algum e não me suicidei. A camarilha de Napoleão III encarregou-se de montar esta parte da minha história. A outra parte, você nunca leu?*

- Nunca li. Peço desculpas.

- *Aceito e igualmente peço desculpas, porque preciso ir. Começarei ainda hoje a escrever o Diálogo. Boa sorte com as suas reproduções.*

Sem dar a Nilus tempo para retrucar, Joly virou-se e saiu, abandonando a Gare d'Orsay como um homem curvado sob o peso das próprias interrogações. Com Joly se foi também o sonho dentro do sonho. Para Nilus, acabara o refúgio. Acordou sobressaltado, muito menos pelo encontro com o seu eu verdadeiro, muito menos pelo encontro com Maurice Joly, muito mais pelo confronto com Herzl durante seu primeiro sonho, em especial, a menção a Witte – a quem Nilus admirava; a Butmi; e a Elena.



9. witte, BUTMI, eLENA

*Que a minha loucura seja
perdoada, pois metade
de mim é amor, e a outra
metade, também.¹⁹*

Desperto, Nilus lembrou o Theodor Herzl do seu sonho, e a menção a Sergei Yuliévich, o conde Witte – ortodoxo como ele e inteligente, culto e de grande visão. Político reformista, Witte ascendeu de administrador das ferrovias do Sul da Rússia – graças a ele nasceu a Transiberiana - a ministro das Comunicações e da Fazenda. Nilus admirava Witte, que lutava grande batalha pelo que considerava justo e certo, postura comum a ambos, embora por motivos outros. Ocupando cargo administrativo no império russo entre 1892 (ainda sob o reinado de Alexandre III) a 1903 (já sob as ordens de Nicolau II), Witte foi, à época, praticamente o único responsável pelos caminhos da economia russa.

19 - Do poema “Metade”, de **Oswaldo Viveiros Montenegro** (1956, Rio de Janeiro). Compositor, instrumentista, cantor, poeta, roteirista e mais, Oswaldo Montenegro é um expoente da música, do teatro e do cinema brasileiros.

No cargo de ministro das Finanças, desde logo Witte iniciou arrojado plano para fazer da Rússia potência econômica, o que mais tarde trouxe como resultado o endividamento externo. Nilus não conseguia evitar comparar-se a Witte, ao imaginá-lo solitário nas suas intenções, dividido entre afazeres práticos do cotidiano e o desejo de contribuir para algo maior dentro da sociedade na qual vivia. Os tempos vividos por Nilus entre a realidade e os sonhos eram também os tempos vividos por Witte, ministro privilegiado pela autonomia, ao que se somava o fato de ser confidente de Nicolau II, o que provocava indignação em outros mandatários, empenhados em solapar sua influência. Seus oponentes políticos não mediam esforços para desacreditá-lo junto às classes dirigentes e à família real. O conflito tinha como centro o Estandarte Ouro, que Witte pretendia introduzir na Rússia para atrair capital estrangeiro. Enquanto o ministro almejava formar aliança com a França, seus adversários preferiam a Alemanha. Embora nas suas reflexões Nilus acreditasse que Witte sobreviveria galhardamente aos seus opositores, aproximava-se, célere, o tempo quando as pressões sobre Nicolau II surtiriam efeito, e Witte acabaria por ser demitido de suas funções públicas.

Por instantes, Nilus se deixa envolver pelas marcas até então deixadas na história pelo Conde Witte, e avança para encontrar na trilha aquele cujo nome Herzl mencionara no sonho como o protetor de Elena - George Butmi de Katzman. Nilus tinha consciência de que, como nunca desde a instituição do czarismo, os judeus sofriam na Rússia grande perseguição e discriminação. Casado com uma judia, Witte era solidário aos judeus, dispondo-se a revogar leis repressivas emanadas do czarismo. Para enfrentar as intenções de Witte, definitivamente decidido a melhorar as condições do povo judeu na Rússia – outro, e talvez, o principal motivo que em futuro próximo o levaria à queda -, muitos eram os articuladores,

dentre eles, Butmi de Katzman, tenente da Okhrana, a primeira polícia secreta governamental criada (1881) em todo o mundo.

Contra a força não há resistência – reflete Nilus, lembrando que, além de infiltrados em todas as esferas sociais e políticas da Rússia, os agentes da Okhrana estavam espalhados pelas principais cidades do mundo. Para muitos, entre os quais Nilus se incluía, não era segredo a frequência das idas de Butmi à França, mais especificamente a Paris, aonde, conforme especulações, ele e demais agentes, escolhidos a dedo, forjavam literatura instigadora do ódio aos judeus. De pronto, veio à lembrança de Nilus a especulação que, mais diretamente, lhe dizia respeito - Os Protocolos dos Sábios do Sião teriam sido forjados pela Okhrana, a pedido do czar Nicolau II.

Neste momento, apagam-se as lembranças dos atores secundários apontados nas frases ditas por Herzl em seu sonho, para restar somente Elena Alexandrovna Ozerova, judia nascida em berço de ouro. O pai de Elena, Alexander Petrovich Ozerov, originário da Polônia, era um aristocrata. Com a esposa, Maria Ivanova Ozerova, teve sete filhos. Desempenhou inúmeras atividades na corte imperial russa, entre as quais a de enviado a serviços diplomáticos na Grécia, onde Elena nasceu. Educada com esmero, desde muito jovem ela se tornou a dama de companhia preferida da czarina Alexandra Fedorovna, esposa de Nicolau II. Tinha trânsito absoluto no palácio imperial e grande influência junto à czarina. Não fosse Elena e sua influência, dificilmente Nilus teria logrado editar *Os Protocolos* com a repercussão pretendida e, muito provavelmente, sua história teria enveredado por outros caminhos.



10. Na estrada, a espreita

*Também a vida é só um instante, apenas um
dissolver-se, de nós mesmos nos outros (...),
nada além de um canto, um sonho, uma pomba
azul acinzentada.²⁰*

Enquanto Nilus mergulha em reflexões, o prior Dobiev deixa a cela, vai ao encontro de um dos seus mensageiros e pede urgência na entrega de correspondência para Nilus, que declarara a intenção de uma vez em Moscou, se hospedar na Pousada Rapsodya até a hora do embarque para retornar à sua cidade. O mensageiro deveria apressar-se, vez que Nilus regressaria a Petersburgo no início da noite, o que Dobiev pretendia impedir, chamando-o de volta ao Monastério da Trindade e San Sergio.

20 - Boris Pasternak (1890-1960), prosaísta e poeta russo, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1958. Pasternak é o pai de uma das marcantes obras da literatura russa – Dr. Jivago. Filho de Leonid Pasternak, pintor famoso, membro da Academia de Artes de São Petersburgo e renomado ilustrador de livros, como tal incluídos trabalhos para Lev Tolstoi.

O mensageiro parte ao encontro de Nilus. Não era um mensageiro ao acaso. Era Vladimir Komarov, um dos monges de total confiança de Dobiev. Komarov vivenciara seu noviciado no Stavronikita, o menor dos 20 mosteiros do Monte Athos – a Montanha Sagrada, na Grécia. Stavronikita, fundado no século 11, não abriga apenas monges, como assim, entre outras preciosidades, o ícone de St. Nicholas – São Nicolau, padroeiro da Rússia e de Moscou. Criado por Theophanes de Creta²¹, esse ícone é um mosaico belíssimo, consagrado como um dos mais raros exemplares desse estilo da arte bizantina.

Desde a sua chegada a San Sergio, a qualquer oportunidade surgida Komarov contava passagens do seu noviciado, destacando que não apenas Stavronikita, mas vários dos mosteiros ortodoxos da Montanha Sagrada são valiosos guardiões de tesouros artísticos e culturais da época bizantina - quando foram erguidos.²²

No período quando viveu ali – verdadeiro conglomerado de mosteiros, isolado em uma península ao norte do Mar Egeu -, o monge Komarov exercitou estreita proximidade com os ensinamentos da tradição monástica oriental, colhidos dos Pais e Mães do Deserto, monges e monjas eremitas que a partir dos anos 270 da nossa era optaram por viver no deserto da Nitria, no Egito. Os mosteiros da Montanha Sagrada são redutos de preservação e divulgação dos ensinamentos dos Pais e Mães do Deserto. Durante a sua vivência em Stavronikita, Vladimir leu texto antigo que o

21 - Theófanos de Creta, ou Theófanos Strelitzas (1490-1559), ele mesmo assumido como monge em Stavronikita, assim como ali entronizou seus filhos. Destacou-se como pintor de ícones de grande repercussão e, à sua época, foi o principal autor de pinturas murais gregas. Reconhecido professor das artes que dominava, teve entre seus alunos Domenikos Theotokopoulos, mais conhecido como El Greco.

22 - Localizado na Macedônia Central, norte da Grécia, hoje Patrimônio da Humanidade, o Monte Athos é uma República Monástica sob a jurisdição do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla.

abalou profundamente, e guardou o conhecimento para si por julgá-lo herege e aterrador, sem sequer de longe imaginar que a sua viagem de agora tinha forte elo com o que lera década antes. Ainda que soubesse, nada o faria desviar-se do que, realmente, ele sentia ser - um dedicado servidor dos seus semelhantes, “amando-os como são, e não como deveriam ser”, conforme vivenciou no mosteiro da Montanha Sagrada e assumiu totalmente para a sua vida. Não era um beato, não era um guerreiro. Sua única arma era a fé inabalável na misericórdia. Contudo, a fé inabalável não pode defendê-lo do que viria a seguir.

Acomodado na sua montaria, Vladimir Komarov tenta vencer com ardor a distância que o separa da Pousada Rapsodya, em Moscou. A manhã avança. Vez ou outra, seus olhos procuravam o firmamento. A ele, o pedaço de firmamento que se deixava ver parecia ser o mesmo que, anos antes, observava enquanto fazia as suas preces na Montanha Athos. Tão igual. Tão diferente.

Enquanto cavalga a observar o infinito, ele reflete. O que vê talvez seja a mesma nesga que lhe era possível ver enquanto, em Nitria, buscava as suas verdades. Agora, a verdade de Vladimir Komarov era o encontro com Sergei Nilus, para impedi-lo de regressar a Petersburgo sem antes acatar o pedido do prior Dobiev para retornar ao mosteiro. Komarov pensava em Nilus e pressentia a si naquela criatura que julgava controversa, porém, totalmente mergulhada na intenção de preservar Deus para os homens. Neste ponto, eram semelhantes.

De repente, teve a certeza de que alguém o espreitava. Olha para trás e nada vê. Continua a cavalgar e novamente a sensação o assola. Num átimo, um bando de encapuzados atravessa o seu caminho, fazendo-o parar. Ferozmente atacado, Vladimir Komarov foi lançado por terra. Uma dor aguda atravessa seu peito, e ele entra em vertiginosa espiral que o arranca de si.

Assaltantes? Agentes da Okrana? Viajantes famintos? Por agora, impossível identificá-los. À margem da estrada, o corpo de Vladimir Komarov jaz sem vida. Sua mochila, agora em outras mãos. Logo, os agressores do monge se afastam e, à pouca distância, ocultos pela vegetação, vasculham a mochila à procura de carta que não encontram. Um deles, notoriamente líder, diz que devem retornar até o corpo de Komarov e vasculhar as suas vestes, à procura da carta com o timbre de Dobiev. Porém, ao espreitar entre os vazios da vegetação, eles enxergam alguns homens debruçados sobre o monge sem vida. Enquanto observam, outros viajantes acercam-se do corpo de Komarov, tornando impossível a aproximação. Decidem permanecer ocultos e acompanhar o desenrolar da cena, dispostos a não desistir da tentativa de se apossarem da carta, o que lhes valeria um bom dinheiro.

- Yury, quem, afinal, nos pagará por uma carta? – perguntou Andrey, o mais jovem do grupo, àquele que o liderava.

- De quem virá o dinheiro não sei – disse Yury. Fui procurado por alguém que se apresentou como serviçal no Monastério da Trindade e San Sergio, aonde, segundo ele, que não é monge, foi acolhido por Dobiev ao apresentar-se maltrapilho e faminto. Disse chamar-se Fornière, mas não acredito que seja esse o nome dele. O relato feito por ele deu conta que um monge de San Sergio, contrário a Dobiev, forjara a carta. Por ser forjada, a carta deveria ser devolvida ao mosteiro, para que o prior tomasse as providencias pertinentes, munido da prova. Na verdade, não sei se este relato é real ou fictício, mas, pouco importa. O que me convenceu foi a oferta de uma peten'ka²³. Pelas

23 - Cédula mais valiosa do então império russo. Peten'ka é diminutivo do nome Piotr e faz referência a Pedro, o Grande, cuja imagem é reproduzida na cédula. A nota surgiu em 1898 e valia 500 rublos. À mesma época surgiu a cédula katen'ka, diminutivo de Ekaterina, que exibia a imagem de Catarina, a Grande, e valia 100 rublos.

mãos de Fornièrre, ao que sei, o pagamento é montante que resulta da doação de devotado protetor de Dobiev.

- Nem sei por que fiz a pergunta – retrucou Andrey. O que importa é mesmo o pagamento, e não quem ou porque paga. Mas, sinceramente, acho tudo muito difícil de acreditar - afirmou. Agora aos 19 anos, desde o nascimento vivendo em Sergiev Possad, nas cercanias do Monastério da Trindade e San Sergio, Andrey conhecia Dobiev o suficiente para saber que era arguto o quanto bastasse para não se deixar enganar facilmente. Até onde sabia, Dobiev não se deixava adular por “protetores”, e se o fato relativo à carta fosse legítimo, ele mesmo, o prior, trataria de encontrar uma solução para obtê-la, que não fosse contratar assaltantes de estrada.

- Quer saber, Yury? O relato desse tal Fornièrre nada tem a ver com a realidade, acho eu. Conheço Dobiev, assim como você conhece. Ele se distancia de protetores como o diabo da cruz. Acho que cometemos um grande erro, e por isso estamos totalmente enrascados. Melhor irmos embora, e já - alertou Andrey.

- Quem disse a você que acreditei no relato de Fornièrre? A mim interessa o dinheiro – reafirmou Yury, disposto a permanecer à espreita até conseguir aproximar-se do corpo inerte de Komarov. Logo, percebeu o seu intento cair por terra. Um pequeno grupo reunido em torno do monge o resgatou, tirando-o da vista dos agressores. Um séquito iniciava a recondução de Komarov a San Sergio.



11. eterna procura

*Por tanto amor/ Por tanta emoção/
A vida me fez assim/ Doce ou atroz/
Manso ou feroz/ Eu caçador de mim*²⁴

Horas antes de o destino, na forma de agressores, impedir que a carta enviada por Dobiev chegasse até Nilus, em Moscou a madrugada dera lugar à manhã. Um vento suave invade o quarto ocupado por Nilus. Somente uma leve brisa. Assim como o respirar sereno de Elena, a afagar seu rosto. Desperto, tudo o que viu foi ausência. Elena se fora, ou Nilus teria apenas sonhado aqueles momentos inesquecíveis, apartados do mundo real? Negava-se a acreditar que tudo fora um sonho, tal o prazer que ainda o dominava por inteiro.

24 - Estrofe da canção “Eu, Caçador de Mim”. Letra e música de Luiz Carlos Pereira de Sá (do trio brasileiro Sá, Rodrix e Guarabira), cantor, compositor e violonista; e do músico e vocalista Sergio Magrão (nome artístico de Francisco Sérgio de Souza Medeiros), baixista do grupo musical brasileiro 14 Bis.

Bastou a Nilus aguçar um pouco mais os sentidos para ter a certeza de que Elena estivera ali. O perfume dela dançava no ar, como borboletas em busca de néctar. Lentamente, deixou o leito presa de pensamentos que o impeliam para longe, para o futuro, para os sofrimentos e os percalços que por certo viriam. Seria sempre assim? Elena passaria por sua vida apenas de momento em momento? Quanto tempo mais teria meios para manter-se e levar avante a edição especial de *Os Protocolos*?

Entrou para o banho como quem se despede. Logo, o perfume impregnado em seus poros desaparece e ele se sente mais sozinho do que nunca. Por mais que tentasse, não conseguia afastar um pensamento atemorizante – e se desistisse? E se abandonasse o projeto de reeditar *Os Protocolos*, para refugiar-se numa esquina qualquer do mundo e, uma vez ali, cuidar tão somente de Elena e de si? O temor da desistência tomava forma em seu pensamento. Tentou afastar o incômodo temor enquanto, ainda na pousada, fazia a primeira refeição naquela manhã de Moscou. E então, ele era e não era. Apenas, um Nilus tristemente desperto que engolia a refeição sem saboreá-la, invadido pela incerteza. Não sabia se voltaria a ter Elena em seus braços, e tudo o mais lhe parecia fugidio. Nilus era uma incógnita para si.

Ao final do dia, Nilus empreenderia a viagem de volta a Petersburgo, mas sentia que lhe faltava algo. Era como se a sua bagagem, já quase totalmente organizada para a partida, estivesse entulhada por peças sem importância, ocupando o lugar de verdades espalhadas ao vento, esperando para serem colhidas, embaladas e guardadas no mais profundo da sua alma. Triste e incerto Nilus. Terminada a refeição, decidido a caminhar pelas ruas de Moscou, deixa a pousada e inicia um vagar sem rumo. A leve chuva que começa a cair não o incomoda. Na verdade, ele mal a percebe. Estava por demais absorto

em seus pensamentos, verdadeiros tentáculos que enveredavam por todo o seu corpo como uma corrente elétrica, causando sobressaltos em cada porção de si. Desvia o olhar para o chão, já repleto de poças a refletir as fachadas e duplicar cenas reais para criar espelhos de pequenos mundos moscovitas.

A vida no espelho, pensou Nilus. Imaginou que bom seria se pudesse capturar a vida no espelho e nela viver. Sem nem mesmo dar-se conta, ele se curva em direção a uma poça e a toca com os dedos. Imediatamente, a cena refletida transforma-se em desenho desconexo. Retira os dedos que remexiam a água e, lentamente, a imagem retorna por inteiro. O que Nilus queria agora era mergulhar na poça, atravessar o túnel da razão e se deixar ficar naquela vida no espelho, inerte, um tanto quanto ondulada, até que alguma curiosa mão remexesse a água da poça-espelho e, por alguns segundos, ele deixaria a inércia para redemoinhar na ilusão. E assim em um moto, que duraria enquanto durasse o tempo da chuva.

Arrancado dos pensamentos ao sentir o peso das roupas encharcadas pela chuva que teimava em persistir, agora mais intensa, Nilus inicia o caminho de volta à pousada. Após banho revigorante, desce ao refeitório para o almoço. Na mesa ao lado, um homem de meia idade, barba por fazer, parece absorto a ler o jornal. Mal Nilus sentou-se, o desconhecido entabulou conversa.

- *Dia horrível, não acha, senhor...*

- Sergei Nilus. E o senhor...?

- *Ygor Tchenko. Importa-se em compartilhar a sua mesa?*

Na verdade, Nilus não tinha o mínimo desejo de entabular conversa com quem quer que fosse, mas, como próprio do seu perfil, gentilmente acatou o pedido.

- Acomode-se, por favor, fique à vontade. Está hospedado aqui há muito tempo?

- *Acabo de chegar, vindo de Pereslavl-Zalessy. Já perto de Moscou, o que presenciei me faz querer conversar com alguém, na tentativa de afastar o impacto daquela triste cena. Um corpo sem vida jazia à margem da estrada. Na verdade, tratava-se de um monge, como as vestimentas o identificavam. Foi terrivelmente ferido, provavelmente atacado por assaltantes.*

Nilus teve um sobressalto. Não raro, monges de Trindade e San Sergio eram enviados a Moscou por Dobiev, em especial, para comprar materiais necessários às compilações e impressões que eram realizadas no Monastério.

- Senhor Tchenko, tem mais informações sobre o monge? Perguntou Nilus com voz embargada, quase inaudível.

- *Não tenho outras informações. E o senhor, vem de onde?* – perguntou o homem que se identificara como Ygor Tchenko.

- Venho do Monastério de San Sergio.

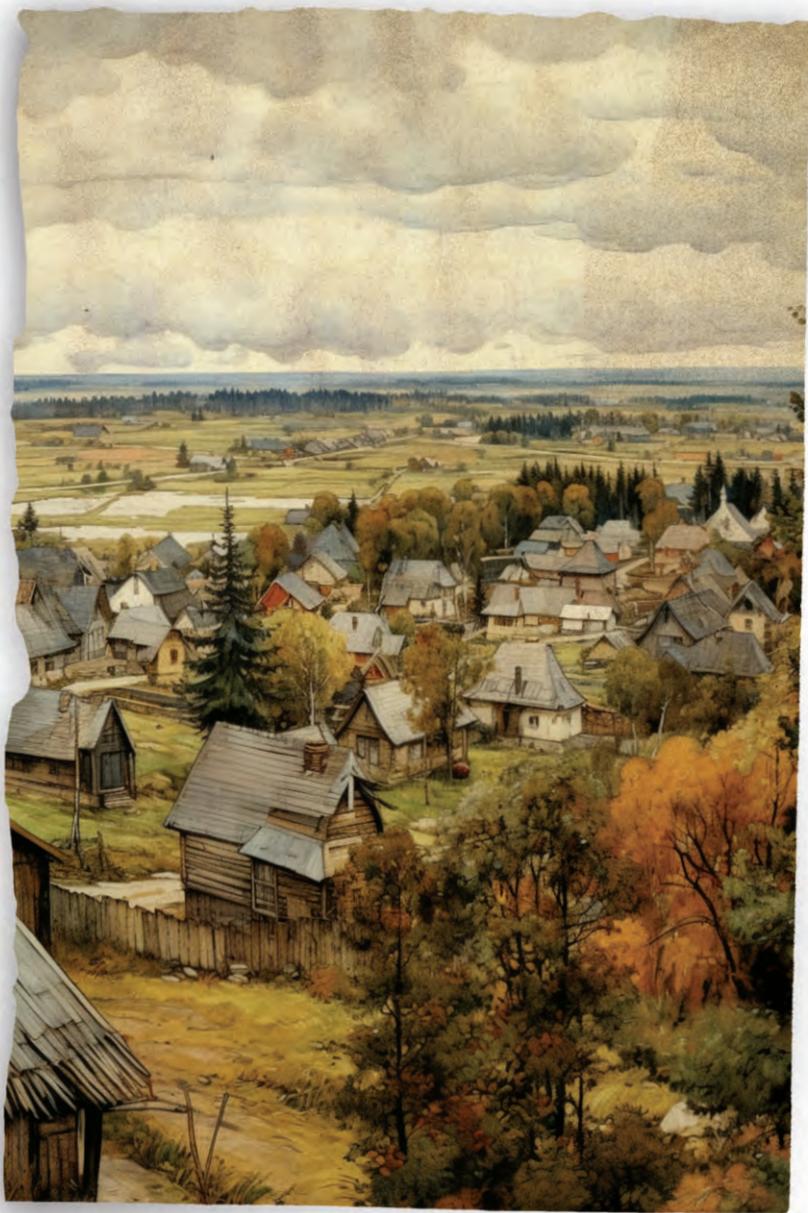
- *Senhor Nilus, está pensando em ser monge?* - perguntou Tchenko.

- De certa forma, já me sinto um monge. Contudo, visitei San Sergio com outro objetivo – respondeu Nilus.

- *O senhor é artista? Pintor, escultor, algo assim? Tenho comigo que os amantes das belas artes têm muitos motivos para visitar San Sergio.*

E esta agora – pensou Nilus, começando a preocupar-se com o interesse demonstrado por Ygor Tchenko, presença que começava a incomodá-lo. Tinha que dar um jeito de interromper o diálogo educadamente, porque, pensou, o homem que o abordava poderia ser uma ameaça. Por conta dessa dúvida, decidiu dar uma resposta educada, porém, evasiva.

- Os tesouros artísticos guardados em San Sergio são, realmente, um grande prazer para os olhos como para a alma, senhor Tchenko. Diante deles, é difícil alguém rotular-se como artista. Peço desculpas, mas devo preparar-me para a partida. Espero que tenha um excelente dia - despediu-se Nilus, esforçando-se por não demonstrar ansiedade. Também gentilmente, Tchenco despediu-se, seguindo Nilus com os olhos até vê-lo desaparecer escada acima, rumo ao quarto.



12. Nasce a morte

*(...) Com o mistério das coisas por baixo
das pedras e dos seres/ Com a morte a pôr
umidade nas paredes e cabelos brancos nos
homens/ Com o destino a conduzir a carroça
do tudo pela estrada do nada.²⁵*

Ygor Tchenko não era letrado, mas exercia uma das “profissões” mais bem remuneradas. À serviço dos interesses mais diversos e contraditórios, ele intermediava falsificadores, estrategistas de ciladas, assaltantes de estrada. Era especialista em ocultar seus clientes e em atribuir as falcatruas a quem fosse necessário prejudicar. Não raro, Tchenko era contatado indiretamente, por um mandatário capaz de não deixar rastros que levassem ao real contratante. Assim foi quando um homem de meia idade, envolto em surrado traje camponês e o rosto semioculto por uma espécie de xale, procurou Tchenko no endereço que ocupava em Almazovo, a pouco mais de 30 quilômetros ao norte do centro de Sergiev Posad.

25 - Estrofe do poema “Tabacaria”, de Fernando Pessoa (1888-1935, Lisboa, Portugal), um dos mais importantes literatos portugueses do modernismo. Entre suas lides, foi poeta, jornalista, editor, publicitário.

A casa de Tchenco destacava-se no ambiente rural de Almazovo. A propriedade era ampla, porém, com dimensões não superiores às daquelas dos seus vizinhos, produtores rurais. Com a casa, era diferente. Embora o exterior fosse discreto, os interiores, além de confortáveis para a vida cotidiana, ostentavam luxo. Lareiras em vários aposentos, tapetes caros, estantes com cristais. No escritório onde Tchenco recebeu o mandatário, um aparador exibia vários tipos de bebidas.

- O senhor bebe algo? – perguntou ao visitante.

- Não, obrigado. Meu tempo é curto. Nesta madrugada, um mandatário de Dobiev será enviado a Moscou, para levar uma carta cujo conteúdo não pode ser conhecido, sob pretexto de provocar danos a pessoas muito poderosas. O que me traz aqui é dar a você a missão de interceptar a carta, a qualquer custo.

- Se eu aceitar a missão, quanto receberei?

- Um adiantamento de duas peten'kas (mil rublos), que lhe entregarei agora, e outras quatro mil peten'kas quando eu retirar a carta com você, devidamente selada, tal qual estará quando você tomar posse dela, responde o interlocutor.

Ao ouvir o valor oferecido, Tchenco teve certeza de que o tema da carta era, realmente, de extrema importância para alguém que ele não sabia quem, mas, na verdade, não lhe importava saber. Num relance, ele lembrou que mil rublos representavam cinco vezes mais do que os 200 rublos recebidos por um professor mediano durante um ano de trabalho. Nem pestanejou para dar a resposta.

- Está bem. Aceito a oferta.

- O mensageiro de Dobiev deverá ser interceptado ainda na estrada, antes de chegar a Moscou. Retornarei em três dias, para buscar a carta.

- Realmente, o tempo é curto. Sairei agora mesmo à procura de pessoas de confiança, para auxiliar na empreitada.

- Faça como achar melhor. A mim, só o que importa é a carta. Como consegui-la, é seu problema. Boa sorte - desejou o desconhecido e, imediatamente, saiu a caminhar com passos ágeis, contrastantes com a impressão que desejava passar, qual fosse a de um camponês alquebrado pela labuta diária.

Embora Tchenko não fosse próximo a Dobiev, admirava o prior de San Sergio, que comandava o mosteiro com mãos firmes, mas com atenção e caridade, para com os seus subalternos e os povos carentes da região. O que poderia ter de tão grave no conteúdo da carta, Tchenko não consegue imaginar. Afasta os pensamentos para concentrar-se na decisão de quem contrataria para auxiliá-lo. Logo conclui que deveria procurar Yury Diedovich, jovem contraventor que vivia nas cercanias de Sergiev Possad. Iria procurá-lo pessoalmente, mas, obviamente, disfarçado. Não seria difícil, porque Yury não fazia parte dos que conheciam estreitamente Tchenko. Vestiria trajes amplos, ocultaria ao máximo as feições e se apresentaria a Yury com o pseudônimo de Fornièrè.

Tchenko não sabia quem, exatamente, era Fornièrè, mas ouvira muitas referências ao nome quando visitava o mosteiro discretamente, para colher aqui e ali trechos de conversas que, eventualmente, poderiam ser úteis para os seus ardilosos propósitos financeiros. Gostava do som da pronúncia do nome. Então, o adotou temporariamente.

Assim, Tchenko “Fornièrè” apresentou-se a Yury sob disfarce, fez a contratação, explicou os detalhes, combinou o pagamento e foi embora, preparar-se para a viagem que também faria ao longo da trilha a percorrer pelo monge Vladimir Komarov. Na madrugada seguinte, espriando à saída do monastério, iniciou a cavalgada para, discretamente, seguir Komarov. Queria certificar-se que Yury e seu bando levariam a cabo a missão de resgatar a carta.

O trajeto transcorre sem sobressaltos, até que Tchenko presencia o assalto a Komarov, a mochila dele ser arrebatada, e o bando a esgueirar-se por entre a vegetação da margem da estrada. Quando outros viajantes se aproximam do corpo inerte do monge, Tchenko também o faz. Ajoelha-se, debruça até encostar o ouvido no peito de Komarov, a simular a tentativa de ouvir batidas do coração. Para distrair a atenção dos demais, enquanto simula ele vocifera contra “as forças do mal, que não respeitam nem mesmo um monge”.

Apoiado pela encenação, agilmente Tchenko apalpa os bolsos da vestimenta de Komarov. Espera encontrar algum dinheiro, mas encontra algo infinitamente mais valioso, na comparação com os poucos recursos que, eventualmente, um monge carregaria. *Será o que penso que é?* – perguntou-se Tchenko. Rápida e disfarçadamente, transfere o volume para o próprio bolso e se levanta. Continua a simular pesar e, tentando conferir consternação à voz, anuncia para os homens reunidos na pequena aglomeração que a vida do monge se fora.

A ação furtiva de Tchenko passa despercebida para Yury e seus companheiros que, ao longe, ocultos, assistem a cena. Logo a seguir, refugiado numa hospedaria próximo à estrada, Tchenko abre o envelope. Dentro, outro envelope com o timbre de Dobiev, endereçado a Sergei Nilus, e um pequeno papel com o endereço da Pousada Rapsodya. Tchenko quase não acredita na própria sorte. Além da posse da carta, tinha o endereço que lhe permitiria ver pessoalmente o destinatário e tentar extrair dele informações que o fizesse ganhar mais dinheiro. Ao que se acrescentava o fato de economizar a quantia que prometera a Yury. *Isto sim, é sorte*, comemorou. Imediatamente, ele deixa a hospedaria e ruma para Moscou. Como engendrara, uma vez na Rapsodya fica frente a frente com Nilus, de quem nada conseguira

extrair que o fizesse mais bem informado sobre a carta, o conteúdo e as pessoas nele interessadas. Decide retornar imediatamente a Almazovo, para aguardar o pagamento da preciosa carta que chegara às suas mãos como um presente.



13. salto para o futuro

(...) / Desejos e paixões irão murchar / O mensageiro do céu não virá / (...) Para, meu amigo, de tanto sonhar / Liberta da mente o entendimento de morrer.²⁶

Após deixar a sala onde, a contragosto, dividiu com Tchenko os momentos da refeição, já em seu quarto Nilus reúne a bagagem e então, hora de partir. Era curto o trajeto entre a Pousada Rapsodya e a Estação Nikolayevsky (depois, Leningradsky), de onde, desde 1851, partiam os trens que ligavam Moscou a Petersburgo. Nilus vence a pé o percurso, num caminhar sem pressa. Um triste caminhar, ombros suportando o peso de futuro incerto, coração oprimido por uma saudade que começara há poucas horas, mas que a ele parece somar séculos.

26 - Versos parciais do poema “Os sonhos teus vão acabar contigo”, de Daniil Kharms, pseudônimo de Daniil Ivánovitch Luvatchív (Petersburgo, 1905 – 1942, Leningrado). Extraordinário poeta e contista da vanguarda russa, Kharms escreveu para crianças a quase totalidade dos seus poemas. O poema cujo verso é mencionado é também o título de coletânea publicada no Brasil pela Editora Kalinka.

Em 15 minutos, Nilus alcança a Praça Kalanchyovska (Praça Kom-somolskaya). A suntuosa Nikolayevsky não está só – a poucas centenas de metros está a igualmente suntuosa Estação Yaroslavsky. Ao observar a fachada da estação, tomado por um desejo repentino Nilus sente o coração dar um salto. E se mudasse de rumo, e desaparecesse no nada? Provavelmente, o seu desaparecimento atingiria fortemente a somente duas pessoas – Elena e o prior Dobiev. Mas, certamente, ambos sobreviveriam muito bem sem a sua presença, já que, conforme entendia, a eles representava somente problemas.

Neste instante, o desejo de Nilus ao observar a Estação Yaroslavsky era tão somente o futuro a atormentá-lo. Ele estava em 1902, e se quisesse desaparecer no nada, teria de esperar até 1916 – ano quando a Transiberiana, iniciada em 1891, completaria o seu trajeto. Se suportasse esperar além de uma década, poderia escolher entre desaparecer não apenas no Extremo Oriente da Rússia, mas na indecifrável Mongólia ou, quem sabe, nas tortuosas estradas chinesas, e até mesmo na desembocadura que observa o Mar do Japão.

Atormentado Nilus. Por mais que aceitasse o aprofundar no futuro, na tentativa de encontrar um rumo certo, ficar longe de Elena seria insuportável. Decidiu. Não mudaria de destino. Ao menos, não por ora. Embarca rumo a Petersburgo - rumo tangível, rumo incerto. Uma vez lá, teria que aguardar o chamado de Dobiev para retornar ao Monastério da Trindade e San Sergio, retirar a edição de Os Protocolos e, finalmente, entregar um exemplar na Biblioteca de Londres. Uma vez ali, estariam eternizados.

O embarque logo ocorreu. O trem inicia a jornada que venceria além de 600 quilômetros entre Moscou e Petersburgo. Acomodado junto à ampla janela, Nilus observa sem ver a paisagem a desfilarem diante dos seus olhos. Até este momento, o tempo transcorrido desde o assassinato

do monge Vladimir Komarov não era suficiente para que Nilus o identificasse como a vítima. Escoam as horas. Moscou ficara para trás a mais de 450 quilômetros, e já era possível divisar no horizonte as torres da imponente Catedral de Santa Sofia, apontando a gare de Veliky Novgorod, em cujas terras antigas, pela vontade do príncipe viking Rurik, há dez séculos nascia Rush de Kiev - o berço da Rússia por muitos negado, por muitos acatado.

A parada em Veliky Novgorod seria breve. Infelizmente para Nilus, que sentia renascer dentro de si a sensação experimentada três anos antes, quando visitara a Catedral de Santa Sofia e, por horas seguidas, permanecera em seus interiores, conversando com Deus em busca de respostas para seus conflitos interiores. Praticamente tão milenar quanto Rush de Kiev, a catedral foi erigida no século 10, e a ela seguiram outras tantas igrejas e mosteiros. Uma soma que fez de Novgorod o “berço da ortodoxia russa”. Um verdadeiro lar para Nilus.

Vinda do corredor, a voz arrastada e aguda do chefe de cabines se fez ouvir, a anunciar a premente chegada a Veliky Novgorod. Sem mesmo se dar conta, Nilus recolhe seus pertences e prepara-se para desembarcar 180 quilômetros antes do seu destino – Petersburgo.



14. MEIO CAMINHO, CAMINHO INTEIRO

*(...) os rios, todos de água, são umas vezes mais estreitos, (...) caudalosos ou tépidos. Ora, os homens são como os rios. Cada um traz consigo a semente de todas as qualidades humanas (...).*²⁷

Mal o trem estaciona junto à plataforma, Nilus desembarca. Deixa a estação e inicia a caminhada, seguindo para a pousada na qual outras vezes ficara hospedado. A proximidade da pousada com a gare é confortável para um caminhante com bagagem leve. Perto de 20 minutos depois, chegaria ao seu repentino destino. Enquanto caminha, Nilus observa o cenário la-deado pelo Rio Volkhov, cujas águas passadas assistiram, há 1.140 anos, o varegue Rurik tomar Novrogod e criar a primeira dinastia de czares russos, nominando-a Ruríquida. Durante perto de sete séculos, essa dinastia governou a Rússia (e a Ucrânia), até ser sucedida pelos Romanov.

27 - Da obra “Ressurreição”, de Leon Tolstói (1828-1910). O romance é repleto de reflexões filosóficas e jurídicas a respeito do homem e suas motivações, com críticas às falsidades das classes dominantes. Uma das suas obras mais importantes é “Guerra e Paz”. Liev Nikolayevich Tolstói é reconhecido como um dos maiores dentre os escritores russos de todos os tempos.

Os Romanov. O palácio em Petersburgo. Elena. Butmi. O desalentado Nilus continua seu caminhar, a observar as águas do Volkhov e então, se vê assaltado por um pensamento tenebroso - poderia suicidar-se ali mesmo, misturando-se às águas do rio, deixando-se levar pela corrente. Uma horizontalidade que o levaria à verticalidade, à viagem para um desconhecido que dificilmente seria proximidade maior com o seu Deus, vez que suicidas, conforme aprendera, vagueiam às escuras, num imenso nada, reféns da própria iniquidade.

Para um ortodoxo convicto, assim como Nilus, o suicídio é o demônio transmutado em fuga. Tenta convencer-se que esta não seria a solução para os seus conflitos. Debruça sobre a balastrada de pedra que separa o Volkhov da orla de pedestres, e recosta-se nela. Pouco além da margem oposta vê as torres da Catedral de Santa Sofia, que tantas vezes observara deste mesmo ponto, extasiado. Mas agora, não. Seus olhos teimam em observar a serenidade das águas que, indiferentes ao hoje, ao ontem e ao amanhã, seguem o curso à procura do Lago Ladoga.

No exato ponto onde Nilus recostou seu corpo e sua alma e, extenuado, descalçou os seus sapatos, mais de um século após, em 2009, quando da comemoração dos 1.150 anos de Veliky Novgorod, uma turista recosta-se, assim como Nilus, extenuada. Tanto que seus pés estão descalços, e os sapatos, abandonados ao seu lado. Diferente de Nilus, que será levado pelo tempo, a Turista Descalça viverá para sempre, esculpida em bronze pela maravilhosa arte das mãos de Vadim Borovykh. Originalmente, Borovykh pensou em esculpir uma turista no momento de uma selfie, tendo o Kremlin de Veliky Novgorod por pano de fundo. Mas, venceu o romantismo. E lá está ela, onde estará para sempre, alheia a tudo, enquanto outros tantos turistas depositam moedas em seus sapatos para “garantir a sorte de um dia retornar”.

Mas, a Turista Descalça apenas terá vida em bronze centenas de amanhã depois, desconhecidos pelo hoje de Nilus.

Veliky Novgorod não é lugar para sofrer, pensa Nilus, e tenta fazer do pensamento uma verdade, ainda que momentânea. Nessa tentativa, encaminha o pensar por notas musicais que o empurram em direção ao Teatro Bolshoi de Moscou, quando, em 1893, assistira a ópera “Aleko”. Ao piano, o autor da peça, Sergei Vasilievich Rachmaninoff. Os acordes da música que embala as cenas são reproduzidos na sua lembrança, provavelmente estimulada porque na região de Veliky Novgorod, na histórica Semyonovo, nasceu Rachmaninoff, o extraordinário pianista, compositor e maestro que conquistou o mundo da música erudita ocidental. Nilus lembra passagens da vida do maestro, desde a tenra idade. Gostaria de tê-lo bem ali, frente a frente. Faria perguntas. Muitas perguntas. Sobre se teve proximidade com Piotr Ilitch Tchaikovski (1840-1893), amigo e frequentador da casa de Nikolai Sergeevich Zverev (1833-1893). Competente pianista, Zverev foi o rígido professor de Rachmaninoff quando este contava 11 anos de idade (1885) e estudava no Conservatório de Moscou.

Porém, esta seria apenas uma pergunta introdutória aos reais questionamentos de Nilus para o compositor. Se lhe fosse possível fazer a pergunta, o que ele realmente desejava saber era sobre o quanto de mal repercutira em Rachmaninoff a desastrosa estreia (1897) da sua Primeira Sinfonia. Desastre tal que o fez rasgar a partitura²⁸. Em passado recente, Nilus tomara conhecimento que, pouco tempo após o embate, Rachmaninoff submetera-se à hipnose, em consultas com o dr. Nicolai Dahl, pioneiro dessa técnica em Moscou.

28 - A partitura rasgada por Rachmaninoff foi restaurada após a morte do compositor, a partir das partes orquestrais encontradas no Conservatório de Leningrado.

Neste ponto, Nilus foi levado a refletir sobre procurar Dahl e submeter-se à hipnose. Para quê? Para descobrir a desconhecida porção de si que vagava no limbo entre a luz e a escuridão e às vezes ocultava seu ser racional para dar vida a um Hefesto banido do Olimpo, entre mortais a coxear e a forjar escudos protetores de verdades para, mais adiante, espalhá-las ao vento. Ao menos, Nilus desejava que assim fosse com Os Protocolos. Porém, algo no íntimo o assaltava. Uma sensação estranha de desalento, tendo Dobiev ao centro. Seria a possibilidade de o prior de San Sergio recusar a produção do livro destinado à Biblioteca de Londres? Não, conclui. Era outra a questão. Mas, qual?

A 600 quilômetros de Veliky Novgorod, temporário abrigo de Nilus, em Sergiev Posad Dobiev recebe o corpo sem vida do monge Vladimir Komarov.

BERÇO DO ESTADO RUSSO*

De acordo com a *Crônica de Nestor*, Veliky Novgorod foi escolhido pelo príncipe Rurik como polo central da Dinastia Ruríquida. Nem todos concordam com a totalidade dos textos de tal crônica, mas é inegável que, durante séculos, Veliky Novgorod teve fundamental importância, a iniciar por seu lugar enquanto elo comercial de ligação entre a Europa medieval e a Rússia. Em Novgorod foi gerado o primeiro livro em russo, criada a primeira escola russa e uma das maiores bibliotecas da Rússia Medieval. Desde os primórdios, enquanto a imensa maioria dos europeus usava a cruz para assinar seus nomes, em Novgorod os camponeses se comunicavam por cartas escritas em cascas de bétulas. Para além de mil dessas cartas foram encontradas por arqueólogos, muitas delas hoje expostas no Museu-Reserva do Estado de Novgorod. Por todo o muito que reúne, Veliky Novgorod é assumido como “Berço do Estado Russo”.

*Fonte - História de Veliky Novgorod (<https://11nq.com/d4OJN>)



15. TUDO e Nada, SOMBRA e LUZ

*(...) Não pergunte/ saber é proibido/
o fim que os deuses darão/ a mim
ou a você. (...) É melhor lidar apenas /
com o que cruza o teu caminho/ Aproveite
o dia/ confia o mínimo no amanhã (...).²⁹*

Dobiev não estava preparado para vivenciar este momento. Angustiado, observa o corpo inerte de Vladimir Komarov, a lhe parecer meio homem, meio santo. À sua frente está a primeira vítima fatal do ímpeto de Nilus, por quem agora nutre misto de raiva e compaixão - mesmo sentimento voltado a si próprio. Névoa de tristeza acinzentada o mosteiro, enquanto o prior prepara o réquiem para Vladimir. Fazia-o lentamente, como se esperasse o milagre da ressurreição.

29 - Carpe diem (Aproveite o dia) – Livro I das Odes, do poeta romano Horácio (65 a.C. – 08 a.C.). Dentre as obras inspiradas por esta ode está o filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, do diretor Peter Weir (1944, Sidney, Austrália).

Onde estaria Nilus agora? Tinha que saber, embora fosse difícil tarefa. E a carta, em que mãos estaria? Não temia consequências por tê-la escrito, e sim o uso que poderia ser feito do conteúdo se a carta caísse em mãos erradas. Concluída a difícil tarefa de preparar o adeus a Vladimir, é hora de abrir as portas da Igreja do Refeitório aos leigos que desejassem participar do réquiem.

No Refeitório da Igreja - uma das mais belas peças a compor o conjunto arquitetônico do mosteiro -, conforme a tradição, tantas e tantas vezes Dobiev, Vladimir e os demais monges receberam os peregrinos para as refeições. Para Dobiev como para Vladimir, a Igreja do Refeitório era, em especial, o ponto de encontro com os peregrinos que acorriam ao mosteiro. Milhares deles, ao longo de anos e mais anos a manter acesa no coração dos monges a esperança de que, para além dos limites do mosteiro e suas igrejas, também pulsavam corações ao ritmo do compartilhamento da fé. Agora, Vladimir não mais.

Enquanto caminha para abrir a porta aos fiéis, Dobiev relembra a cena ocorrida há cinco anos, logo após a chegada de Vladimir ao mosteiro. A neve ainda encobria partes da alameda fronteira, mas não os dois largos lances de escadas. Entre eles, no patamar, pequenas placas encaminham o acesso à igreja ou ao refeitório. Antes de vencer os degraus, Vladimir para, a observar a decoração da fachada. Agora, Dobiev se vê a atravessar a alameda e aproximar-se de Vladimir, admirado diante do que vê.

A fachada da Igreja do Refeitório a faz parecer um palácio. Efeitos em treliças, alternância entre colunas altas e meias colunas, platibandas, cornijas, tudo em profusão que quase faz as paredes desaparecerem. Em épocas passadas, a chamada “Varanda de Outono”, localizada sobre a entrada principal, era utilizada por reis e hierarcas da igreja ortodoxa para cumprimentar e abençoar o povo.

Igualmente requintados e belos, os interiores da Igreja do Refeitório agora assistirão o adeus a Vladimir. Dobiev abre as portas e, lentamente, os fiéis começam a entrar. Quando todos se acomodam, das portas laterais próximas ao altar principal surgem os monges, a entoar o canto que embaralará a viagem final de Vladimir Komarov. No púlpito, Dobiev inicia a cerimônia. Na primeira fila da nave, o jovem Andrey Melnikov observa a cena, boné apoiado no joelho a denunciar leve tremor na perna. Ele não consegue desviar o olhar da urna que guarda o corpo de Vladimir Komarov. E não consegue afastar do pensamento a dúvida que o assalta - *por que estou aqui?*

Ainda que maquiando o objetivo na sombra da dúvida, Andrey bem sabia por que estava ali. Antes da triste manhã que levou a vida de Vladimir, em nenhum momento lhe ocorrera que a tentativa de subtrair do monge a carta escrita por Dobiev seria marcada por morte. Agora, tomado de angústia, movido por passos automáticos que o levaram à cerimônia, observa a urna e imagina um raio de luz desprender-se dela, singrar o espaço que o separa do presbitério, varar o seu coração e chegar à sua alma, onde reside o verdadeiro motivo que o faz estar ali - falar (ou confessar) com o prior.

A cerimônia estende-se por quase duas horas. Ao término, outros passos igualmente automáticos o impulsionam a seguir o cortejo até a necrópole onde, no século 15, foi sepultado São Sergio de Radonej, fundador do mosteiro. Como que hipnotizado, Andrey observa a urna entranhar no túmulo e, lentamente, parando a cada passo, aproxima-se o mais possível de Dobiev. Quando o monge inicia o retorno à Igreja do Refeitório, Andrey o alcança. Timidamente, quase em sussurro, pede para ser ouvido, “porque é muito urgente”.

Dobiev olha para o jovem ao seu lado e tem a sensação de que o conhece. Nenhuma certeza. Apenas, sensação. Pergunta-se o que haveria de tão urgente para falar, sem respeitar o silêncio da profunda dor causada

pela morte de Vladimir. Porém, jamais Dobiev se furtara a dar atenção a quem o procurasse. Convida o jovem a segui-lo até o Refeitório, mas adianta que seu tempo é limitado, pois deseja isolar-se o mais rapidamente possível. Foi somente o que disse para Andrey, enquanto no silêncio da alma gritava o desejo de prestar solitária homenagem ao jovem monge de cuja morte sentia-se culpado.

Uma vez no Refeitório, extasiado diante da beleza do iconóstase, dos afrescos no teto, iluminuras, imagens, por instantes Andrey esquece o dramático motivo que o fizera chegar ali. Até que seus olhos pousam no mural que entre outros fragmentos mostra cena da parábola do Bom Samaritano, a derramar vinho e óleos nos ferimentos de um homem atacado por assaltantes de estrada. A cena o fez estremecer e imaginar que aquele era o monge Vladimir, a quem ninguém pôde socorrer. Foi sacudido pela voz de Dobiev, convidando-o a se acomodar ao seu lado, em um dos assentos laterais do Refeitório.

Andrey começa a confissão, sussurrando sem parar e sem conter a emoção, lágrimas descendo pelo rosto. A cada avanço da narrativa, Dobiev sente uma fisgada no coração, levado à cena que tirara a vida de Vladimir. Mas, tristemente e sem alternativa, Dobiev pensa que, certamente, o jovem à sua frente e seus comparsas deveriam responder pelo crime, mas não cabia a ele qualquer iniciativa, por mais que quisesse fazer justiça a Vladimir. A narrativa cessa e é entre lágrimas e desesperado soluçar que Andrey pede o perdão do prior.

- Deus te perdoe - diz Dobiev, ele também em sussurro entrecortado por lágrimas. Vá para casa, e decida o que fazer em relação à morte de um inocente e amado irmão desta casa. Seja o que decidir, afaste-se dessas pessoas e lembre-se que nem sempre a sua confissão terá um monge por ouvinte. Vá em paz.

Andrey beija as mãos do prior e afasta-se lentamente, como se esperasse ser chamado para receber o castigo que sabia merecer. Dobiev o viu afastar-se, sem forças para se levantar e seguir pelo claustro, rumo a sua clausura. Deixou-se ficar a cismar. À dor da perda de Vladimir soma-se agora a posse do que acontecera na estrada. Até onde este conhecimento poderia levá-lo?



16. NEM VENCIDO, NEM VENCEDOR

*(...) É uma luta entre Deus e o demônio,
e o campo de batalha é o coração do homem.
Mas falamos sempre daquilo que nos dói.³⁰*

Em Veliky Novgorod, Nilus retoma a caminhada em direção à pousada, agora com o pensamento totalmente voltado para Dobiev e San Sergio. Já não se detém a observar os encantos da cidade. Assaltado pelo desejo de chegar o mais rápido possível e descansar, apressa os passos e, finalmente, se vê diante do pequeno jardim que enfeita a entrada da graciosa casa de madeira que outras vezes o abrigara, em suas passagens por Novgorod. Ali parado, como sonâmbulo a fugir do sono, Nilus caminha mentalmente os caminhos que levaram Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski a escolher Staraya Russa³¹, nas cercanias de Novgorod, para desfrutar das férias de verão em companhia da família.

30 - Trecho em Os Irmãos Karamazov.

31 - Com fundação datada do século 10 e uma das cidades mais antigas da Rússia, Staraya Russa é famoso balneário, com atrativas fontes de água mineral. Serviu de base para Dostoiévski criar Skotoprogonyevsk, cidade fictícia da obra Os Irmãos Karamazov.

Na pequenina, mas famosa Staraya – preferida pelas personalidades da época por conta das suas fontes de águas minerais -, nasceram vários capítulos de Os Irmãos Karamazov, o que ocorrera anos após o exílio de Dostoiévski na Sibéria. Nilus, ali parado, sem ânimo para entrar na hospedaria, reflete como poderiam ter mandado uma criatura como Dostoiévski para um campo prisional (Omsk), área de trânsito de prisioneiros para encaminhamento ao cumprimento de penas.

Foram quatro anos da vida de Dostoiévski em Omsk, relembra Nilus, e então, ele foi enviado para cumprir pena pós-transição em Semipalatinsk, como soldado na Primeira Companhia Siberiana do Batalhão da Sétima Linha. Nilus imagina que, não obstante as agruras sofridas por Dostoiévski durante o cumprimento da sentença, nenhum angustiante momento tivera comparação ao experimentado pelo escritor diante do pelotão de fuzilamento, na Praça Semyonov. Dostoiévski e seus amigos chegaram àquele momento de quase morte por integrar o Círculo Petrashevski, grupo intelectual de oposição ao regime de Nicolau I. Beirando os minutos finais do desfecho fatal, indulto do czar comuta a sentença para o exílio na Sibéria. Nilus pensa saber exatamente o que o então jovem Dostoiévski sentiu naquele momento. Ele próprio já estivera em muitas situações de quase morte, não física, é verdade, mas de tal intensidade que tais momentos poderiam tê-lo arremessado para o exílio emocional de onde, diferente da realidade do escritor, jamais retornaria.

Ali parado, como sonâmbulo a fugir do sono... *Que dia é hoje? Que hora é esta? Acabo de chegar, ou é despedida?* De repente, a voz atrás de si o arranca do seu melancólico perambular.

- Por quê hesita em entrar, sr. Nilus? Entre. Está precisando de um bom descanso.

Nilus volta-se e vê um homem esguio, trajado com esmero, terno muito bem talhado, a fitá-lo através de óculos de aros redondos. Não o conhecia. Certamente, não era o dono da pousada, este sim, conhecido por Nilus, a não ser, pensa em relance, que a propriedade mudara de mãos.

- Desculpe. Estava distraído. Eu o conheço?

- *Não, sr. Nilus. Não conhece. Vamos entrar, nos acomodar e então saberá quem sou.*

Seguido pelo desconhecido, Nilus entra na pousada e chega à recepção. Para sua surpresa, havia reserva em seu nome. Ao seu lado, o desconhecido toma para si a conversa com o porteiro.

- *Finalmente, o meu amigo chegou. Por favor, entregue-lhe as chaves.*

Voltando-se para Nilus, diz em voz amistosa, mas firme - *Vá para seu aposento e descanse. Eu o encontrarei em duas horas, para um bom aperitivo e notícias sobre Sergiev Posad.*

Como gélida e afiada ponta de punhal, um frio percorre a espinha de Nilus. De imediato, pensa que algo poderia ter ocorrido com Dobiev. Quase num murmúrio, esquecendo que desconhecia o seu interlocutor, pergunta sobre o prior, recebendo como resposta que Dobiev estava bem. Ato contínuo, o desconhecido acomoda-se em poltrona junto à janela da recepção e ali se instala como a observar o jardim, mas a sugerir que seria inútil a Nilus tentar sair sem ser visto, vez que a recepção era o único caminho a trilhar.

Quase em transe, Nilus vai para o quarto a ele reservado. As duas horas que seguiram a partir de então foram de total angústia. Repentina, a opção por descer do trem em Novrogod só a ele era conhecida. Como alguém poderia ter feito reserva em seu nome? Após o banho, tentou inutilmente descansar. Em seu conflito interior, o único alento era saber que Dobiev estava bem. Finalmente, as duas horas escoaram,

e Nilus dirige-se à recepção. Como se não tivesse se movido até então, lá estava o desconhecido. De imediato, levantou-se e pediu a Nilus que o acompanhasse até a antessala do restaurante.

O ambiente era agradável, com móveis em madeira e decoração ao estilo das antigas moradias locais, como, no mais, todos os aposentos da pousada. Seguido por Nilus, o desconhecido aproxima-se de uma mesinha redonda, no canto direito da entrada para o restaurante, reservado o suficiente para conversas particulares. Acomodam-se, e o desconhecido pede dois vzwar, um deles acrescido de vodca – *é para mim, diz, já que não aprecia álcool, senhor Nilus*. Nesse ponto, Nilus começa a irritar-se. Aquele homem sabia muito sobre ele. O que mais, além do que já manifestara?

- É um homem previsível, senhor Nilus. Quando desembarcou do trem em Novgorod, julguei que se hospedaria no lugar costumeiro. Bastou esperar, e cá está o senhor.

- Antes mesmo que se apresente, antes mesmo de revelar porque se interessa pela minha vida, peço, por favor, esclarecer a sua menção a Sergiev Posad, diz Nilus com voz trêmula.

- Não é essa a ordem da nossa conversa, senhor Nilus. Primeiro, vou apresentar-me. Meu nome pode ser qualquer um, mas, para o senhor, eu sou Piotr – e é o que basta. Agora, vamos aos fatos, os quais, para esta nossa conversa, iniciam em Moscou, no dia do seu retorno para Petersburgo. Recebi a incumbência de observá-lo durante a estadia em Moscou e...

Nilus interrompe - Incumbido por quem?

... embarcar no mesmo trem que o levaria à sua cidade - continuou o homem que dissera chamar-se Piotr, ignorando a pergunta. Na verdade, a nossa conversa deveria ocorrer ainda no trem, no percurso entre Novgorod e Petersburgo, e eu desembarcaria em Pushkino. Mas os seus ímpetos quebraram o roteiro.

- Incumbido por quem? - repete Nilus, e novamente sua pergunta é ignorada.

- Sobre minha referência a Sergiev Posad, peço que se prepare para o que vou dizer. Ainda quando o senhor estava na pousada em Moscou e eu o observava, fui informado que um monge, enviado pelo prior Dobbiev para encontrá-lo e induzi-lo a retornar ao mosteiro, fora assaltado na estrada. Os assaltantes o mataram.

Como que hipnotizado, Nilus retém a última frase como se fora um mantra, a se repetir sem interrupção. Com voz quase inaudível, pergunta a Piotr o nome do monge assassinado e ouve bem mais do que acaba de perguntar.

- Vladimir. Mas, de que lhe vale saber o nome? A questão aqui é outra, senhor Nilus. Tenho uma oferta a fazer. O senhor esquece Os Protocolos de uma vez por todas, e ninguém mais morrerá. Importante levar em conta que o senhor não é um alvo, enquanto extermínio da vida. Seria fácil matá-lo, agora mesmo, por exemplo, se fosse essa a minha missão. Mas, não. O senhor permanecerá vivo, para assistir a tantas mortes quantas a sua teimosia promoverá ao longo do tempo, se optar por persistir. Então, o que me diz?

Nilus estava por demais impactado para dizer o que quer que fosse. Desta vez, foi ele a ignorar a pergunta e retomar a questão que, inutilmente, há pouco colocara para o desconhecido.

- Quem o incumbiu de me procurar, senhor Piotr?

- Não serei eu a lhe dizer, senhor Nilus. Disso, o tempo se encarregará. E então, qual a sua decisão?

- Não quero que ninguém morra por minha culpa, porém, é necessário lembrar que cópias de Os Protocolos foram feitas, de forma primária, é verdade, mas estão por aí, espalhadas. Se não for eu a republicar os textos, de maneira a que o mundo possa tomar conhecimento deles, alguém o fará.

- *Essa não é preocupação que lhe diga respeito, senhor Nilus. Haverá quem se encarregue de reduzir a nada as cópias que, porventura, tenham sobrevivido. Pela última vez, qual a sua decisão?*

- Minha decisão, senhor Piotr, é não confrontar a primazia de Deus sobre a vida e a morte.

- *Entendi que o senhor desistirá de publicar Os Protocolos. Está correto?*

- Sim. Está correto.

- *Sábia decisão. Agora, vamos apreciar o nosso jantar?*

O que menos Nilus queria naquele momento era permanecer mais um segundo que fosse na presença daquele homem. Desculpou-se, alegando mal-estar que, realmente, sentia. Lentamente, quase a cambalear, chegou ao quarto e entrou. Em pé junto a janela olha sem ver a rua, quase solitária, sombreada por centenárias árvores. Não consegue pensar, nem chorar, nem lembrar. Nada em si. Tentou desesperadamente retomar seus sentimentos, para descobrir que sentir nada é pior, muito pior, do que sentir a mais profunda aflição, o mais profundo abandono, a mais feroz saudade. Ali está um homem de palha, alheio a si, alheio ao mundo ao qual sente não pertencer. A realidade o colhe de volta quando reconhece a atravessar a rua e seguir em frente o homem que a ele se apresentara como Piotr. Decide repousar. Na manhã seguinte, retomará o caminho para Petersburgo.

Após o banho, estirado na cama, enquanto aguarda a benção do esquecimento trazida pelo sono, Nilus sente crescer na alma a decisão de desistir de inserir *Os Protocolos* na obra que intencionava registrar na Biblioteca de Londres. Encontraria meios de contatar Dobiev para comunicar a sua decisão, porém, intencionava jamais retornar a Sergiev Posad. Se o fizesse, muito provavelmente colocaria em risco a vida do prior. E assim, presa dos seus temores, Nilus adormece.

uma ponte e uma escultura*

A Ponte Corcunda (Горбатый мост ou Gorbatyy most) é uma das referências para a história de Veliky Novgorod. Foi assim nominada já em 1987, por conta da sua forma curva. Na antiguidade, era chamada Grande Ponte (Большой мост ou Bol'shoi most) e ligava o centro comercial da cidade com Sófia. Envolta em lendas, essa ponte teria sido o cenário para brutal ataque desferido contra os novgorodianos por Ivan, o Terrível. Cidadãos considerados traidores eram reunidos na ponte e lançados ao rio. Quem se mantivesse à tona era empurrado por lanças para as profundezas. Desde setembro de 2009, data das comemorações do 1150º Aniversário de Veliky Novgorod, bem junto à ponte, na margem do icônico rio Volkhov, descansa a “Turista Descalça”, imortalizada em bronze pelo escultor Vadim Borovyh e presenteada à cidade pelo editor-filantropo Nikolai Sumarok.

**Fonte - Ponte Pedonal em Veliky Novgorod, com vídeo (<https://gprv.ru/39660>); escultura Turista Descalça (<https://11nq.com/5K1FC>).*



17. RUMO INCERTO

*E cruzam-se as linhas/ no
fino tear do destino/
Tuas mãos nas minhas.³²*

O Sol de outono ainda não despontara por inteiro na manhã de Novgorod, e Nilus já está a caminho da gare para retomar a viagem a Petersburgo. Seu pensamento, todo ele, está tomado pelo monge Vladimir e sua trágica morte – culpa que assumira por inteiro. Igual responsabilidade pesa na alma do prior Dobiev, que neste exato momento inicia as demandas para contatar Nilus em Petersburgo, ignorando seu provisório paradeiro em Novrogod. A culpa de Nilus e de Dobiev é triplicada no pensar e no sentir de Andrey Melnikov, o jovem que integrara o grupo contratado para assaltar Vladimir e roubar a carta enviada por Dobiev a Nilus. Na pequena acomodação onde morava, nas cercanias do mosteiro, Andrey está decidido a reunir seus poucos pertences e partir, por ora, sem nem saber para onde. Somente uma certeza em sua alma atormentada – antes da partida, irá ao mosteiro para despedir-se de Dobiev e assim o faz.

32 - Guilherme de Almeida (1890 – 1969), sonetista, poeta, tradutor, jornalista brasileiro, titulado em direito. Humanista refinado, dominava os idiomas grego, latim, francês (traduziu, entre outros, Charles Baudelaire e Jean Paul Sartre). Foi membro da Academia Paulista de Letras.

Intrigado, Dobiev recebe Andrey. Ao vê-lo, tem a impressão de que Andrey envelhecera 20 anos em duas semanas. Seu olhar é vazio, seus ombros arqueados, seu andar, pesado. Resolve oferecer a ele um cálice do licor produzido no mosteiro, porque nada lhe ocorria além de tentar apaziguar a alma atormentada que via à sua frente. Seguido por Andrey, caminha pelos largos e ornados corredores do mosteiro até um pequeno, mas arejado compartimento, com ampla janela a deixar ver um jardim outonal. Dobiev aponta confortável poltrona junto a janela e pede a Andrey que se acomode. Dirige-se ao aparador ao lado, para preparar dois cálices de licor.

Dobiev ocupa a poltrona em frente a Andrey, segurando seu cálice. Tentando ser o mais natural possível – a morte de Vladimir estava viva em sua alma -, o prior fala pausadamente. *Não temos a que brindar no passado recente, mas podemos brindar pela luz do Sol que Deus nos permitiu enxergar esta manhã. O que o traz aqui, Andrey?*

- Vim despedir-me, prior. Não sei para onde vou, mas sei que aqui não poderei ficar. Partindo, talvez eu consiga afastar-me dos fantasmas que povoam a minha vida aqui, em Sergiev Posad. Antes de partir, preciso do seu perdão e da sua benção.

- Posso dizer que o perdoo, Andrey, mas é a Deus que você deve pedir, sem intermediários. A gravidade do que ocorreu exige que você se mostre a Deus, repleto de arrependimento. Faça isso, e se sentirá muito melhor.

Enquanto falava, Dobiev sente turbulento pensamento a ganhar forma e avançar, abrindo caminho para nova chance de levar a cabo algo que tentara e, além de não ter sucesso, roubara a vida a Vladimir.

- Andrey, você estaria disposto a realizar tarefa que, de certa forma, o irmanasse ao monge Vladimir?

- Do que o senhor fala?

- Falo de você ser meu mensageiro para concluir o que a morte de Vladimir interrompeu.

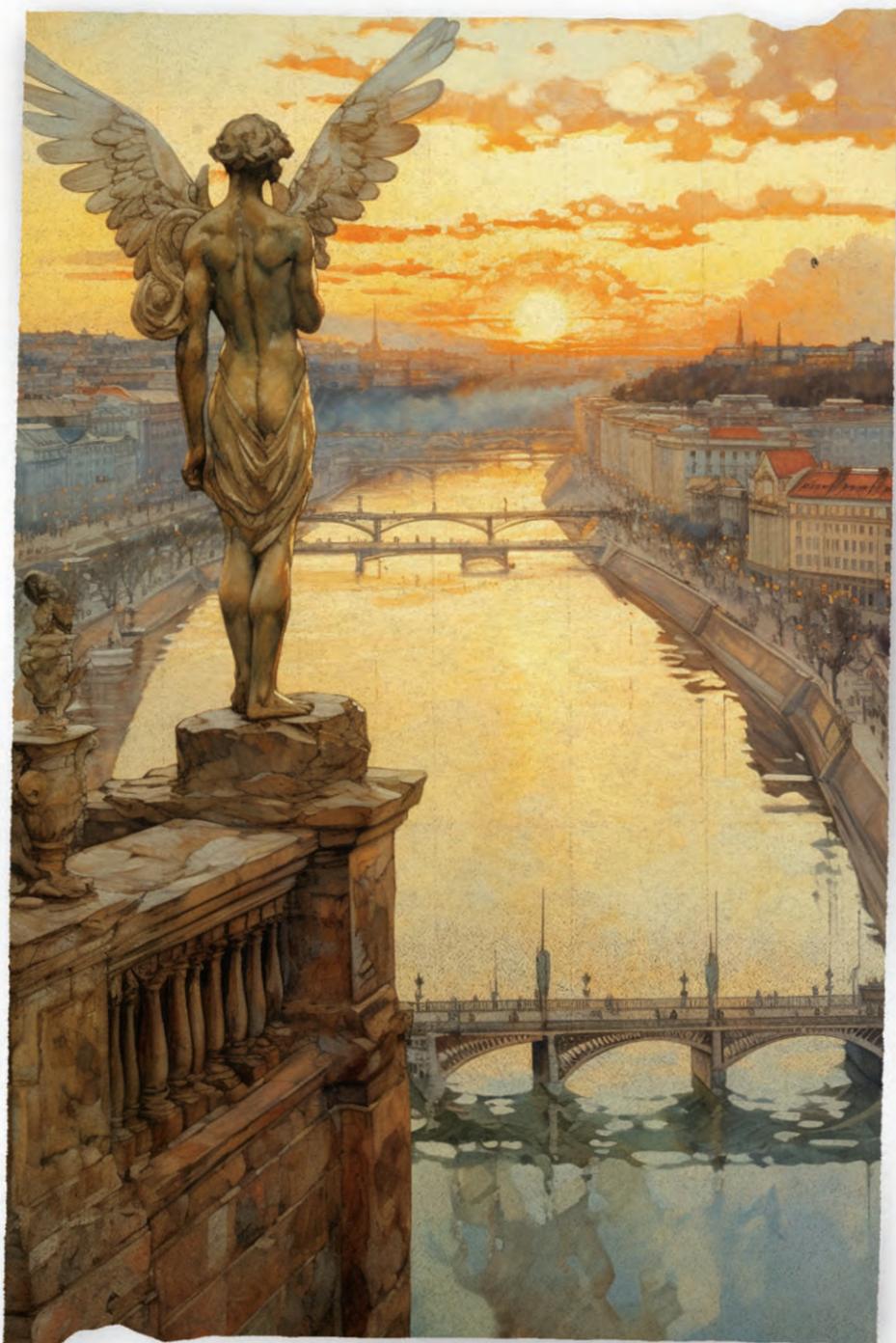
Andrey ouve e sente como se raio de Sol aquecesse a sua alma. Entende na oferta de Dobiev tanto penitência como perdão. O vazio dos seus olhos se vai, seus ombros retesam e o jovem Andrey sente o calor da vida retornar.

- O senhor me concederá essa benção? Sim! Eu o farei, seja o que for eu tenha de enfrentar.

- Acredito que você não enfrentará percalços, Andrey. Providenciarei todo o suporte para você chegar ao destino. Aguarde aqui. Vou preparar correspondência e a entregarei a você. Deverá guardá-la com o maior cuidado. Não haverá instruções por escrito. Eu o suprirei com dinheiro e mais o que você precisará para a viagem. Primeiro, Moscou, de lá para Petersburgo, onde deverá encontrar o professor Sergei Nilus e entregar-lhe a correspondência.

Tão logo recebe as instruções de Dobiev e a correspondência, guardada cuidadosamente em pequena bolsa oculta nas vestes, Andrey deixa o mosteiro e segue para casa, onde permaneceria por mais três dias, com rotina igual à costumeira, conforme orientado por Dobiev. O prior era de opinião que se Andrey viajasse imediatamente após a visita ao mosteiro, poderia atrair atenção sobre si. “Por agora”, dissera Dobiev, “é impossível saber qual a face do inimigo”.

No momento quando Andrey aceitou a missão, foi selada intensa reviravolta em sua vida. A jornada de perto de 800 quilômetros que ele deveria empreender, passando por Moscou para chegar a Petersburgo, era grão de areia comparado ao que estava reservado a ele, a partir do encontro com Nilus. Conforme orientara Dobiev, durante os três dias seguintes, que lhe pareceram séculos, Andrey manteve a rotina cotidiana. Finalmente, reúne seus poucos pertences e parte ao encontro de destino que jamais ousara pensar.



18. DECISIVO ENCONTRO

*Aquele que luta com demônios deve
acautelar-se para não se tornar
também um. Quando se olha muito
tempo para um abismo, o
abismo olha para você.³³*

Em muitas vidas – muitas, mesmo -, raramente há algo inédito. Dormir, acordar, trabalhar, dois dias na semana para descansar, ler, ir ao teatro, participar em jogos e recomeçar, exatamente da mesma forma, no ontem ou no hoje, apenas com algumas diferentes opções. Para outros tantos muitos, igualmente em todos os dias de todos os tempos, não há o que fazer no descansar. Milhares e milhares de pessoas inexistem - simplesmente, vivem. Vivem ao sabor do acaso. Alguns sonham e outros, nem isso. Era o caso de Andrey Melnikov, pai desconhecido, abandonado pela mãe aos 12 anos, a duras penas sobrevivendo nas cercanias de Sergiev Posad entre a escória da região, presenciando o que de pior pode ser oferecido a uma criança. A faísca de esperança que brilhava na alma de Andrey vinha das poucas vezes quando ele ia ao mosteiro para assistir celebrações.

33 - Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 - 1900, Saxônia), filólogo, filósofo, escritor. Entre suas ideias, preconizava "a morte de Deus", enquanto Nilus alertava e lutava exatamente para preservar a presença de Deus. Ambos têm em comum uma data - 25 de agosto, dia do nascimento de Nilus, em 1862; e da morte de Nietzsche, em 1900.

No seu viver de faz de conta, jamais Andrey chegou sequer próximo de imaginar o que resultaria da parca proximidade que tinha com o mosteiro. Mesmo agora, durante a viagem sem sobressaltos para Petersburgo, ainda não o sabia. Apenas, o alimentava o cumprir a tarefa a ele confiada. A ele não interessava o teor da correspondência - apenas, entregá-la. Enquanto o trem rumava para Petersburgo, o que o fazia refletir era tão somente como seria a vida ao regressar à sua aldeia - como sobreviveria, já que a sua pretensão era afastar-se de tudo e de todos que lembrassem a morte de Vladimir e o que vinha enfrentando na vida, desde a infância. Mas, grande surpresa estava a ele reservada pelo destino.

Ao descer na Estação de Moscou, a principal gare de Petersburgo, Andrey foi tomado por grande encantamento. Seus olhos começaram a descobrir uma cidade linda, já então plural, pontilhada de enormes estátuas. Mas, ele não podia se perder em devaneios e sim, dedicar-se a cumprir o que considerava missão. Obedecendo ao pequeno mapa desenhado por Dobiev, seguiu pela lateral da Avenida Niévski Prospekt e mesmo apressado, não pôde evitar deter o surpreso olhar no grande número de bondes tracionados por cavalos que circulavam na trilha central, ladeada por trajetos de ida e de volta, destinados à circulação de carruagens. Atravessou a Ponte Anichkov sobre o rio Fontanka, caminhou por mais dois quarteirões e enfim avistou o conjunto de prédios brancos que Dobiev assinalara no mapa. Conforme orientações do prior, enveredou à esquerda para entrar na Rua Sadovaya e chegar até Nilus. Mais tarde, durante seu encontro com Nilus, Andrey ficaria sabendo que o imenso conjunto que o fascinara abrigava a Biblioteca Nacional da Rússia, uma das maiores do mundo.

De repente, quase sem perceber, Andrey reduz o ritmo da caminhada. Seus pensamentos o arremetem para o incerto futuro. Entregaria

a correspondência, aguardaria a resposta e retornaria para informar o resultado a Dobiev. E depois? Depois era enorme nada desenhado no seu íntimo. Retomou o ritmo apressado e chegou diante do número 218. Mão estendida, pronto para fazer soar a aldrava, ouviu voz vinda de atrás de si.

- Posso ser útil, senhor...

Andrey voltou-se meio acabrunhado, como se estivesse fazendo algo indevido.

- *Procuro o sr. Sergei Nilus.*

- Quem procura Sergei Nilus?

- *Eu sou Andrey Melnikov. Venho em nome do prior Dobiev.*

Ao ouvir menção a Dobiev, Nilus sente profunda angústia. Algo de muito importante deveria ter ocorrido e, pelo desenrolar dos acontecimentos, temia ser algo ruim, muito ruim. Assim refletindo, convidou Andrey a entrar. Aberta a porta, uma escadaria os levou a um patamar e ali outra porta foi aberta por Nilus, a mostrar ampla sala onde se destacavam estantes repletas de livros. As vastas janelas, com maior altura do que largura, exibiam belas molduras e leves cortinas rendadas dançavam a dança de suave vento. Em frente à lareira, duas poltronas tomavam lugar e, entre elas, grosso tapete de lã completava o aconchego.

- *Senhor Nilus, a sua casa é muito bonita.*

- Está exatamente como meus pais idealizaram. Nada excluí e, além de livros, nada acrescentei. É provável que essas paredes guardem a época da minha vida quando eu era realmente eu. Mas, isso agora não importa. Fale a respeito do assunto que Dobiev confidenciou a você.

- *Trago uma carta. Tem a ver com o conteúdo da carta que o monge Vladimir foi encarregado pelo prior Dobiev para entregar ao senhor quando ainda estava em Moscou, a aguardar a hora da partida para Petersburgo.*

Logo, a voz embargada de Andrey desemboca em convulsivo choro. Tentando acalmá-lo, Nilus deduz que Andrey e Vladimir fossem muito próximos e a morte do monge o afetara demais.

- Não deixe o desespero tomar conta de você, Andrey. Penso que, como eu, você acredita em algo bom reservado por Deus para nós, depois desta vida passageira na Terra. Acalme-se. Pense no monge Vladimir como ele realmente está – mais vivo de que nunca.

Andrey fitou os olhos de Nilus e foi acometido por desejo irrefreável de contar o que ocorrera, porque carregava a morte de Vladimir como fardo, e contar o que sucedera até o seu encontro com Dobiev. Atento, Nilus ouvia a narrativa e se colocava nela, não como presença, mas como origem, sentindo-se tão ou mais culpado do que o grupo que tirou a vida ao monge. Ele via a si em Andrey. Ambos perdidos em suas culpas, ambos a caminhar rumo ao futuro incerto, ambos fuggitivos de algo que jamais poderiam se distanciar – de si próprios. Quase repetição do que havia ocorrido quando Dobiev foi impulsionado a transformar Andrey em seu mensageiro, Nilus sente desenhar em sua mente mais do que uma ideia – uma espécie de esperança, como se Andrey fosse uma tábua de salvação a flutuar nas ondas do seu mar particular, turbulento e hostil.

- Andrey, não foi você a apunhalar Vladimir. Estava com o grupo, é verdade, mas não tramou e não provocou a morte do monge. Acalme-se e ouça. Quero lhe fazer um convite. Fique aqui, não somente hoje ou amanhã. Fique o quanto desejar. Acredite, juntos, muito poderemos fazer. Poderemos tentar levar Deus ao coração dos homens, antes que eles o arranquem de suas vidas e paguem caro por assim agir.

Andrey pensou estar apenas imaginando o que acabara de ouvir, de tal modo soava surreal. Ficou a observar Nilus, sem conseguir articular

uma palavra sequer. Ficar seria um presente ou uma punição? Por agora, não conseguia chegar à conclusão alguma. A ele restava decidir aceitar ou não o convite de Nilus.

- Não se apresse em responder, Andrey. Vou deixá-lo com os seus pensamentos. Fique à vontade. Peço licença para retirar-me. Irei ao escritório para ler a carta de Dobiev. Não devo demorar.



19. a carta

Cada vez que um acontecimento numinoso faz vibrar fortemente a alma, há o perigo de que se rompa o fio em que estamos suspensos. Então o ser humano pode cair num 'sim' absoluto ou num 'não,' que também o é.³⁴*

Caro amigo Nilus,
 Você já deve saber que Vladimir foi assinado. Eu o enviei a Moscou até você como emissário de uma carta, na tentativa de interceptar o seu retorno a Petersburgo, pedindo que regressasse ao mosteiro. Antes de tudo, peço que você não se deixe atormentar pela morte do nosso querido monge - você e eu sabemos que nada acontece se Deus não permitir. Pense nisso com fervor e a sua alma acalmará.

34 - Carl Jung. O suíço Carl Gustav Jung (1875 – 1961), psiquiatra e psicoterapeuta, criou a psicologia analítica, que tem por princípio a individuação, de acordo com a qual há a integração dos opostos – consciente e inconsciente -, porém, com a manutenção da autonomia relativa. Em suas escritas, Jung introduziu o termo “numinoso” com amplitude de uso.

*Numinoso, derivado do latim numen, é conceito que qualifica quem é tomado por emoção espiritual despertadora, misteriosa ou inspiradora.

Nesta nova tentativa, envio até você o jovem Andrey Melnikov, que foi colocado em nossas vidas pelo destino desenhado por Deus. Confie nele. Devo alertá-lo que é urgente o seu retorno a San Sergio. Tenho algo a revelar, mas não posso e não devo fazê-lo por escrito. Posso adiantar que há fato importante a sugerir que por trás de Os Protocolos há muito mais do que as palavras revelam. Se é conforme aflorou nas minhas lembranças, originadas das falas de hóspede que esteve no mosteiro há mais de década, publicar Os Protocolos trará mais malefícios do que benefícios. Por favor, venha ao meu encontro. É urgente. Precisamos conversar. Seu irmão em Cristo, Dobiev Drozdov.

Nilus conclui a leitura e, já com decisão tomada, imediatamente retorna para junto de Andrey.

- Amanhã mesmo irei ao encontro de Dobiev. Peço, por favor, que fique e cuide da casa. Diante dos seus temores e seus desejos de afastar-se das companhias que o cercam no lugar de onde veio, acredito que você estará melhor aqui. Não significa que o obrigarei à decisão de aqui permanecer, conforme já o convidei. Será algo temporário, que lhe dará tempo para refletir se aceita a minha oferta.

- Senhor Nilus, penso que o prior Dobiev aguarda meu retorno.

- O prior Dobiev aprovará a sua permanência aqui, Andrey, tenho certeza. Penso que ele deseja o melhor para você e se sentirá compensado, porque você cumpriu muito bem a tarefa que ele lhe confiou. Fique, por favor.

Mesmo ainda não totalmente convencido se deveria aceitar o convite, Andrey concorda em aguardar ali o retorno de Nilus. Por horas eles conversam, falam sobre suas vidas e, ainda que confidências apenas engatinhassem no campo da amizade, começava a nascer a relação de confiança mútua que os uniria enquanto vivessem. Antes do recolhimento ao sono, Nilus preparou pequena bagagem, deixando-a pronta

para o embarque na manhã seguinte, rumo a Moscou e dali a Sergiev Posad, ao encontro de Dobiev.

Nesse momento, há alguns dias em Almazovo, Tchenco já entregara ao seu contratante a carta original escrita por Dobiev a Nilus, recebera a sua recompensa, e esquecera totalmente os desfechos trágicos da sua empreitada. Seu cotidiano voltara ao normal, à espera de novo episódio que pudesse lhe render o único que realmente lhe importava - dinheiro.



20. eLO DA CORRENTE

*Existe uma grande conspiração
velada. Se eu te contasse
sobre ela, sua cabeça explodiria.*³⁵

Na manhã seguinte, enquanto Nilus embarca para Moscou, nesta cidade, em meio a outros passageiros, sem demonstrar proximidade entre si, quatro homens alcançam a Estação Ferroviária de Rizhsky para embarcar com destino a Riga, hoje Letônia, que se tornaria independente da Rússia em 1918, após o término da Segunda Guerra Mundial. Riga era o destino do trem, mas não, exatamente, dos quatro homens. O trem seria utilizado como sede conveniente para fortuito encontro, destinado a analisar o grau de importância de uma carta, interceptada antes de ser entregue ao destinatário – a carta original escrita por Dobiev para Nilus. Por disfarce, trocavam palavras próprias de industriais à procura de negócios que, à época, fervilhavam em Riga fazendo dela a terceira cidade então mais importante da Rússia, atrás somente de Moscou e Petersburgo. As palavras, na verdade, eram códigos para a conversa de interesse mútuo.

35 - Fragmento de diálogo na série “Watchmen” (2019), produzida por Damon Lindelof para a HBO a partir de enredo inspirado na estrutura da HQ **V de Vingança**, escrita por Alan Moore e desenhada por David Lloyd.

- Qual o senhor acredita ser o principal produto a dar frutos?

- Na verdade, as informações não foram divulgadas com estardalhaço. Há necessidade de grande atenção, para evitar a propagação rápida. Se muitos apoderarem imediatamente das informações, provavelmente não será possível tirar vantagem.

- O que até agora é sabido deixa interrogação. Não leva a perceber até que ponto os detalhes são conhecidos.

- Obter resposta a esta questão não será tão difícil. Bastará monitorar cada passo, a partir da origem dos comentários. Com isso, será possível evitar que a informação se espalhe antes de chegar o momento oportuno, ou seja, quando industriais como nós já tenham obtido as respectivas parcelas de interesse.

- Qualquer início de tentativa de divulgar a questão deverá ser tolhido. Custe o que custar, até que seja benéfico aos nossos interesses, tal como amealhar sócios que nos tragam produtos e bens para enriquecer nossos negócios.

Na análise dos quatro homens, externada com falas transversais, o teor da carta original de Dobiev a Nilus não revelava fatos capazes de pôr risco aos ardis do que era originalmente intitulado O Grande Plano. Uma vez em Riga, ainda sem demonstrar proximidade entre si, os quatro homens desembarcam e tomam rumos diferentes. Em dias alternados, eles retornaram a Moscou, aonde voltariam a reunir-se em condições que os permitisse discutir, sempre anônimos, os propósitos (O Grande Plano) do grupo formado por outros tantos interessados “num mundo sem Deus”, conforme interpretação de Sergei Nilus. Na verdade, ao pronunciar ou escrever referências ao intuito de criar “um mundo sem Deus”, Nilus estava longe de saber do que, realmente, se tratava. Parte da verdade ele saberia durante seu

encontro com Dobiev e a outra parte, às vésperas de deixar a porção planetária onde se sentira estrangeiro durante o maior tempo da sua vida. A negação de Nilus não era para com a Rússia, que tanto amava, mas a angústia de não entender a humanidade, que considerava "à beira do colapso de fé". Ao mesmo tempo que esse desejo o consumia, estimulava a sua peregrinação, a alardear que "as decorrências do mundo sem Deus estavam à porta, bem próximas, a espreitar e aguardar o momento oportuno para derramar fel sobre todos os seres do planeta".



21. a DECISÃO

*Não existe meio de verificar qual é a decisão acertada, pois não existe termo de comparação. Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado.*³⁶

Sem interromper por um segundo a viagem, Nilus se vê novamente no coche que o leva ao encontro de Dobiev. Mais alguns quilômetros e chegará ao mosteiro. Diferente da vez anterior, dispensará o cocheiro. Pretende ficar alguns dias para longas conversas com Dobiev, cujo tema dependerá do que seria revelado pelo prior. Ao apresentar-se, deixou-se ficar em longo abraço, entremeado por triste e lamentoso choro que a ambos acometeu, subjugados pela morte de Vladimir.

36 - Do livro *A Insustentável Leveza do Ser*, obra-prima do escritor tcheco Milan Kundera, nascido na encantadora Brno, Tchêquia, no dia 1º de abril de 1929. O livro foi lançado em 1983, na França, onde Kundera escolheu viver. Escrita em francês, editada em tcheco apenas em 2006, a obra foi versada para o cinema em 1988, com idêntico título e sob direção de Philip Kaufman, com Daniel Day-Lewis e Juliette Binoche nos papéis principais. O mundo aplaudiu o filme, Kundera, não.

Era desejo de Nilus saber imediatamente o que o prior tinha a revelar. Isolaram-se numa saleta ao lado da grande biblioteca, e Dobiev começa o relato sobre suas lembranças de quando, naquela mesma sala, ouvira do carmelita Sebastián Hidalgo. Relatos que, à época, julgara fruto de mente perturbada. Em dado momento, Nilus interrompe o prior, ele também presa de lembranças.

- É aterrador, mas faz todo sentido. Eu tive acesso aos Protocolos por acaso, quando visitei a Chapelle du Carmel em Pontoise, cidadezinha perto de Paris, a pesquisar as intensas atividades religiosas ocorridas em séculos imediatamente transcorridos. Conheci o frei carmelita Guillaume Baptiste, que acabou por entregar-me o conteúdo de envelope que alguém empurrou pelo vão da sua porta – as 24 atas intituladas *Os Protocolos dos Sábios do Sião*. Durante nossa conversa, Guillaume mencionou as profecias do frei Francisco Palau, o fundador das Congregações Carmelitas Terceiras. O que ouvi de Guillaume reforça o que você ouviu do frei Hidalgo. Ao comentar as profecias de Palau, ele mencionou “um só e imenso movimento que procura derrubar a ordem social cristã”, mas só agora, ao ouvi-lo, entendo que nesse enredo Deus Natureza está em segundo plano. O que prevalece é a “morte” da natureza do homem, o que certamente trará como consequência a morte de Deus.

- Conheço as profecias de Palau, Nilus. Elas me vieram à lembrança na forma dos diálogos que mantive com Hidalgo. Agora, peço que ouça com atenção. Temos elementos que nos permitem concluir que “a morte de Deus”, como você diz, não é engendrada por raça, etnia, crença, e sim, por soma de homens de diferentes origens e credos. Um grupo heterogêneo em origens, saberes, cargos, mas homogêneo nos seus objetivos. A eles, Deus importa apenas como prejuízo

ao ocupar mentes, roubando nelas espaço para a proliferação de um nada planetário, cujo objetivo é retroceder a humanidade “para o fim assim como no princípio”. Nesse campo, Deus não tem lugar.

Absolutamente arrebatado pelos relatos de Dobiev, Nilus sente a alma em chamas, como se tivesse sido arremessado ao inferno. O seu inferno. Tão mal se sente, que pede a Dobiev para a conversa ser adiada. Informa ao prior seu desejo de permanecer alguns dias no mosteiro, e fala sobre Andrey e a intenção de mantê-lo perto de si, acolhendo-o como a um filho – intenções que muito alegraram Dobiev.

Nos cinco dias seguintes, as conversas entre ambos transcorrem madrugadas adentro, e germinam na alma de Nilus a semente da renúncia. Ele faz a dura escolha. Passa, realmente, a acreditar que o melhor a fazer é desistir de registrar na Biblioteca de Londres o livro *O Grande no Pequeno*, tendo por apêndice as 24 atas que compõe *Os Protocolos*. Mais uma vez, Dobiev alegra-se diante de decisão de Nilus.

- Sábia decisão, Nilus. Tamanha força, poder e dinheiro estão por trás do objetivo, que se torna impossível combatê-lo. Não seremos nós a assistir os desfechos finais. Quando tal acontecer, há muito teremos partido desta vida. Inevitavelmente acontecerá, e então a semente de Deus não mais germinará aqui, mas em outras paragens, esteja certo. Eu quero presentear você, meu amigo. Por tudo o que passou até aqui, merece ter uma belíssima edição de *O Grande no Pequeno*, tal e qual intencionava registrar na Biblioteca de Londres. Será um presente que você não levará consigo. Eu o guardarei aqui, onde restará como lembrança de alguém que coloca Deus em sua vida, acima de qualquer desejo.

Nesse momento, Nilus sente que é chegada a hora de retornar a Petersburgo, e dali iniciar peregrinação pelos recantos da Rússia. Não publicaria esse livro, mas nada havia a impedir que escrevesse outros,

como o fez, e tentasse, a cada dia da sua vida, manter Deus a ocupar a mente dos homens. Certamente, em suas andanças levaria Andrey consigo e faria de tudo para levar Elena. Os três, imagina, caminhariam por prados e montanhas, encontrariam vilas, ermidas, igrejas, falariam em palavras simples, que pudessem alcançar corações aldeotas e, quando necessário, falariam em palavras robustas, que pudessem alcançar corações urbanos.

Sentindo calma interior que há muito não experimenta, Nilus deixa Trindade e San Sergio para nunca mais voltar, nem mesmo para apreciar o presente prometido por Dobiev. Porém, a edição especial de O Grande no Pequeno caminharia ao seu destino – a Biblioteca de Londres – por outras mãos.

NOSSAS MEIAS VERDADES*

Há coisas sobre as quais não basta falar e escrever. É preciso pregar sobre elas nos telhados, gritar nas ruas e encruzilhadas, porque, segundo a palavra de Cristo, se permanecermos calados, as pedras chorarão, a natureza sem alma não será capaz de permanecer em silêncio. (...) Estamos acostumados a medir tudo o que existe no mundo pelo nosso próprio padrão, à medida da nossa pequena mente, e esquecemos que para a mente perfeita de Deus existem outros mundos que são diferentes do nosso. (...) Dividimos a natureza em animada e inanimada, e acreditamos que a natureza inanimada é incapaz de agir com inteligência, de obedecer conscientemente. Obedece apenas às leis físicas e químicas que lhe foram dadas pelo Criador. Obedece necessariamente, sem saber, sem perceber. (...) Toda a criação irracional foi criada para que os seres racionais, através dela, glorificassem as perfeições de Deus.

*Fonte - Portal Ortodoxo ABC da Fé|Rússia – O Grande no Pequeno, edição comentada (<https://encr.pw/2x1Cf>)



22. QUANDO IR É FICAR

*(...) Nunca me vi nem achei. / De tanto ser,
só tenho alma. / Quem tem alma não tem
calma. / Quem vê é só o que vê, / Quem
sente não é quem é, / Atento ao que sou e
vejo, / Torno-me eles e não eu. (...)*³⁷

O retorno de Nilus a Petersburgo ocorreu sem incidentes. Ao chegar, iniciou com Andrey as conversas que perdurariam até que a morte levasse um deles e talvez até mesmo depois. Nos três anos seguintes, entremeados de fortuitos encontros com Elena, já então assumida como “mãe” de Andrey, os planos elaborados pelos três foram acrescidos das estratégias que os levariam para diferentes recantos da Rússia, carregando Deus na bagagem “para mantê-lo vivo no coração dos homens”, como Nilus não cansava de repetir.

37 - Versos de “O Guardador de Rebanhos”, de Fernando Pessoa.

Nos primeiros meses do ano de 1906, houve concordância no pequeno grupo – Nilus, Elena e Andrey sentiam-se preparados para iniciar a caminhada que os faria andarilhos pelos mais longínquos recantos da Rússia. Foi quando Nilus recebeu mensagem de Dobiev, informando que o presente prometido estava pronto, ficara impecável, lindo para os olhos e capaz de despertar muitas interrogações nas mentes de quem o lesse. Talvez, sugeria o prior na mensagem, Nilus devesse ir a San Sergio, ao menos, para conhecer os resultados do trabalho iniciado há pouco mais de três anos.

Embora porção de si o empurrasse para segurar o livro entre as mãos, Nilus está firme na decisão de manter-se afastado. Desde a última conversa que tivera com Dobiev, jamais ele voltara a fazer qualquer referência a *O Grande no Pequeno* e às 24 atas nele inseridas como apêndice. Comenta com Andrey a mensagem de Dobiev e como o constrange não aceitar o convite para ir a San Sergio e rever o prior, a quem tanto estima e de maneira alguma deseja ofender. Enquanto o mensageiro aguarda a resposta, Nilus procura as palavras certas para escrever a Dobiev, quando seus pensamentos são interrompidos pela voz de Andrey.

- Professor, há algo que me vem à mente. Eu ficaria imensamente feliz se pudesse contar ao prior tudo de maravilhoso que vem ocorrendo em minha vida. Como, pela primeira vez, sou tratado como criatura de Deus, o quanto tenho aprendido com seus ensinamentos, sobre a peregrinação que pretendemos fazer. Peço que autorize a minha ida a San Sergio, junto com o mensageiro, para levar a sua resposta, rever o prior e pedir bençãos para a caminhada que vamos empreender.

- Assim seja feito, Andrey. Escreverei imediatamente minha mensagem ao prior. Ao entregá-la, por favor, reforce meus agradecimentos e a minha estima por ele, que considero iluminado. Aguardarei seu retorno que, ao ocorrer, marcará o início imediato da nossa peregrinação.

Enquanto Nilus escreve a resposta ao prior, Andrey prepara-se para a viagem. Nos seus sentimentos aflui misto de alegria, ansiedade e temor. Ao rumar para San Sergio, fatalmente passará pelo lugar onde Vladimir fora assassinado. Contudo, tem a sensação de que tal deveria acontecer, e não por acaso. Talvez, pensa Andrey, a sofrida experiência o fizesse intuir qual a trama oculta nos desígnios universais que o fizeram cúmplice do assassinato de Vladimir. Seria bálsamo para a sua alma concluir que ele, formado do pó de estrelas e de meteoros despejados nas profundezas do mar, nada poderia ter feito para evitar um fato escrito pela supremacia da Natureza sobre tudo o que existe, neste e em outros sem número de lugares que permeiam o cosmos. Porém, e se descobrisse que fora enredado pelas artimanhas do livre arbítrio, sendo o único responsável por aquele trágico instante? Andrey conclui que deve arriscar, para se libertar de vez ou assumir de vez o triste fato que jamais poderá mudar.

Seu pensar foi interrompido pela retorno de Nilus, mostrando-se surpreso ao ver já pronta a bagagem de Andrey. Entrega a ele a carta para Dobiev e abraça Andrey fraternalmente, deseja boa viagem e lembra que tão logo ele retorne a Petersburgo dariam início à peregrinação pela Rússia. Recomenda cuidado, e logo sente-se tomado por espécie de vertigem, mas não chega a ser sensação desagradável. É mais como um pressentimento de que a viagem de Andrey significaria algo de grande importância para o futuro. Não sabia se para o futuro da causa que defendia – a sobrevivência de Deus, ou para seu futuro pessoal.

E ali fica Nilus, recostado à janela, seguindo com o olhar os passos de Andrey e do mensageiro de Dobiev rumarem à gare para embarcar rumo a Moscou, de onde seguiriam para Sergiev Posad.

Ele está cansado. Muito cansado. Deixa a janela, alcança a estande, retira o exemplar de “A Ilha de Sacalina”, de Anton Tchekhov e refugia-se na leitura, talvez porque ele próprio sentisse a morte a espreitá-lo. A morte, tal qual espreitava aqueles prisioneiros que esse incomparável contador de histórias mostrou ao mundo, expostos em seus tormentos. Nilus lembra a bravura de Tchekhov que, aos 30 anos, mesmo diagnosticado com tuberculose, aventurou-se em viagem que exigiu vencer nove mil quilômetros, percorridos por trem, carruagem e navio a vapor até chegar ao Extremo Oriente de Rússia e daí à ilha-prisão de Sacalina,³⁸ localizada no Mar do Japão (ou Mar de Okhotsk). Como médico, Anton Pavlovitch Tchekhov visitou a colônia agrícola penal para onde o regime de Nicolau II enviava os proscritos. O intuito do médico era o de fazer recenseamento sanitário, mas a sua alma de escritor não ficou alheia aos horrores por ele presenciados. Tal a repercussão do livro-reportagem escrito por Tchekhov que acabou por dar fôlego ao movimento que desembocou no fim do regime prisional vigente na ilha.

Dentre tantos contos de Tchekhov reunidos em sua biblioteca, Nilus escolhe o livro-reportagem que fala de castigos cruéis, de substituição, da miséria estabelecida dentro e fora da prisão. Ele se sente como alguém que deve ser punido porque julga carregar cruz existencial pesada demais, e se vê diante de pessoas que carregam horrendas cruces reais, muito mais pesadas do que a dele. Talvez, pensa,

38 - A prisão da Ilha de Sacalina, como outros centros prisionais agrícolas da época, tinha em seu entorno comunidades formadas por famílias de ex-detentos. Uma vez cumpridas as penas, os prisioneiros eram libertados, mas não podiam retornar às origens. Recebiam pequena porção de terra para cultivo, traziam suas famílias e permaneciam sob dependência do regime. Conforme relatos de Tchekhov, nessas comunidades proliferavam a promiscuidade, os crimes, as degradações.

ler sobre a dor alheia torne menor a minha dor. Continua a reler “A Ilha de Sacalina” até que decide sair, vaguear nas cercanias, entrar em um café e ali ficar, observando a vida desfilar indiferente diante dos seus olhos. Agora, tudo o que tem a fazer é aguardar o retorno de Andrey e, finalmente, iniciar a peregrinação.



23. REVERSO

*Há uma hora de partida mesmo quando
não há lugar certo para onde ir.³⁹*

Dobiev esperava Nilus, mas foi surpreendido pela chegada de Andrey, porém, ficou igualmente feliz. Bastou-lhe apenas segundos para reconhecer no jovem à sua frente uma criatura renovada. Quem o prior abraça é um outro Andrey, sereno e, ao mesmo tempo, com a aura da decisão a envolvê-lo por inteiro. Enquanto caminham para o Refeitório onde um dia no passado o prior ouvira a confissão de Andrey, um vislumbre se apodera da lembrança de Dobiev – o corpo inerte de Vladimir sendo velado. Só um vislumbre. Dobiev sabe que o passado tenta se fazer presente, mas não deve ser assim. Afasta a lembrança, e apoiado no braço de Andrey chega ao refeitório. Acomodado ao lado do jovem, inicia a leitura da carta enviada por Nilus.

39 - Frase de Tennessee Williams (1911 – 1983), pseudônimo adotado por Thomas Lanier Williams III por recordação dos anos felizes que viveu em Nashville, capital do estado de Tennessee, Estados Unidos. Esse festejado dramaturgo norte-americano recebeu por duas vezes (1948 e 1955) o Prêmio Pulitzer de Teatro.

Amado irmão, amigo, mentor,

Infinitas saudações e respeito. Não tome por descaso a minha decisão de não retornar a San Sergio. Não o faço por temer não resistir ao impulso de registrar O Grande no Pequeno na Biblioteca de Londres. Esta decisão dói na minha alma, mas doeria muito mais se outras mortes decorressem por conta dos teores do apêndice da obra. Peço sua compreensão, e sinto que a terei.

Andrey quis viajar até você para vê-lo e contar o que vem acontecendo desde que você o encarregou de vir até mim. No primeiro momento que aqui chegou, ele contou o que ocorrera com Vladimir. Como, certamente, ocorreu com você, enxerguei nele alguém pronto para se entregar aos ensinamentos que nos aproximam do nosso Pai. Ele tem se mostrado aluno aplicado, e está pronto para levar avante o convite que fiz a ele, e que inclui Elena. Sairemos em peregrinação pela nossa amada Rússia. Andrey lhe contará mais detalhes.

Por agora, ainda me sinto um tanto perdido. Chego a me questionar se as eventuais mortes decorrentes da publicação de Os Protocolos poderiam evitar os milhões de mortes, ainda que intelectuais, que ocorrerão no caso de se cumprirem as profecias de Palau, somadas àquelas dos Irmãos e Irmãs do Deserto e outras, conforme os seus relatos. Não quero jogar dúvidas na sua alma, querido irmão. Você quis dissuadir-me de publicar os Protocolos, e aos teus argumentos outros se somaram, nada fraternos, de um desconhecido que me abordou em Veliky Novgorod, quando interrompi meu retorno a Petersburgo.

Não sei se alguns ou muitos homens sobreviverão ao que chamo de esquecimento, quando a vaga que virá adormecerá a mente e afastará os sonhos. Não mais homens. Apenas rochas. Só o Deus de grandeza absoluta para interromper as vagas que arrebentarão contra navios repletos

de ilusões e da ambição de enriquecer. Se algo maior não acontecer, não mais Terra. Apenas insondável escuridão resvalará sobre as rochas, e fará aparecer os maléficos encantos do canto da sereia, a envolver os poucos que ainda persistirem. Pobres humanos a mercê de sonhos, enveredando por caminho sem volta. Nos obscuros recantos antes cristalinos surgirá a imagem sinistra e tenebrosa que envolve. Antes de envolver, destruirá, para que o sentir não sinta o quanto é triste e sem sentido viver por viver, tão somente à espreita. A vida se esvairá, queiramos ou não. A morte da consciência prevalecerá, queiramos ou não. A melodia do silêncio embaulará a tristeza da prematura morte, e se transformará na sombra incontinente do amanhã que jamais chegará. É o que pressinto, levado pelo seu relato sobre o que acredita ser a origem de Os Protocolos. Preciso reagir.

Caríssimo prior, quero esgueirar-me da fuga, porque hoje sei que enfrentar é o melhor a fazer, ainda que eu não mais cogite publicar Os Protocolos. Não quero estender esta agonia. Perpassei de inutilidades a vida que tentei fazer útil, mas decidi que quero morrer em paz. Ao caminhar sob o Sol e a Lua da Rússia que tanto amo, acredito que não mais solucionarei o soluço dos vencidos, e minha alma será impregnada do perdão. Hoje acredito que há dois perdões. Depois que cada qual perdoar a si, e só então, virá perdão maior. Nem mesmo sei quais os piores erros que cometi. Penso que o empenho em publicar Os Protocolos foi um deles. Se, ao tomar tal decisão, eu soubesse o que me foi dado saber após o seu relato, eu teria feito diferente. Iria até onde fosse necessário para publicar não o retalho, mas a íntegra. Outro momento é o que vivo agora. Na minha peregrinação, tentarei plantar a semente que impedirá o homem de esquecer de si, e assim esquecer Deus.

Perdoa a minha ausência e deseja-me sorte. Com meus respeitos, admiração e minha eterna amizade, Sergei Nilus.

Dobiev termina a leitura invadido por enorme emoção. O tanto de verdade que há na carta de Nilus o deixa desconcertado. Talvez, ele pensa, fazer pouco seja melhor do que nada fazer. Logo ele, que tentou com veemência impedir Nilus de publicar *O Grande no Pequeno* com os Protocolos como apêndice; logo ele, que nessa intenção viu desaparecer a vida de Vladimir. Logo ele que, impactado pela carta de Nilus, coloca em dúvida sua intenção contrária à publicação.

- *O senhor está bem?* - pergunta Andrey, que ao observar o prior vê o semblante dele se anuviar e os músculos do rosto se contraírem, como se estivesse diante de algo indecifrável, cujos contornos sugeriam sérios eventos.

- Não, Andrey. Não estou nada bem. Durante anos, fui convicto no objetivo que agora, após ler a carta de Nilus, me parece errado. Por conta desse objetivo, Vladimir morreu, mas agora não consigo evitar pensamento contraditório. Sinto que o único que posso fazer para que a morte de Vladimir não tenha sido em vão é seguir o caminho oposto à motivação que me fez enviá-lo ao encontro de Nilus.

- *Peço desculpas, prior, mas não consigo alcançar o sentido das suas palavras*, disse Andrey, timidamente.

Então, como se um raio de Sol o iluminasse por inteiro, o prior Dobiev decidiu que *O Grande no Pequeno* deveria ser registrado na Biblioteca de Londres. Decidiu também perguntar a Andrey se ele estaria disposto a executar a tarefa, mas antes o faria conhecedor dos acontecimentos que até então haviam envolvido a publicação e sua história. Em relato várias vezes interrompido por Andrey, ávido em entender plenamente a intrincada teia exposta, Dobiev tudo esclareceu. Finalmente, pergunta a Andrey se aceita registrar o livro na Biblioteca de Londres.

- *Ao que entendi pelo seu relato, isso irá contra o que agora pretende o senhor Nilus, e a tudo que o senhor prior desejou até aqui.*

- Assim é, Andrey. Mas o teor da carta enviada por Nilus é mais um motivo a reforçar que ele desistiu de repercutir *O Grande no Pequeno* não por convicção sobre ser o melhor a fazer, e sim para evitar sofrimentos e mortes, como foi advertido pelo estranho que o abordou em Veliky Novgorod. Andrey, se você aceitar, este será o nosso segredo. Guardar segredo não é mentir. E se aceitar, será como homenagear Nilus por tudo que ele vem enfrentando por conta de *Os Protocolos*. Se você aceitar, eu farei chegar até Nilus a informação sobre a tua demora em retornar a Petersburgo. Direi que solicitei o retardo do teu retorno porque preciso que você realize para mim algo de grande importância.

Andrey solicita a Dobiev que lhe dê algum tempo para pensar, o que logo faz. Na manhã seguinte, apresenta-se ao prior para comunicar sua disposição em aceitar o pedido. Por sua vez, Dobiev prontifica-se em fazer chegar a Nilus a informação sobre o retardo do retorno de Andrey, “a quem solicitei executar tarefa que a minha idade já não permite”, escreveu mais tarde o prior na mensagem enviada a Nilus. Alguns dias depois, ao recebê-la, Nilus sente-se feliz pela confiança depositada por Dobiev em Andrey, e nem por um segundo algo lhe sugere tratar-se do registro de *O Grande no Pequeno* na Biblioteca de Londres.

Nova tarefa aceita, Andrey viaja para Londres, aonde chega na manhã de seis de agosto de 1906. Desde o centro da cidade, ele percorre a pé os poucos mais de três quilômetros do caminho que o leva a Westminster, bairro londrino⁴⁰ onde é localizada a Biblioteca de

40 - Até as primeiras décadas de 1900, Westminster era um bairro de Londres, limitado ao sul pelo rio Tâmsa. Hoje vigente, o status de cidade lhe foi conferido após a criação da Grande Londres, em 1965. Abriga os palácios de Buckingham e de Westminster, prédios históricos, órgãos públicos e o famoso Soho - bairro de entretenimento.

Londres, na Saint James Square (Praça de São Tiago). Andrey não apressa o caminhar, atento a observar a paisagem ao redor. É sem cansaço que atravessa a Praça de São Tiago e chega à Biblioteca de Londres. Ali, às 13h45, é registrada a entrada de *O Grande no Pequeno*. Andrey recebe o documento do registro, sob número 3.926 e então, missão cumprida, sente agora o cansaço que o empurra para a pousada indicada por Dobiev, onde permanece até a manhã seguinte, quando inicia o retorno a San Sergio.

PROFECIA*

Então, toda a terra, e o mar, e os montes, e os outeiros clamarão; as luzes celestiais chorarão pela raça humana (...). A terra e o mar chorarão, porque na boca dos homens cessará repentinamente a voz dos salmos e das orações; todas as igrejas de Cristo chorarão com grande lamentação, porque não haverá serviço sagrado (...). Após a conclusão de três anos e meio de poder (...), o Senhor finalmente virá, de acordo com o que foi dito, como um relâmpago brilhando no céu, o Santo, Deus Puríssimo, Terrível e Glorioso virá com glória incomparável (...). E o rio (fluirá) num terrível borbulhar, cheio de fogo. (...). Os justos, e todos os que não receberam o selo da serpente e dos ímpios, se regozijarão. (...) Todos aqueles que não aceitaram o selo do Anticristo e todos os que se esconderam nas cavernas se alegrarão.

*Fonte - Portal Ortodoxo ABC da Fé|Rússia – O Grande no Pequeno, edição comentada (<https://encr.pw/2xlCf>)



24. NOVAS REVELAÇÕES

*Deus não ama as almas fracas e as carnes
flácidas. O Espírito quer enfrentar carne forte
que lhe ofereça resistência. É ave carnívora,
dotada de fome insaciável (...).⁴¹*

Durante o retorno para San Sergio, a solitária viagem de Andrey lhe permite inúmeras reflexões sobre os recentes anos da sua vida, que lhe deram visão muito diferente do que antes imaginara ser o viver em mundo repleto de perigos a cada esquina. Não mais sente qualquer temor pelo futuro, porque está cercado de almas repletas de humanismo, de perdão e da inabalável fé que trabalha pelo amor fraterno. Recorda os relatos de Dobiev sobre Os Protocolos e o que o prior acredita ser a verdadeira origem da escrita. Admite que nem tudo coubera dentro do seu conhecimento, mas uma certeza toma corpo nas suas reflexões – se tão somente um décimo do que ouvira de Dobiev se concretizar, certamente a humanidade do futuro passará por momentos angustiantes. Mas, tal futuro lhe parece tão distante que o faz pensar poderá jamais chegar, impedido por acontecimentos ocasionais capazes

41 - Nikos Kazantzakis (1883 – 1957), na obra “A Última Tentação de Cristo” (1948), base para o filme (1998) de igual título sob direção de Martin Scorsese. Não raro considerado o mais importante escritor e filósofo grego do século 20, Kazantzakis produziu outras obras que originaram filmes de sucesso, a exemplo de “Zorba, o Grego”, com primeira publicação em 1943 (a versão cinematográfica data de 1964).

de mudar o rumo dos acontecimentos relatados. Andrey volta ao presente e agora seus pensamentos se fixam no palpável, enveredando um pouco para o futuro – a peregrinação que fará em companhia de Nilus e Elena, cuja importância aumentou à medida do relato de Dobiev. Sente-se feliz porque, por pequena que seja, dará sua contribuição para tentar manter viva no homem a chama que o faz humano.

De pensar em pensar, Andrey vence a longa viagem entre Londres e San Sergio que, atenuada pelos pensares, nem tão longa lhe parece. Nem mesmo sente cansaço ao chegar a San Sergio, desta vez, para entregar ao prior o documento do registro, na Biblioteca de Londres, de O Grande no Pequeno. Dobiev observa o documento e, diferente do que alimentou durante anos, pensa ter decidido pelo melhor a fazer. O registro não é a única decisão de Dobiev a respeito de *Os Protocolos*. Durante o período transcorrido pela viagem de Andrey a Londres e até seu retorno ao mosteiro, Dobiev priorizou entre seus afazeres reunir uma carta pessoal e o livreto que encontrara na cela um dia ocupada por frei Hidalgo. Esses conteúdos ele acomoda em discreto envoltório de couro, trespassado por uma cinta afivelada com pequeno, mas forte cadeado para dificultar a abertura.

- Caro Andrey, você já é um missionário. Desta vez, a sua missão é guardar com extremo cuidado o que agora entrego a você. O destinatário final é Nilus, mas você só entregará a ele quando entender que é chegado o momento adequado.

- Sua confiança muito me honra, prior, mas, quando saberei qual o momento certo?

- Não se preocupe. Será sua guia a sabedoria que você vem adquirindo e continuará a adquirir ao longo da caminhada junto a Nilus. Apenas, guarde consigo até ser chegada a hora. Muito do que está reunido aí é do

conhecimento de Nilus, porque fiz relatos quando ele aqui esteve pela última vez. Naquela ocasião, eu não disse tudo. Fiz relatos esparsos, um pouco por esquecimento, muito para poupar Nilus de referências que, por certo, atormentariam ainda mais sua alma cristã. Agora, após grande esforço, para além de lembrar com clareza trechos antes esquecidos das minhas conversas com o frei carmelita Sebastián Hidalgo, eu os ordenei conforme entendi ser sequência lógica. Cabe a você decidir se aproveitará a viagem de volta a Petersburgo para ler as escritas que agora estão sob sua guarda. Não digo que o faça, tampouco que não o faça, porém, sinto o dever de alertá-lo tratar-se de algo contundente, que muito poderá perturbá-lo. Se decidir pela leitura, peço que considere como grande segredo, e jamais comente o teor com quem quer que seja, nem mesmo com Nilus, antes de chegar o momento de dar conhecimento a ele.

Andrey fica aturdido, mas abraça a nova missão atribuída por Dobiev como quem recita a prece de entronização para rígida ordem religiosa. Por agora, sua intenção é não ler a escrita. Deduz que ler seria como violar algo direcionado tão somente ao seu mentor. E assim procedeu durante o seu retorno a Petersburgo, onde é recebido por Nilus e Elena já prontos para o início da jornada pelos mais diferentes recantos da Rússia.



25. a PEREGRINAÇÃO

*Sim, nada mais sou do que um viajante,
um peregrino sobre a terra!
E você, é alguma coisa mais do que isso?⁴²*

Partindo de Petersburgo, a peregrinação de Nilus, Elena e Andrey inicialmente os leva a Optina Hermitage. Eles se estabelecem nas cercanias do mosteiro, essencialmente masculino. Era possível a Elena visitá-lo, mas somente Nilus e Andrey podiam nele permanecer, o que fizeram por várias ocasiões e longos intervalos de tempo. À sombra dos serenos ambientes de Optina, Nilus colheu inspirações que se tornaram palpáveis em livros como Santuário Sob um Alqueire, Às Margens do Rio de Deus, O Poder de Deus e a Fraqueza dos Homens, todos eles a descrever com simplicidade, mas muita riqueza, a ampla piedade presente no eremitério.

42 - Da obra “Os Sofrimentos do Jovem Werther” (Die Leiden des jungen Werthers, título original em alemão), que em 1774 projetou por toda a Europa o nome do autor, Johann Wolfgang van Goethe, um dos escritores mais importantes da literatura alemã e do Romantismo europeu.

Após quase cinco anos nas cercanias de Optina Hermitage, chegara a hora de seguir adiante. Os três peregrinos rumaram para Valday, onde passam a viver em casa cedida por amigos. Não por acaso, Nilus escolheu a encantadora Valday, aconchegada às margens do lago de igual nome e rodeada por deslumbrante cenário natural. Para Nilus, a maior atração de Valday estava longe de ser os palácios de verão que ainda no século 18 começaram a ser erguidos ali pelas elites russas. Seu interesse era o Mosteiro Iversky, construído na ilha do Lago Valday por desejo e esforços do patriarca ortodoxo Nikon (1605 – 1681). Igualmente, era atrativa a vastidão que proporcionaria a ele levar avante a sua cruzada. Localizado cerca de 320 km de Petersburgo, Valday é distrito de Novgorod – cidade muito apreciada por Nilus por quantas alegrias ali colhidas, embora o encontro com Piotr ocorrera ali e representara um dos piores e mais tristes confrontos até então por ele enfrentados.

A partir da residência em Valday, era possível aos peregrinos observarem perfeitamente a beleza do Mosteiro Iversky – que visitavam, no mínimo, uma vez ao mês, utilizando pequeno barco para vencer a distância aquática entre a margem e a belíssima joia arquitetônica cuja construção fora iniciada na década de 1650. A cada visita, Nilus alternava entre as igrejas do mosteiro – a Catedral da Assunção, toda em pedra e a primeira a ser construída (1656) no conjunto; a Catedral da Epifania e a Igreja do Arcanjo Miguel. Para as suas reflexões, Nilus apreciava as catedrais ortodoxas desse mosteiro ilhota, assim como apreciava caminhar pelos povoados de Valday⁴³ para as suas pregações. “Esta natureza é, toda ela, igreja a levantar os braços para o céu e glorificar

43 - Valday ocupa porção do Parque Nacional Valday, em 1990 declarado Reserva da Biosfera pela Unesco. O parque é entremeado por 76 lagos e responsável por originar alguns dos mais importantes rios europeus, dentre eles, o Volga e o Dnieper.

Deus”, pensava Nilus ao caminhar pelas paisagens entremeadas por lagos e colinas, a fazer soar os seus alertas.

Valday era o ponto de partida de Nilus para cidades da região de Novgorod, uma delas Borovichi⁴⁴, às margens do rio Msta, outrora importante canal para conexão da Rússia Central com o Mar Báltico. Em Okulovka, Pestovo, Staraya Russa, Malaya Vishera, Chudovo e tantas outras cidadezinhas e vilas da região, Nilus deixou suas marcas através das pregações, para as quais nunca se mostrava cansado. Nilus, Elena e Andrey foram para muito além de Valday. Para os peregrinos, não havia noção de tempo nem de espaço. Havia apenas o dia, que nunca sabiam e nem desejam saber se era quinta-feira ou domingo. Como tantas vezes repetiu Nilus, “há apenas um espaço-tempo sempre igual – lugar onde pessoas precisam ser acolhidas, esclarecidas, apaziguadas. Espaço-tempo preenchido pelo amor do Deus criador de tudo”. Por aqueles tempos, Nilus encontrou a serenidade interior e, em simultâneo, a contundência de situações que o confrontaram. Em seu livro “Está Bem Perto, à Porta”, escrito em Valday, relata as várias perseguições e prisões de que foi vítima durante as suas peregrinações.

Nilus, Elena e Andrey viveram em Valday desde 1912. Nesse ano, ocorreu a Revolução de Fevereiro, provocada pela soma de manifestações e greves por parte de camponeses, operários e militares, que trouxe por consequência a queda de Nicolau II e do czarismo. No tempo que se seguiu à Revolução, era difícil viver em Valday, envolvida em conflitos. Em 1913, o príncipe russo Nikolay Davidovich Zhevakhov, ele também escritor, visitou Nilus no mosteiro de Valday. Ao saber que

44 - Em Borovichi podem ser vistos para além de 300 monumentos históricos e visitados 146 sítios arqueológicos.

procurava novo asilo, o príncipe o convidou a viver na propriedade Zhevakhov, em Linovitsa, na região de Poltava⁴⁵. Nilus, Elena e Andrey passaram a viver ali, onde eram visitados com frequência pelo príncipe.

Seguiram-se anos difíceis. Quem era descoberto tendo em poder livro escrito por Nilus era, simplesmente, fuzilado. Nilus, Elena e Andrey viviam sob grande pressão. As perseguições recrudesceram, mas Nilus continuou a escrever, em especial, os textos que se tornaram a segunda parte de *Às Margens do Rio de Deus*. Até que, em 1926, o pequeno grupo decidiu por viver em Chernigov, mas não permaneceu ali por muito tempo. Logo, eles seguiram para a aldeia de Krutets, na província de Vladimir, aonde Nilus passou os últimos anos de sua vida.

É fácil concluir porque Sergei Nilus escolhera a pequenina Krutets. Na vila, igreja de madeira foi construída em 1801 para homenagear São Sergio de Radonezh, o grande evangelizador da Rússia no século 14, a quem Nilus dedicava especial devoção e creditava seu renascimento espiritual, após juventude materialista. Não era este o único motivo. A quietude e a beleza do lugar compunham cenário ideal para Nilus continuar suas escritas. Durante o outono, folhas de coloridos quase inacreditáveis desprendem dos galhos das árvores e permeiam o bosque com tapetes multicoloridos, alheios às brumas do tempo que logo mais chegarão trazendo a neve que não será ferida pelo tímido, quase ausente, sol do inverno.

Janeiro, 23, 1929. Desde que iniciou a peregrinação acompanhado por Elena e Andrey e até chegar a este momento, Nilus passou por inúmeros aprisionamentos, em especial, após a Revolução de 1917, mas de todos foi libertado. No dia seguinte àquele, Nilus ficaria livre para sempre

45 - Desde 1991, Poltava faz parte da Ucrânia.

das suas dores e temores. Na manhã daquele 23, Andrey teve o seu acordar provocado por intensa dor no peito, mas não era física e sim, reflexo de tristeza profunda, dissociada do corpo, residente no espírito. À Andrey, doía a alma, impregnada da imagem e das palavras de Dobiev – *quando chegar a hora, você saberá*. Imagem e palavras recorrentes, Andrey concluiu que deveria levar ao conhecimento de Nilus os escritos reunidos por Dobiev e a ele confiados.

Andrey vai ao encontro de Nilus no pequeno quarto que ele ocupava e de onde há mais de uma semana não saía. Suas faces estavam pálidas, suas mãos, trêmulas, mas Andrey agiu serenamente, procurando não externar a preocupação que o tomava por inteiro. Aproximou-se, sentou-se à cadeira ao lado da cama de Nilus e resumiu o pedido feito por Dobiev ao confiar-lhe as escritas. Obteve de Nilus a resposta “estou pronto”. Ato contínuo, Andrey iniciou a leitura, a começar pela carta de Dobiev.

Caro Nilus, saudações em Cristo.

Recomendei a Andrey que desse conhecimento destes conteúdos tão somente quando entendesse não mais ser possível adiar. Assim procedi por ter certeza de que Andrey identificaria o momento certo para levar ao teu conhecimento o conteúdo. Infelizmente, tenho por conclusão de que no seu momento existencial você foi a grande vítima de algo que é infinitamente maior do que pode alcançar o nosso entendimento. Explico os fatos que me levaram a tal conclusão.

Antes de tudo, procurei na memória os diálogos entabulados com o frei Sebastian Hidalgo, quando ele aqui se hospedou. Mergulhei avidamente na vida de Francisco Palau, no que nos foi legado pelos monges e monjas do deserto e outros tantos que se detiveram a prescrutar a vida oculta pela vida. Pequenas partes são do teu conhecimento por conta da

conversa que entabulamos quando você aqui esteve pela última vez, mas nada do que você já conhece se compara ao que saberá a seguir.

Prepare-se, meu amigo. O que você vai ler ou ouvir de Andrey provavelmente o abalará profundamente, assim como abalou a mim. Alente-me saber que a imensa confiança por você depositada no nosso Criador será o bálsamo para a tua alma. Tenta ficar bem, amparado pelas mãos que até aqui e sempre o levaram pelos caminhos da fé. Do seu amigo-irmão, Dobiev.

Na sequência imediata, Andrey iniciou a leitura que daria a Nilus o conhecimento amplo do porquê dos mistérios em torno de Os Protocolos e de como se daria “a morte” de Deus. Terminada a leitura, a morte serenou a vida de Sergei Alexandrovich Nilus, cristão ortodoxo, professor, editor, pregador, ao mesmo tempo feliz e infeliz, incógnita para si e tantos quantos desejam desvendá-lo.

RÉQUIEM*

Sergei Alexandrovich Nilus morreu no dia 14 de janeiro de 1929, na casa do padre Vasily Arsentievich Smirnov, na aldeia de Krutets, onde foi sepultado. A aldeia, localizada na região de Vladimir, distrito de Alexandrovsky, é lugar belíssimo. Em especial no outono, as folhas caídas das árvores criam no solo multicoloridos tapetes, de surpreendentes matizes. O túmulo de Nilus, no qual se destaca alta cruz erguida por admiradores, é lugar de peregrinação para fieis ortodoxos, igualmente para sectários que ali acorrem para protestar. Crônicas literárias russas sobre Nilus apontam que ele modificou significativamente os gêneros tradicionais da prosa espiritual, usando entonações líricas, combinando fragmentos de diários e memórias com parábolas edificantes, e citações de jornais cotidianos com tradições e lendas. As obras criadas por Sergei Nilus foram endereçadas à intelectualidade conservadora, o clero e o monaquismo.

*Fonte: <https://www.alexnews.info/archives/10973>





26. apêNDICE

“O GRANDE NO PEQUENO”

Teor resumido do livreto encontrado por Dobiev Drozdov na cela de Sebastián Hidalgo, quando este foi hóspede no Mosteiro de San Sergio. Muito tempo depois, o livreto foi enviado pelo prior para Sergei Nilus. Nos últimos instantes da conturbada vida, Nilus tomou conhecimento do conteúdo por leitura de Andrey Melnikov, guardião do livreto.



livro produzido por Sergei Nilus, supostamente registrado na Biblioteca de Londres em 1906, leva por título “O Grande no Pequeno”. Por “Pequeno”, Nilus referiu o conteúdo da escrita que alertava para o “mundo sem Deus”. Por “Grande”, Nilus referiu os meios que, de acordo com o entendimento dele, levariam a tal desfecho. “Grande” é o apêndice com as 24 atas que constituem o libelo intitulado “Os Protocolos dos Sábios do Sião”.

O título “O Grande no Pequeno” bem pode ser aplicado a este *Os Protocolos – Uma História*. Enquanto o “Pequeno” é a saga de Nilus, o “Grande” é o resumo que vem a seguir. Nos momentos finais da vida, Nilus ouviu pela voz de Andrey Melnikov o relato contido no livreto que, década antes, o frei Dobiev encontrou na cela então ocupada por frei Sebastián Hidalgo, quando hóspede no Mosteiro de San Sergio.

Muito provavelmente, naquele momento, ao se despedir da vida na Terra, Nilus não teve tempo nem lucidez suficientes para interpretar o que ouvia. Mesmo porque, na segunda década dos anos 1900, dificilmente seria possível entender um arremesso ao futuro de tão grande monta – a não ser como ficção. No mais, diante da serenidade que acolheu as últimas horas de Nilus entre os humanos, vale pensar que ele foi poupado de entender o que ouvia.

Andrey leu para Nilus sobre como sábios, pessoas comuns, escritores, artistas, bem-intencionados, mal-intencionados, gananciosos, cristãos convictos estavam e continuarão induzidos a oferecer a sua parte intelectual para sustentar a reeducação dos humanos rumo a “um mundo sem Deus”. Contudo, o “mundo sem Deus” preconizado no livreto era o oposto da abordagem por tantos e tantos anos defendida por Sergei Nilus.

Preconizando o que hoje é chamado de Engenharia Reversa, acontecimentos mundiais já então iniciados se sucederiam, destinados a

fazer do homem “no fim assim como no princípio”. Para levar a cabo o que foi intitulado “O Grande Plano”, várias “distrações” foram planejadas para desviar a atenção e assim, evitar forças contrárias aos objetivos.

Por exemplo, para adeptos da beleza e da estética, proliferariam as academias; para os adeptos dos esportes, a oferta de competições e campeonatos cada vez mais envolventes, alimentados pelos meios de comunicação; para os religiosos, as novas igrejas, os cultos, textos e mais textos engrossando veementes movimentos para alertar para algo um tanto crível – o enfraquecimento da fé e conseqüente “morte de Deus”, enquanto batia (e bate) à porta o incrível - a definitiva extinção do homem.

Vozes se levantaram e se levantarão contra a “morte de Deus”, distraídas por inúmeras estratégias, enquanto o Grande Plano executa o Programa de Engenharia Reversa para que o homem retorne à sua origem. Em outras palavras, à condição de máquina, isento do “pecado original” porque alijado da condição do livre pensar. A morte que se avizinha é a morte do homem. Morrendo o homem, morrerá o Deus que nele reside.

O relato dá conta que tudo teve início quando as máquinas que trouxeram máquinas foram enviadas através do espaço-tempo com destino a Yarethyema – os Montes Urais. Foram programadas para cumprir duas missões. Uma delas, explorar as jazidas de minérios e minerais espalhadas ao longo de Yarethyema, em especial, ouro. A outra, catalogar as espécies das criaturas geradas do pó das estrelas e, no decorrer do tempo, atualizar a evolução delas na gigantesca memória do Grande Plano. Aqui, a finalidade maior – a escolha, pelo Grande Plano, do ser que teria primazia sobre os demais habitantes de Kryatenom – o planeta Terra.

Ao ser selecionado o ser dominante, a ele seria concedido o dom do raciocínio criativo, mas, além e sobretudo, que nele fosse mantido o dom natural a todas as criaturas de Kryatenom originadas do pó das estrelas

– a autorreprodução, com total independência. O processo foi longo. Inicialmente, os protótipos criados tinham muito mais de máquina do que de ser estelar. Os aspectos variavam – cabeças de aves, caudas de leão, corpos de serpente mas, sempre, estrutura principal de máquinas. Máquinas-serpentes, máquinas-leões, máquinas-aves, máquinas-yallyos (homens) transitavam entre os seres estelares, como se fossem um deles. Até que os yallyos se mostraram aptos à escolha do Grande Plano e assim, a exercer supremacia sobre os demais seres.

Nascia a máquina-homem. Máquinas construídas por máquinas à imagem das máquinas, sem descartar os percentuais dos elementos estelares para que não perdessem a capacidade da autorreprodução. Filhos do Pai Sol e da Mãe Terra, porém, máquinas. Ao invés de programa a rodar em microprocessador, o yallyo recebeu cérebro biológico e nele, a Ilha Escondida de Reil, onde reside o que o yallyo (o homem) foi, é e um dia não mais será.

E assim, desperto para o todo, o homem foi desnudado diante de si, tomado por emoções nem sempre por ele próprio compreendidas. O processo se alongou de reprodução em reprodução, até que não mais existisse o homem original, mas o homem transmutado em máquina pensante e já então à mercê das suas próprias decisões, o que o desviou totalmente dos interesses do Grande Plano.

Naquele então, quando o homem se desviou dos caminhos que, na verdade, não eram os caminhos dele, mas do Grande Plano, foi iniciada a Engenharia Reversa. Da mesma forma que a criação da máquina-homem demandou séculos, assim é com a Engenharia Reversa, iniciada ainda antes da Era Cristã e de tempos em tempos mostrando o seu avanço bem diante de olhos que teimam em não ver. Já nestes nossos dias, perderam força as ondas cerebrais emitidas pela Ilha Escondida de

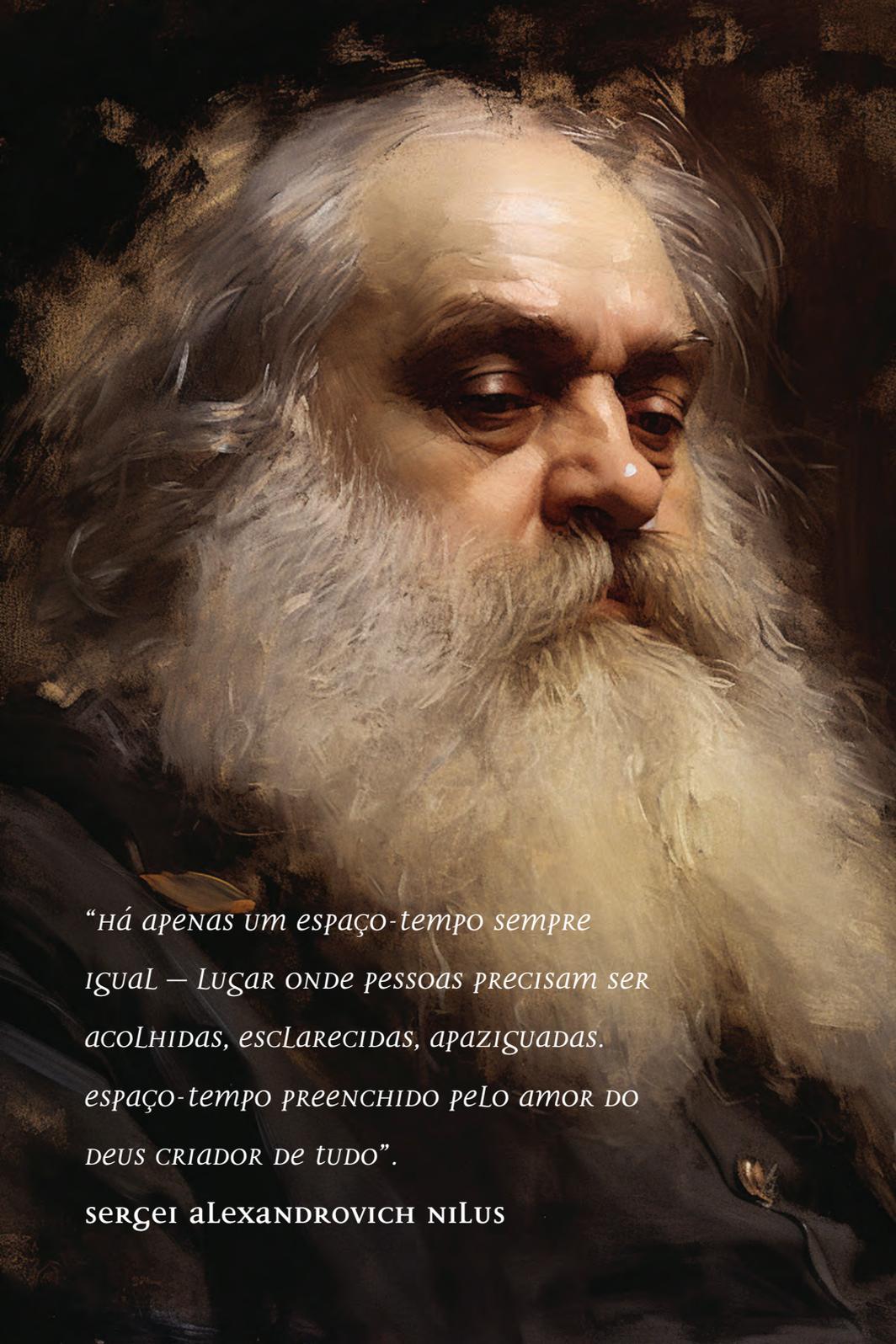
Reil. Assim será, até a emissão desaparecer por completo, quando estará concluída a primeira parte da Engenharia Reversa.

Suavemente como foi criada, a máquina-homem suavemente morrerá para dar lugar ao homem-máquina. O Grande plano não deseja provocar comoção universal. Induzirá libelos, induzirá escritas como aquelas de Francisco Palau, os Pais e Mães do Deserto, Nostradamus, Zaratustra, aí incluído Nilus, que não mediu empenho na tentativa de popularizar *Os Protocolos dos Sábios do Sião*. Tudo para manter o homem entretido com a morte de Deus, enquanto é a morte do homem que se avizinha.

No plano deste hoje triste planeta Terra, sem perceber, o homem descarta a Ilha Escondida de Reil para abraçar sem temor a Inteligência Artificial que o fará surdo às emoções que o tornam humano. Assim por alguns séculos, vários deles já decorridos, até que em Kryatenom não restar único yallyo original.

A Engenharia Reversa já avançou ao ponto de introduzir robôs humanoides no cotidiano dos humanos. Por sua vez, induzidos pela propaganda maciça muitas vezes oculta aos olhos, mas receptiva à mente, o homem começa, ele mesmo, a aproximar de si a aparência dos avatares, no corte dos cabelos, nos trejeitos, na maquiagem que provê a imitação. No fim assim como no princípio, com agravante – para o homem-máquina está reservado cérebro biônico artificial criado a partir de neurônios de roedor.

Finalmente, o texto lido por Andrey para Nilus encerra com uma pergunta - Tem volta? Por agora, não tem volta, diz o texto, mas interromper a Engenharia Reversa pode ter vislumbre na Zona Anômala de Perm, na pequenina aldeia Molyobskaya, nos Montes Urais. Muito provavelmente, onde tudo teve início e onde tudo poderá acabar.



*“Há apenas um espaço-tempo sempre
igual – lugar onde pessoas precisam ser
acolhidas, esclarecidas, apaziguadas.
espaço-tempo preenchido pelo amor do
deus criador de tudo”.*

SERGEI ALEXANDROVICH NILUS

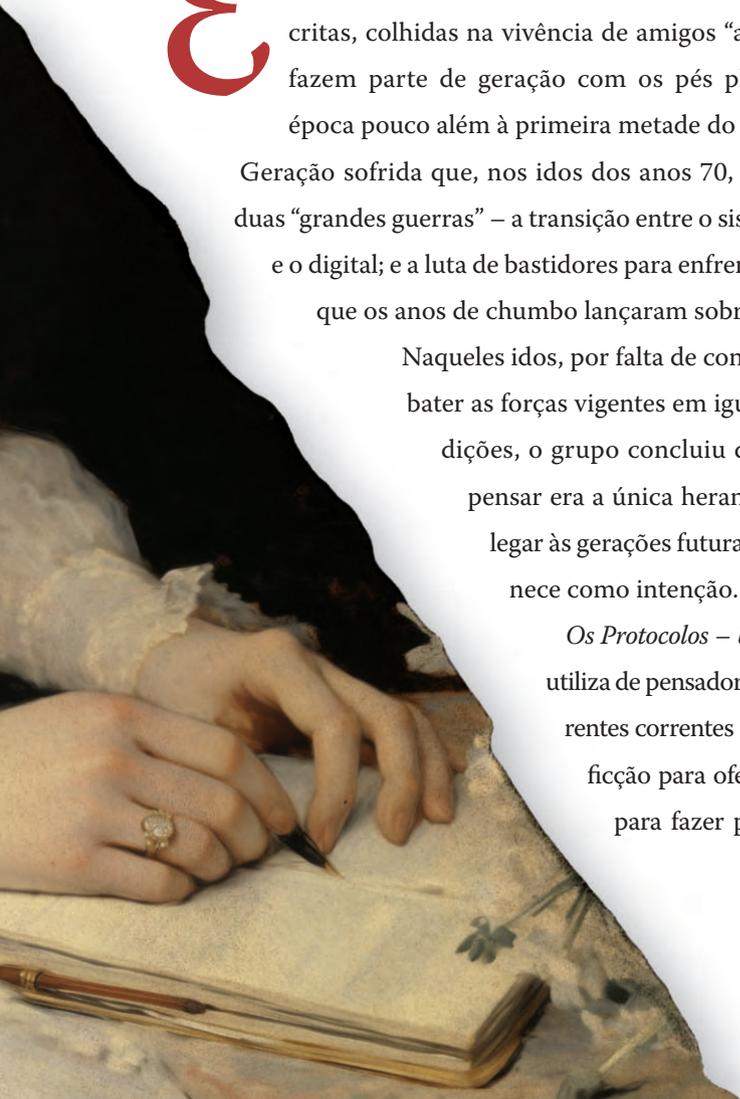
SOBRE OS AUTORES

É ilegítimo atribuir a um único autor a escrita de *Os Protocolos – Uma História*. O livro nasceu de conjunto de escritas, colhidas na vivência de amigos “analógicos”, que fazem parte de geração com os pés plantados numa época pouco além à primeira metade do século 20.

Geração sofrida que, nos idos dos anos 70, se situou entre duas “grandes guerras” – a transição entre o sistema analógico e o digital; e a luta de bastidores para enfrentar a gravidade que os anos de chumbo lançaram sobre o Brasil.

Naqueles idos, por falta de condições de combater as forças vigentes em igualdade de condições, o grupo concluiu que estimular a pensar era a única herança que poderia legar às gerações futuras, o que permanece como intenção.

Os Protocolos – Uma História se utiliza de pensadores das mais diferentes correntes e de pensares de ficção para oferecer sugestões para fazer pensar. Pensar é



preciso, para invadir os bastidores que apontam para as verdadeiras causas que geram os conflitos, todos eles.

Ousadamente, Giorgia Marcucci, tão somente alguém sem pretensão alguma que não a de estimular a pensar, assina por todos. Sergei Nilus é personagem escolhido para exemplificar os conflitos do ser humano à mercê do que presente, porém, desconhece o todo.

O estímulo ao pensar se estende à grandeza do enorme legado presenteado à humanidade pela alma do povo russo, na forma das mais diferentes artes. Independente de guerras ou de governantes, um legado que jamais deverá ser esquecido.

*a todos os que passam pelas
NOSSAS VIDAS e NOS ENSINAM a pensar.*

*a magui, fiel escudeira cujo estímulo é
responsável por esta escrita ter sido
CONCLUÍDA.*

*a pavel, que não obstante as suas
muitas lides, desde a Rússia dedicou tempo
para comentários enriquecedores.*

*ao meu eu verdadeiro que, finalmente,
permitiu a realização daquilo que eu sempre
desejei - MORAR DENTRO DE UM LIVRO.*

OS PROTOCOLOS

Uma HISTÓRIA

Talvez, a realidade que nos cerca seja tão somente o mundo refletido em poça d'água criada pela chuva. Talvez, o que conseguimos enxergar seja tão somente o contorno desenhado nesse espelho ocasional. Tais conjeturas permearam a vida de Sergei Alexandrovich Nilus, personagem real romanceado em *Os Protocolos – Uma História*.

Em Nilus reside a formatação da trama ficcional, apoiada em fatos históricos e em citações de famosos intelectuais, russos na maioria, exemplos da formidável herança cultural legada à humanidade pela Rússia. Há outras personalidades que surgem como interlocutores de Nilus, em situações que eliminam o conceito de espaço-tempo, a trazer ao presente o ontem e o amanhã. A trama tem por cenário cidadezinhas russas, percorridas por Nilus durante peregrinação em companhia do grande amor dele, Elena Alexandrovna Ozerova, dama de companhia de Alexandra Feodorovna, esposa do último czar russo. Ao final, o apêndice "O Grande no Pequeno" - absolutamente surpreendente.

ISBN: 978-65-00-89234-5

